

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG**  
**INSTITUTO DE LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA**

GABRIEL JORGE QUADROS DE PAULA

***O Caçador de Pipas e Os Papéis do Inglês: as instáveis fronteiras entre o romance autobiográfico e a autoficção.***

Dissertação apresentada como  
requisito parcial para a obtenção  
do Grau de Mestre em Letras

Orientador:

Prof. Dr. José Luis Giovanoni Fornos

Data da defesa: 22 de junho de /2011

Instituição depositária:

SIB – Sistema de Bibliotecas

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Rio Grande, junho de 2011

## **DEDICATÓRIA**

Apostando em uma concepção interativa e compreensiva da ciência literária dedico este trabalho aos autores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho, autores dos romances que trabalhei e aos autores e o corpo docente e discente do Mestrado de História da Literatura, indivíduos fundamentais no meu amadurecimento acadêmico.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a realização desta dissertação: A minha mãe Andira Quadros pelo estímulo, compreensão e carinho nas horas mais difíceis; ao amigo e orientador José Luis Giovanoni Fornos pela dedicação e por seu empenho acadêmico que muito me auxiliaram na elaboração desse trabalho. aos meus familiares e amigos pessoais, que, apesar de reclamarem de minha longa ausência, sempre compreenderam essa atitude profissional; ao corpo docente da Pós-graduação em História da Literatura e a meus colegas por possibilitarem leituras e discussões de fundamental importância para minha escolha científica; a Capes, que com sua política de incentivo à pós-graduação, oportunizou a minha bolsa de estudos.

## SUMARIO

Resumo .....	5
Resumen .....	6
Introdução .....	7
1 A Autoficção na narrativa literária contemporânea .....	11
1.1- O conceito de autoficção: prática comum na literatura contemporânea. ....	11
1.2-As características autobiográficas e autoficcionalis das obras <i>Os papéis do Inglês</i> e <i>O Caçador de Pipas</i> : dois exemplos literários .....	27
2 A autoficção nos romances <i>O Caçador de Pipas</i> e <i>Os papéis do Inglês</i> : estratégias e posturas .....	35
2.1- A autoficção nos romances <i>O caçador de Pipas</i> e <i>Os papéis do Inglês</i> : semelhanças e diferenças .....	35
2.2- O contexto Histórico Afegão e Angolano: representações existentes nos romances <i>O caçador de Pipas</i> e <i>Os papéis do Inglês</i> .....	42
2.3- O conceito de memória nos romances <i>O Caçador de Pipas</i> e <i>Os papéis do Inglês</i> : a fronteira limítrofe entre a história individual e a memória coletiva .....	52
3 A diáspora nas obras <i>O caçador de Pipas</i> e <i>Os papéis do Inglês</i> : relações com a idéia de autoficção.....	65
3.1- A diáspora nos romances <i>O caçador de Pipas</i> e <i>Os papéis do Inglês</i> : semelhanças com a história de vida de Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho .....	65
3.2- A trajetória de vida do Imigrante nos Romances <i>O caçador de Pipas</i> e <i>Os Papéis do Inglês</i> : proximidade com o passado histórico afegão e angolano.....	34
Conclusão .....	97
Referências .....	102
Romances .....	104

**Resumo:**

A presente dissertação visa tratar da presença do conceito de autoficção como uma ferramenta que mescla elementos da vida do escritor com a capacidade do mesmo de criar um universo ficcional baseado na fantasia e na sua subjetividade. Para analisar essa questão, escolheram-se dois romances. Estes são: *O Caçador de Pipas* e *Os Papéis do Inglês*.

Ao se interpretar essas obras, percebeu-se a presença da autoficção e verificou-se o efeito produzida pela mesma nos dois romances, focalizando os aspectos ideológicos, culturais e históricos que circundam estas obras e a trajetória pessoal dos autores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho.

## **Resumen:**

Esta dissertación há consistido em tratar la presencia de la autoficción como una herramienta que combina elementos de la vida del escritor con la capacidad del universo da ficción la fantasia y la subjetividad.

Ao si interpretar essas obras percebeu-se la presencia da autóficcion e lo efecto produzido pela misma nos dois romances, focalizando los aspectos ideológicos, culturales e históricos que circundam estas obras e la trajetória pessoal de los autores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho.

## **Introdução:**

A História do conceito de autoficção está relacionada à polêmica intelectual surgida na primeira metade da década de 70, envolvendo os intelectuais Philippe Lejeune e Serge Doubrovsky.

Preocupado com a falta de análises acerca do conceito de autobiografia, Lejeune decidiu escrever uma definição explicativa para esse conceito.

Lejeune (1974) entende que a autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz da sua própria vida, havendo neste tipo de escrita a identidade entre o a vida do autor e as ações praticadas pelo narrador e pelo personagem da narrativa em questão. Ciente desse pensamento, Serge Doubrovski decidiu problematizar a noção teórica estabelecida por Lejeune.

Doubrovski publica no ano de 1977, a obra *Le Fils* e nela ele deixa claro que o autor, pode sim criar uma ficção da sua própria vida, sem necessariamente explicitar isso em seu trabalho literário.

A partir da repercussão das idéias de Doubrovski, Lejeune se viu intrigado a repensar o modelo teórico construído por ele anteriormente. Philippe Lejeune reconheceu que quando se trata de literatura fica difícil estabelecer modelos rígidos (2008, p. 80).

Posteriormente outros teóricos como Lecarme e Phillippe Villain nos ano de 1999, se basearam na polêmica intelectual entre Phillippe Lejeune e Serge Doubrovski para afirmar que a autoficção, conceito criado por Doubrovski e autobiografia, criada por Lejeune diferenciam-se pelo fato da primeira tratar da vida presente do autor, enquanto o segundo trata do passado do indivíduo.

A partir desse momento, três instâncias vistas como opostas pela teoria literária tradicional, autor, narrador e personagem não puderam mais ser avaliadas da mesma forma, pois houve a produção significativa de um número de romances e de outras obras literárias que refletiam essa junção desses três tipos de categorias.

Consciente desse patamar teórico existente no campo literário decidiu-se estudar como nos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* os seus respectivos autores, Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho representaram suas experiências de vida, característica peculiar da autoficção. Paralelo a isso buscou-se

distinguir de que forma essa prática literária não expõe a fronteira limítrofe entre autoficção e autobiografia, que segundo analisou-se acaba refletindo a discussão sobre história e literatura e especialmente sobre verdade e ficção.

Para corroborar esse processo de análise utilizou-se como instrumental teórico as reflexões produzidas por Phillippe Lejeune em seu livro *O pacto autobiográfico* e Serge Doubrovski na obra *Le Fils*.

Diante disso, aproveitou-se também as considerações teóricas trazidas por Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, Roland Barthes e Stuart Hall.

Considerando-se o exposto até o momento, o problema científico principal que motiva esta dissertação concerne verificar a maneira que o conceito de autoficção foi importante na criação dos romances *O Caçador de Pipas* e *Os Papéis do Inglês*, verificando como ele refletiu as experiências de vida dos escritores destas obras e a possível dificuldade em distinguir a prática autoficcional da prática autobiográfica.

Associado a este objetivo principal, integro uma leitura crítica dos dois romances elencados acima, e a sua relação com a história de vida de Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho e do contexto histórico angolano e afegão, pois acredita-se que ao se fazer isso compreende-se mais facilmente a estratégia de Hosseini e de Duarte de Carvalho de ficcionalizar suas experiências de vida.

Nesse sentido, esta dissertação justifica-se por vários aspectos e dentre eles, pode-se afirmar a necessidade de analisar a discussão que envolve o conceito de autoficção em romances de caráter biográfico, a necessidade de verificar o surgimento de várias obras cuja temática gira em torno da história de vida, o fato de ambos os romances tratarem naradores-personagens que tiveram de se deslocar territorialmente e pertencem a nações que passaram por um passado colonial, portanto analisar como este passado foi retratado e os embates existentes nesta sociedade, tornam-se critérios indispensáveis de análise, especialmente no contexto contemporâneo moderno, onde as identidades étnicas e sócias adquirem força simbólica e servem como um mecanismo de posicionamento político.

Assim os objetivos dessa dissertação são:

1- verificar como o conceito de Autoficção foi utilizado pelos escritores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho para ficcionalizar suas vidas

2- estabelecer uma análise de como o conceito de autoficção possui relação com o conceito de autobiografia, percebendo o porquê da dificuldade de distinguir estes dois conceitos.



3- Analisar como as experiências diáspóricas de Khaled Hosseini e de Ruy Duarte de Carvalho foram representadas pelos naradores-personagens dos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*.

O campo teórico recorrido nesta dissertação conta especialmente com as contribuições das correntes mais atuais da teoria e da crítica literária, desde as propostas teóricas estabelecidas por Phillippe Lejeune e Serge Doubrovsky até as teorias dialógicas de Mikhail Bakhtin e da análise teórica e social estabelecida no âmbito literário por Roland Barthes. Merece contribuição também as contribuições teóricas acerca do conceito de memória produzidas por Maurice Halbwachs e Walter Benjamin, pois a idéia de memória é crucial para a análise de obras com teor autobiográfico como os romances escolhidos para esta pesquisa.

Por sua vez, são utilizados os enfoques da ciência literária próprios do âmbito metodológico da teoria literária moderna ou pós-moderna e da escola cultural como alguns tais como Stuart Hall, Cristine Momberger e dos estudos históricos como Pierre Nora, que apesar de ser historiador de formação, pertence à terceira geração da escola dos Annales, que aproximou a história da literatura.

Recorro ainda a procedimentos característicos da literatura comparada, da análise narratológica de inspiração pós-estruturalista do texto literário, que diz a respeito também ao sistema geral da cultura e do pensamento ocidental.

O princípio metodológico que orienta esta dissertação é de natureza lógico-histórica. Nesse sentido, no primeiro momento faço uma historicização do conceito de autoficção, o contexto em que ele surgiu e o embate surgido entre Phillippe Lejeune e Serge Doubrovsky. Recorro ao método histórico no que se refere à articulação do contexto social francês da década de 70 do século XX e o tipo de literatura que a partir desse momento tornou-se comum, a de obras de caráter autobiográfico nitidamente declarado ou que possuem aspectos biográficos, mas que não explicitam os mesmos de forma clara, obrigando o leitor e a crítica especializada a estudarem a vida do autor e tentarem compreender como esta é representada em sua obra. Num segundo momento demonstro os exemplos literários e autobiográficos peculiares ao romance de Khaled Hosseini e de Ruy Duarte de Carvalho.

No segundo subtítulo dou prosseguimento à análise do conceito de autoficção e a maneira como este relaciona-se ao contexto histórico afegão e angolano e ao tipo de memória decorrente da vivência de Hosseini e Duarte de Carvalho em suas nações de origem.

No terceiro subtítulo, o conceito de diáspora torna-se imprescindível para compreender como os autores dos romances *O Caçador de Pipas* e *Os Papéis do Inglês* conseguiram por meio de suas experiências de vida criar o enredo de seus livros. Após fazer essa consideração, discute-se como isso evidencia a fronteira limítrofe que separa a história da literatura e a ficção e a realidade.

## **1-A Autoficção na narrativa literária contemporânea**

A narrativa literária contemporânea, sobretudo nas últimas décadas, tem sido marcada por uma imensa produção de romance que vêm problematizando a noção de autobiografia, romance autobiográfico e o conceito de autoficção. Desde a década de 70 com a publicação da obra *Le Fils*, Serge Doubrovsky demonstrou que a definição outrora existente acerca da diferença entre o romance autobiográfico e autobiografia não era mais satisfatória no meio literário. Com a publicação desse livro, houve uma modificação na maneira de se analisar os textos ficcionais.

Nesta perspectiva, entende-se que verificar a presença do conceito de autoficção na literatura contemporânea, tomando como exemplos os romances *O Caçador de Pipas* e *Os Papéis do Inglês*, torna-se fundamental compreender como tal conceito é importante na prática literária, verificando o efeito produzido por tais livros.

### **1.2- O conceito de autoficção: prática comum na literatura contemporânea.**

A autoficção tem sido um conceito utilizado no campo dos estudos literários nos últimos anos. A discussão acerca da autoficção inicia-se no campo da literatura nos anos 70 através da publicação da obra *Le Fils* de autoria de Serge Doubrovsky. Essa obra foi escrita na tentativa de Doubrovsky, problematizar o conceito de biografia e de autobiografia existente na década de 70 do século XX. Para entender o impacto das idéias de Serge Doubrovsky, deve-se lembrar da teoria do pensador Philippe Lejeune.

Lejeune é um dos principais teóricos da literatura. Sua contribuição intelectual foi ter introduzido no meio acadêmico francês o conceito de autobiografia. Lejeune explica que sua preocupação com tal conceito se deu após o chamado maio de 1968, período histórico no qual os padrões científicos existentes na França foram repensados e questionados. Ciente de que em outros países como os Estados Unidos, a Inglaterra e a Alemanha, já vinham produzindo estudos aprofundados sobre o gênero autobiográfico, Lejeune criou uma definição para o que ele entedia ser autobiografia.

Segundo Lejeune a autobiografia é:

Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real se faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade. (*L'autobiographie em France*, Paris, Armand Colin, 1974).

A definição dada por Lejeune sobre a autobiografia permitiu que se levasse em conta a existência de um gênero literário pouco estudado pelos franceses, apesar da existência da obra do próprio Lejeune *L'Autobiographie em France*.

Lejeune (2008) argumenta que para se introduzir um conceito novo é necessário que se crie inicialmente um significado sobre ele. Para o pesquisador francês a autobiografia seria composta por quatro categorias diferentes. Estas são: narrativa em prosa, o assunto relativo á vida de indivíduo, geralmente de uma personalidade conhecida, a identidade do autor que deve se remeter a pessoa real do narrador e a semelhança entre a vida de quem vive e do personagem principal da narrativa em questão. As considerações feitas pelo teórico francês sobre o que ele considerava serem as características do gênero autobiográfico geraram no próprio autor a seguinte dúvida: Como se poderia diferenciar a autobiografia do romance autobiográfico? Tal questionamento adveio do fato de que muitos romances narrados em primeira pessoa serem lidos e entendidos como um tipo de autobiografia quando na verdade para Lejeune, denominam-se romances autobiográficos. Lejeune expôs que:

O autor é, pois, um nome de pessoa, idêntico, que assumem uma serie de textos publicados diferentes. Ele extrai sua realidade da lista das primeiras obras, freqüentemente presentes no próprio livro. A autobiografia (narrativa que conta a vida de um autor) pressupõe que haja uma *identidade de nome* entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala.

Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, retrato, auto-retrato).

Uma objeção vem logo á mente: e os pseudônimos? Objeção fácil de ser descartada, a partir do momento em que o pseudônimo é definido e diferenciado do personagem fictício. (Lejeune, 2008, p. 23-24).

A citação acima corresponde á idéia existente na França no ano de 1975, sobre o que se considerava ser o pressuposto que distinguia autobiografia e romance autobiográfico, a identidade real entre narrador, personagem e autor, algo que segundo Lejeune poderia ser comprovado pela existência real do escritor. Ciente dessa situação, Doubrovsky decidiu problematizar o conceito de autobiografia defendido por Lejeune.

Doubrovsky conseguiu definir tal propósito em sua obra *Le Fils*, demonstrando que era possível escrever um romance com o nome próprio do autor, algo que Lejeune não acreditava que pudesse ser feito.

Doubrovsky afirmou que:

Autobiografia? Não, Isto é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais; se quiser autoficção, por ter confiado á linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita antes ou depois da literatura, concreta como se diz, em música. Ou ainda: autoficção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer. (Dobrovsky, 1997).

A autoficção surge como uma possibilidade do autor criar uma ficção onde a sua própria vida sirva como tema de enredo. No caso de Dobrovsky, sua escrita trata da perseguição sofrida durante a ocupação da cidade de Paris pelos nazistas. Essa situação levou Serge Dourovsky a sofrer um abalo emocional significativo. Na tentativa de solucioná-lo Dobrovsky se utilizou da escrita como uma forma de expressão de seus sentimentos. Numa entrevista concedida a Philippe Vilain, Dobrovsky expôs que a autoficção se diferencia da autobiografia pelo fato da primeira se interessar pelo presente da vida humana, engajando o leitor em relação ao que está sendo narrado, enquanto a segunda se interessa pelo passado de uma determinada personalidade. (Dobrovsky apud Vilain, 2005, p. 187).

Em relação ao debate intelectual que envolveu Lejeune e Dobrovsky, Lecarme (1999, p.268) afirma que o legado deixado pelo empreendimento científico de Serge Dobrovsky foi o de estabelecer a idéia de que o conceito de autoficção se manifesta por meio de uma prática simples que consiste em fazer com que três categorias vistas como opostas pela teoria literária tradicional, o autor, o narrador e o personagem assumam a mesma identidade e que sua atuação pode funcionar tanto em uma obra assumidamente autobiográfica, ou num romance como características autobiográficas.

A partir disso, o discurso no texto literário assume um papel importante no campo da literatura. Ele não era mais só o instrumento pela qual um determinado intelectual expôs a sua realidade, mas acima de tudo, tornou-se o meio pela qual essa realidade pode ser representada e construída ficcionalmente.

Os aspectos extratextuais outrora negligenciados começaram cada vez mais ganhar a atenção dos teóricos, que compreenderam que o contexto histórico que abarca uma obra literária determina dentro de certas particularidades, o estilo estético desta e a maneira pela qual a mesma se tornará conhecida.

Quando se pensa em obras *O Caçador de Pipas* e *Os Papéis do Inglês*, já em seu início entende-se que os dois autores mesclaram aspectos da sua vida pessoal e profissional com as ações desempenhadas pelos narradores-personagens de suas obras.

Isso se comprova pelo fato do narrador-personagem do romance *O caçador de Pipas* ser um imigrante árabe que vai morar nos Estados Unidos devido á perseguição política, situação semelhante á vivida pelo escritor Khaled Hosseini. Já no livro *Os Papéis do Inglês*, o narrador-personagem é antropólogo e tem como principal objetivo analisar o passado das sociedades africanas, como forma de se combater o eurocentrismo, postura essa praticada pelo escritor *Ruy Duarte de Carvalho* na vida real.

Diante da polêmica gerada pelas idéias de Doubrovsky, Philippe Lejeune que era nos anos setenta a grande autoridade literária na França, deu início a um processo de reflexão sobre a distinção entre autobiografia e romance autobiográfico e sobre as noções existentes em relação ao que se considera ser no campo da literatura o conceito de autor, narrador e personagem:

O objetivo deixou de ser o estabelecimento de um corpus, com pontos fixos tranqüilizadores, mas compreender a variabilidade histórica que se abre, ao mesmo tempo para o passado e o futuro: quantas combinações ainda não foram tentadas! Havia um fechamento em *L Autobiographie en France*, ao passo que o método analítico de *Le pacte autobiographique* me parece bastante aberto. Prova disso é que me serve até hoje para analisar os meios de comunicação, aos quais, em 1971, nem sonhava em me dedicar. Fui fascinado pela história o quadro de Mendeleiv, mas é claro, há algo que não funciona nessa analogia: em literatura não existem elementos fixos. (Lejeune, 2008, p. 80),

A reconsideração feita por Lejeune em relação ao que ele entendia ser os conceitos de autobiografia e a relação que o mesmo possui com o romance, empreendimento feito por Doubrovsky na obra *Le Fils*, denominado de autoficção foi de grande importância para entender como a teoria de Lejeune se renovou e pôde penetrar tanto no campo da literatura ficcional, quanto na análise das mídias contemporâneas, como a televisão, o cinema e a internet.

Na medida em que houve essa mudança na visão do autor, percebe-se que Lejeune se conscientizou de que não bastava só estabelecer conceitos fixos quando se trata de ciências humanas, principalmente quando tal estudo envolve textos escritos por indivíduos que tenham vivenciado coisas que eles mesmos narram em seus universos ficcionais.

Existem ambigüidade nesse tipo de escrita chamada autoficcional, pois muitos romances autobiográficos são lidos e interpretados por parte do grande público leitor como um tipo de autobiografia. Tal tipo de situação suscitou a discussão sobre como classificar os romances de caráter biográfico e a diferença entre biografia e autobiografia.

François Dosse (2000) argumenta que os críticos literários e os leitores em sua grande maioria concebem a biografia como uma obra escrita que trata da vida de indivíduo, enquanto a autobiografia, seria a escrita da vida de uma pessoa feita por ela mesma.

O gênero biográfico em sua essência é híbrido, porque ele articula situações reais, com situações imaginárias, pois toda obra de caráter biográfico, possui recordações e memórias, elementos que para serem transpostos para o texto exigem do autor em questão uma reconfiguração do seu passado.

Gênero híbrido, a biografia situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador.

Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é garantida ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica. (François Dosse, 2000, p, 55).

François Dosse expõe o caráter híbrido da biografia. A narração de vida de qualquer indivíduo não precisa se restringir unicamente ao caráter memorialístico, podendo ser exposta num romance, num poema ou até mesmo numa biografia que não explicita de modo objetivo as fontes consultadas pela vida do biografado. Além disso, qualquer texto que possua elementos biográficos é problemático, devido às dificuldades que ele comporta em possibilitar a verificação da veracidade dos fatos que o mesmo relata.

Segundo Ruth Kluger (2009), o debate que envolve o limite entre a verdade e a mentira dentro de um texto ficcional de caráter autobiográfico é intenso. Esta autora cita como exemplo a obra de *Benjamin Wilkomirski* que escreveu sobre sua suposta experiência como uma criança judia num campo de concentração. Diante de uma escrita convincente, *Benjamin Wilkomirski* que escreveu uma suposta experiência de uma criança judia num campo de concentração nazista. Diante de uma escrita persuasiva, Benjamin fez com que vários leitores associassem a sua narrativa de testemunho como uma prova irrevogável de que este autor tinha vivido os acontecimentos que narrava em seu texto e de que esse era um autêntico exemplo de autobiografia. Tempos depois, descobriu-se que a história de Benjamin Wilkomirski era uma farsa e de que ele na verdade tinha simulado uma identidade diferente da sua de origem, Situações como essa evidenciam os cuidados que o pesquisador deve ter em trabalhar com textos de teor biográfico. É justamente ao se poder ficcionalizar uma história humana, seja ela real, ou

totalmente fantasiada e fabricada como no caso de Benjamin, que percebe que a diferença entre autobiografia e romance autobiográfico é reducionista e não dá conta de várias estratégias de criação textual existentes.

A própria reconsideração feita por Lejeune em sua obra *O pacto autobiográfico 25 anos depois*, já deixa claro que os teóricos do campo da literatura não conseguem mais estabelecer uma divisão rígida e precisa sobre o que é uma obra de caráter biográfico baseada em experiências reais ou uma obra ficcional, ocorrendo em muitos casos, como nos livros escolhidos para essa dissertação, uma mistura entre o real e imaginário.

Lejeune admite que:

[...] a autobiografia *a la Rosseau* é umas das muitas combinações possíveis, mas para mim, o essencial, continua sendo confesso, o pacto quaisquer que sejam as modalidades, a extensão, o objeto de discurso de verdade que se prometeu cumprir. (Lejeune, 2008, p. 81).

Essa situação gerou discussões dentro no campo literário e alguns intelectuais se debruçaram em estudar duas problemáticas. Estas são: Como uma narrativa literária pode expor a memória de uma vida humana? O segundo questionamento é como esse processo de rememoração se relaciona com contexto histórico do qual uma obra ficcional se origina?

Ciente disso, Philippe Gasparini (2004, p. 17) em seu livro chamado *Est il jê?* reflete sobre a contribuição trazida pela polêmica que envolveu o debate do pensamento intelectual de Philippe Lejeune e de Serge Doubrovsky para o campo da crítica literária.

Gasparini (2004) entende que o texto ficcional, no qual se inclui o texto autobiográfico, se opõe a chamada referencialidade, prática textual que estabelece referências no que tange ao tipo de destinatário escolhido, chamado leitor ou receptor e apontamento de dados e informações acerca do espaço social ao qual tipo de texto se refere. Essa reflexão trouxe á tona um outro desdobramento relativo ao romance baseado em experiências pessoais do autor. Já que o romance autobiográfico põe em questão a possibilidade de um certo indivíduo rememorar sobre seu passado, a noção de autoficção defendida por Doubrovsky não seria uma forma de problematização do que se entende ser um texto autobiográfico? O questionamento apontado torna-se plausível a partir do momento que se verifica que em alguns romances como o *Caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*, não estabelecem em contato de referencialidade com o leitor, pressuposto teórico defendido por Lejeune nos anos 70.



característica era o fato do autor definir quem era seu destinatário e estabelecer muitas vezes na própria capa de obra o estilo do gênero ao qual texto pertence. Após o impacto do pensamento de Serge Doubrovsky, tornou-se comum o surgimento de romance onde a noção de ‘pacto autobiográfico’, foi desrespeitada. Gasparini declarou que Lejeune reconheceu o papel assumido pela idéia de autoficção: [...] “o termo designa a lacuna existente entre a autobiografia que não se assume como tal ficção que não se quer separar do autor”. (Lejeune, 2002, p. 32). Mesmo com reconhecimento de Lejeune, o debate sobre a veracidade do romance autobiográfico e a capacidade dele em representar a memória da vida de um indivíduo persistiu. A saída encontrada para esse tipo de discussão intelectual foi à reflexão sobre a função da memória e de como essa pode estar presente no romance literário e sua relação com a objetividade histórica.

Walter Benjamin dedicou-se durante sua carreira em estudar o texto memorialístico.

Para Benjamin (2000), o texto baseado em memórias pessoais representa sempre um outro indivíduo que ao rememorar seu passado compreende que ele é diferente daquilo que foi, portanto, sua lembrança não pode ser fielmente reproduzida. Ao concluir isso, Benjamin auxiliou a crítica literária a entender que a memória é algo bastante fluído, cheio de omissões, deformações e imperfeições e que, ao ser transposta para qualquer tipo de narrativa, dentre elas, um romance, assume o papel de dar uma coesão para uma vida humana, isto é, um sentido e uma utilidade para a mesma. Qualquer pessoa quando relembra o seu passado diminui a angústia em relação ao futuro, já que se sabe que ele será reflexo daquilo que se fez anteriormente e daquilo que ela faz sua atualidade. Pode ser afirmar claramente que o conceito de memória assumiu nos últimos anos destaque entre os literatos reaproximou duas ciências que tinham sido muito próximos no século XIX e que depois se afastaram, a história e a literatura. Essa reaproximação está interligada ao segundo tipo de questionamento que emergiu do legado deixado pelo confronto intelectual entre Philippe Lejeune e Serge Doubrovsky. Antes de analisá-lo, deve se apontar como o conceito de memória é compreendido atualmente. Para isso, utilizou-se a noção fornecida pelo dicionário dos conceitos escrito por Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva.

Segundo o dicionário:

O século XX vivenciou a expansão de estudos sobre a memória na Arte e na Literatura. O Surrealismo nas artes plásticas, estilo dos pintores como Salvador Dalí, por exemplo, preocupado com os sonhos, passou a se melhor

exemplo de uma elaboração literária da memória. Outro é o conto de Jorge Luis Borges, “Funes, o memorioso” que explora a possibilidade de um indivíduo que nunca se esquece de nada, e com isso o faria perder a própria capacidade de pensar, visto que esta se baseia na seleção e associação de memórias.

A interdisciplinaridade nas ciências sociais também modificou a percepção de memória coletiva. Já a partir de Halbwachs, em 1950, o estudo da memória coletiva, considerando também a importância da memória para a definição das identidades. (Dicionário dos Conceitos Históricos, 2006, p. 277-278).

Esse despertar em relação a memória ocorrido tanto na história quanto na literatura permitiu que se entendesse que num texto com elementos autobiográficos e ficcionais, há a presença da memória individual representada pela vida do escritor da memória coletiva, já que a memória de qualquer pessoa é refração das outras memórias que lhe foram repassadas durante a sua vida.

Walter Benjamin também estudou esse aspecto e se utilizava de uma metáfora para simbolizar a memória transposta para o meio textual. A metáfora era chamada de *Penélope Mitológica*, que nada mais era do que a alusão à personagem Penélope da obra *Odisseia* de Homero. Nesse clássico da literatura ocidental, Penélope, esposa de Odisseu, tecia um tapete. A função disso era simbolizar a passagem do tempo, pois essa personagem aguardava o retorno de seu marido Odisseu à ilha de Ítaca. Através desse exemplo, Benjamin conseguia entender como a memória se processa e o que se decide lembrar e aquilo que é omitido. A partir da narração dos episódios, “a lembrança adquire um status de trama e o esquecimento é a linha que as costura”. (Benjamin, 2000, p. 136). Essa ideia evidenciou a máxima defendida por René Descartes, porque na medida em que o sujeito pensa sobre o seu passado, ele adquire a noção de que ele existe, sendo a representação básica do axioma, penso, logo existo. Esse processo de relembrar a trajetória de vida, faz com que se volte à discussão da veracidade histórica, problematizando a noção do que se entende por história, algo estabelecido ao longo do século XIX e XX.

Destaca-se como estudiosa desse tema, a pesquisadora canadense Linda Hutcheon. Para Hutcheon (1991), a época pós-moderna se caracteriza por problematizar a noção de história e essa problematização se manifesta no questionamento da maneira pela qual a história deve ser contada. Naturalmente, o debate entre verdade e mentira, entre realidade e mito se encontra presente em tal proposta teórica. O discurso histórico não é mais visto como uma verdade absoluta e não há por parte dos escritores de obras literárias uma crença de que, ao conceberem romances que dialoguem com questões

históricas e experiências individuais, eles estarão descobrindo uma moral histórica que lhe permita modificar a realidade, mas sim ver que essa realidade nada mais é do que um conjunto de discursos que foram transmitidos e assimilados ao longo do tempo. Hutcheon denomina tal tipo de obra, de *metaficção historiográfica* e expõe que:

[...] a metaficção historiográfica nos lembra que, embora, os acontecimentos tenham mesmo ocorrido no passado real e empírico, nós denominamos e constituímos esses acontecimentos como fatos históricos por meio da seleção e do posicionamento narrativo. E, em termos ainda mais básicos, só conhecemos esses acontecimentos passados por intermédio de seu estabelecimento discursivo por intermédio de seus vestígios no presente. (Hutcheon, 1991, p. 13).

Linda Hutcheon dá um outro nome para a literatura que aborda aspectos históricos e biográficos. Entende-se a originalidade da pesquisadora, frente a seus outros colegas, como Lejeune, Cristine Momberger, Serge Doubrovsky, dentre outros, é o fato de Hutcheon ter dado o devido destaque a uma abordagem científica que articule como o contexto histórico de um determinado lugar interfere no tipo de romance que é produzido. Além disso, Hutcheon chama a atenção para o fato de muitos romances servirem como ferramentas de expressão para os escritores representarem fatos históricos de suas nações e de suas vidas, revelando suas intenções e propostas ideológicas.

Existe uma abertura para a subjetividade do criador da obra, o narrador de um romance metaficcional cria discursos que questionam os fatos históricos, argumentando que existem outras formas de se enxergar a realidade e de que o passado não é algo acabado totalmente, mas deixou vestígios e que estes vestígios devem ser problematizados criticamente. O interessante é quando se verificam quais seriam estes vestígios, há um número enorme de objetos, que vão desde tipos textuais, como cartas, manuscritos, até relatos orais, onde a vida do indivíduo serve como metáfora do passado histórico de um certa comunidade social ou de uma nação.

Esse tipo de literatura valoriza fortemente o discurso do narrador e há uma relação próxima entre o que o narrador narra, o que o escritor viveu e os que os personagens da obra praticam.

Um dois maiores estudiosos da importância do discurso da literatura e da valorização da linguagem estabelecida por cada escritor dentro de uma obra literária foi Roland Barthes. Toda a sua atividade acadêmica desde os anos 60, se pautou em tentar

entender a especificidade do código literário, frente a outros códigos lingüísticos, valorizando a literatura como arte que trabalha com a linguagem:

Essa nova verossimilhança é muito diferente da antiga, pois não é nem o respeito das “leis do gênero” nem sequer a sua máscara, mas procede a da intenção de alterar a natureza tripartida do signo para fazer da notação o simples encontro de um objeto e de sua expressão. A desintegração que parece ser a grande causa da modernidade está certamente presente no empreendimento realista, mas de maneira algo regressiva, pois o que se faz em nome da plenitude referencial, quando se trata ao contrário, hoje, de esvaziar o signo e afastar intimamente o objeto até colocar em causa, de maneira radical, a estética secular da representação. (Barthes, 2004, p.190).

A citação de Roland Barthes expõe a situação tratada pela metaficção historiográfica e a proposta assumida pela literatura nos últimos anos.

Há por parte da literatura de caráter autobiográfico um questionamento das estruturas tradicionais do romance. A noção que se tinha de que o narrador tem sido postas á prova por esse tipo produção literária.

Tal tipo de literatura levanta a discussão entre as fronteiras que separam o discurso histórico do literário.

Acredita-se que, ao se tentar responder tal pergunta, pode se entender as propostas de literatura autoficcional, verificando como o romance autobiográfico problematiza categorias conceituais ligadas ao campo da história e da literatura.

A contribuição teórica trazida por Barthes foi permitir o entendimento que o limite entre a história e a literatura é tênue, mas existe, e de que um texto literário pode ter uma importância e uma significação que não se restringe unicamente ao universo textual, tendo outros tipos de significações.

No século XIX, a literatura e a história eram ciências próximas, todavia, segundo Barthes (2004), após o ano revolucionário de 1848 que teve repercussão por quase todo o continente europeu, a literatura e a história começaram a ser vistas como campos de conhecimento científico distintos.

O papel assumido pela literatura após a segunda metade do século XIX, vem sendo pesquisado nas últimas décadas por vários pensadores do campo literário. Para exemplificar isso, tomou-se como exemplo as palavras do professor Roberto Azícelo de Souza que tem como característica o estudo histórico de diversas correntes que se debruçam acerca da literatura. Azícelo afirma que:

Observa-se finalmente que, em direta correlação com o que passa no âmbito da própria pesquisa literária, no campo teórico-especulativo a configuração moderna da idéia de literatura, arrancado discussões filosóficas românticas

sobre a natureza da poesia, vai manifestar-se no século XX sob a forma de teses cada vez mais especializadas e formais. Estão nesses casos os esforços para depressão da propriedade definidora da literatura, encetados por correntes dos estudos literários desse século, especialmente as noções de desvio e norma, estranhamento e tensão (e ainda ironia e ambigüidade) e desvio da norma, estranhamento e tensão (e ainda ironia e ambigüidade) e literaridade, propostas respectivamente no âmbito da estilística do formalismo russo, do *new criticism* e do estruturalismo. (Azícelo, 2006, p. 20).

Percebe-se que o professor Azícelo refaz o itinerário histórico percorrido pela literatura nos últimos dois séculos. Tal tipo de reflexão é de grande importância para essa dissertação, pois os dois romances escolhidos para esse trabalho versam sobre experiências de vida reais que se coadunam com acontecimentos históricos reais, só que representados no campo da literatura ficcional. Na medida em que os romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* são representantes da literatura autoficcional e problematizam a noção de história e de ficção, de veracidade e de verosimilhança, deve-se restabelecer o objetivo que foi assumido pela literatura em sua origem como um tipo de discurso artístico e a sua postura científica e reflexiva em certos exemplos dos dias atuais. Outro dado que merece ser mencionado é o fato de que a discussão sobre as fronteiras que separam o ficcional do não-ficcional coloca em xeque o papel da literatura e sua significação.

Roland Barthes, um dos principais estudiosos da lingüística francesa refletiu qual seria o papel da literatura. Seu empreendimento intelectual foi interessante, principalmente quando se leva em consideração o contexto histórico em que Roland Barthes produziu sua reflexão, os anos 70, período no qual as ciências humanas passavam por um momento de crise, já que as antigas noções tradicionais incorporadas a cada uma dessas ciências foram questionadas. No que tange á literatura na década de 70, o conceito de autoficção é conhecido.

Apesar de não ter proposto esse conceito, Barthes via na literatura um potencial histórico nada desprezível e os historiadores deveriam avaliar a riqueza sociológica presente na obra literária. Este intelectual francês chamava a atenção também para o fato do relato presente nas obras dos grandes romancistas como Gide e Balzac serem em certas ocasiões a representação de situações existentes na realidade social, ou passagens e memórias da vida desses autores, algo feito atualmente pelo romance autobiográfico. O intelectual francês afirma que:

[...] o retorno da história sobre si mesma, pensando em sua dimensão literária; por outro a literatura como objeto possível ou necessário de

investigação histórica. Essas duas correntes que talvez se desenvolvam de modo separado, confluem agora na pergunta sobre o estatuto da história, que sempre se vincula a fórmulas literárias, e com enfoque histórico que faz pensar que é possível produzir uma inteligibilidade mais densa, mais complexa e mais rica das obras literárias. (Barthes, 2004, p. 91).

A promessa de dizer a verdade, a distinção entre a verdade e a mentira constituem a base de todas as relações sociais. Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relação de relações humanas que nada tem de ilusório. A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) tanto quanto no campo da criação artística. É um ato que tem consequências reais: foi o que tentei mostrar numa série de estudos que analisavam como o pacto autobiográfico se inscreve no campo do direito. Há mentirosos que são estigmatizados. Há malvados e indiscretos que são temidos e punidos. Há verdades que ferem. (Lejeune, 2008, p.104).

Lejeune, na citação acima, decidiu refletir sobre as difíceis condições que possui o pesquisador no campo da literatura em definir o que corresponde á verdade dentro de uma obra de caráter biográfico. É interessante observar que a aproximação mostrada entre história e ficção feita anteriormente neste trabalho, se relaciona a discussão do limite que envolve biografia da autobiografia e autobiografia do romance autobiográfico.

Estes diferentes conceitos utilizados para classificar várias obras existentes estão ligados ás possibilidades de se compreender se o que é relatado nessas obras corresponde á realidade a qual elas se referem. Se a noção de História e de Literatura vem sofrendo questionamentos atualmente, a maneira pela qual os gêneros literários como biografia, autobiografia e romance autobiográfico tornaram-se categorias flexíveis, admitindo que estes possuem fronteiras tênues e delimitadas.

Entende-se que os gêneros literários possuem relação com a discussão proposta nessa dissertação, devido ao fato dos estudiosos da literatura terem a necessidade de construir categorias que cumpram a missão de classificar as inúmeras e diversas obras literárias existentes. Ao mesmo tempo em que isso ocorreu houve exageros na classificação desses gêneros e a simples classificação por si só, sem levar em conta que cada obra possui singularidade e que numa obra literária, podem haver a junção de gêneros heterogêneos.

Bakhtin dedicou seus estudos para o que é um gênero textual e sua existência como enunciado.

Bakhtin (1985) entende que os gêneros são tipos de enunciados realmente estáveis e normativos, mas que articulam a situações típicas da comunicação social. Estas situações para Bakhtin são geradas pela interação social, ou seja, o relacionamento

entre diferentes tipos de culturas e ideologias pessoais. A originalidade de Bakhtin foi ter percebido que os gêneros não fazem parte só de tipos de enunciados textuais com uma linguagem e uma estética própria, mas também se coadunam com as formas de discurso que são eminentemente sociais e como toda questão social, reproduz desigualdades, projetos e aspirações de uma determinada coletividade.

Os dois romances investigados são exemplos dessa afirmativa, pois em ambos o discurso dos narradores se relacionam com a posição social assumida tanto por Khaled Hosseini, quanto por Ruy Duarte de Carvalho, como sujeitos que transcenderam as fronteiras de seu país de nascimento e foram viver em outras nações. As experiências pessoais desses indivíduos estão presentes em várias passagens de ambos os romances, o que problematiza a noção tradicional que se tem de um romance, ele não só conta uma história, mas também pode representar vivências de algum indivíduo.

Na introdução da obra *O Caçador de Pipas*, encontra-se o depoimento do narrador-personagem Amir que expõe:

Eu me tornei o que sou hoje ao doze anos, num dia nublado e gélido do inverno de 1975. Lembro do momento exato em que isso aconteceu, quando estava agachado por detrás de uma parede de barro parcialmente desmoronada, espiando o beco que ficava perto do riacho congelado. Foi há muito tempo, mas descobri que não é verdade o que diziam a respeito do passado, essa história de que podemos enterrá-lo. Porque, de um jeito ou de outro, ele sempre consegue escapar. Olhando para trás, agora, percebo que passei os último vinte e seis anos da minha vida espiando aquele beco deserto. (Khaled Hosseini, 2005, p. 9).

A citação acima corresponde á introdução de *O Caçador de Pipas*. No início desse romance, verifica-se o tom confessional que o mesmo manterá até seu término.

Nesta passagem observam-se as armadilhas criadas pelos escritores que são conhecedores dos conceitos de romance autobiográfico, autobiografia, história e ficção. Quem interpreta o discurso do narrador acredita que a sua história pertença ao mundo real, pois a forma pela qual o narrador descreve a sua vida e as impressões que tem em relação ao seu passado, poderiam ter sido ditas por qualquer indivíduo. Outro aspecto que merece ser mencionado é o fato que Khaled Hosseini, de modo semelhante ao narrador-personagem de seu romance, também ter vivido sua infância no Afeganistão e ter se utilizado da literatura como uma forma de expressar e revisitar acontecimentos da sua vida pessoal, algo característico da autobiografia, onde o escritor revela fatos e acontecimentos que marcaram a sua vida pessoal.

Certamente constata-se que a vida de Amir e de Khaled Hosseini, possuem semelhanças e analisando-as por meio do discurso do narrador do romance do escritor afegão, as instâncias escritor, narrador e personagem encontram-se misturadas e justapostas.

François Dosse (2000), afirmou que a autobiografia e a biografia caracterizam-se pela existência do chamado pacto referencial, ou seja, de que a narrativa presente da biografia, relaciona-se com a realidade exterior do texto, no caso a vida do indivíduo.

Não é justamente isso que ocorre a introdução da obra d escritor Khaled Hosseini? O narrador-personagem vem por meio do testemunho relembrar a infância no Afeganistão e estabelece com o leitor um pacto de veracidade, por meio do argumento de que a sua vida atual é o desdobramento daquilo que o mesmo vivenciou em terras afegãs.

Phillipe Lejeune não acreditava na década de 70 que o romance de caráter autobiográfico pudesse preencher as condições características da autobiografia, como a identidade do autor que e remete a semelhança do nome de uma pessoa real, no caso o escritor, com o narrador de seu romance e a identificação de vida do narrador.

Depois admitiu que:

A palavra “autobiografia”, aliás que muito suspeitam de ser sectária vem sofrendo a concorrência de algumas expressões mais abrangentes e flexíveis. No fim dos anos 1970, começou-se a falar de “relatos da vida” (é o nome do grupo de pesquisa fundado na Universidade de Nanterre por Claude Abastado, que coordenei depois de seu falecimento): a expressão tem virtudes interdisciplinares, designa um terreno comum aos literatos e aos especialistas em ciências humanas e engloba a narrativa oral (que “grafia” exclui) e a hetero (que “auto” exclui), sem deixar de respeitar o contrato da verdade. No início dos anos 1980, e até hoje, outras expressões, como “escritas do eu”, ou “escritas de si”, surgiram com uma função um pouco diferente, às vezes em propagandas, provas ou concursos. Tratava-se dessa vez ampliar o campo, incluindo a “verdadeira” literatura, isto é, a ficção, fazendo do pacto da verdade uma especificação secundária. Quanto á passagem, nessas fórmulas do “eu” ao “si”, desconfio de que haja um pudor cristão. [...] (Lejeune, 2008, p.82).

Phillipe Lejeune foi obrigado a reconsiderar o que ele acreditava ser o espaço relacionado á biografia e a autobiografia. O exemplo de vários escritores que se utilizaram de suas experiências de vida como material para a construção de suas narrativas possibilitou que não se pudesse afirmar mais com a máxima segurança de que o pacto de verdade estabelecido por um autor na literatura, não pudesse ser parecido com o que existe dentro de uma obra biográfica ou autobiográfica. Houve também a noção de que existem e sempre existirão ao longo da história, diferentes tipos de formas



de se escrever a vida de um indivíduo e que certas vezes essa vida por si só, alcança respeitabilidade e interesse e outras vezes, ela manifesta aspectos históricos e sociais das nações as quais estes indivíduos provêm.

Algo que assume importância no romance autobiográfico é a confusão gerada entre as categorias do narrador, do autor e do personagem. Inicialmente a noção existente dentro do campo da literatura, tende a separar o que entende ser o narrador, o autor e o personagem. Estas categorias são interpretadas como diferentes e seu papel geralmente é avaliado como pertencente ao universo literário. O interessante é que em algumas obras literárias, há justamente a aproximação entre essas duas instâncias narrativas e por meio disso, aspectos da vida individual do escritor se confundem com o do narrador e do personagem do romance.

Percepções e opiniões do escritor são enunciadas pelo narrador-personagem e alguns fatos históricos anteriormente restritos aos documentos oficiais ou a certos historiadores e jornalistas, tornam-se acessíveis ao público leitor da obra. Isso é perceptível na obra *Os papéis do Inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho. No início da obra, o narrador-personagem que não expõe qual é o seu nome durante toda a narrativa, testemunha sua opinião em relação ao modo de vida europeu dentro do continente africano e faz uma crítica veemente a uma versão produzida pelo jornalista Henrique Galvão<sup>1</sup> em relação ao suposto suicídio do caçador de elefantes inglês, Archibald Perkins:

A narração daquela estória que prometi contar-te, a do suicídio de um Inglês no interior mais fundo de Angola e nesta África concreta que tu, e todo mundo, tão pouco realizam neste fim do século XX fora de um imaginário nutrido e viciado por testemunhos e especulações que afinal se ocupam mais do passado europeu que do africano e pelas versões mediatizadas, e de plena má-fé, às vezes da aberração do presente, poderia, a ser levada avante, aqui e agora [...] (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 12).

---

<sup>1</sup> Henrique Galvão foi uma figura real de Portugal. Este indivíduo desempenhou a função de cronista, explorador e escritor. Galvão participou de várias missões no território angolano. Fonte: WWW.rtp.pt: Grandes Portugueses, Data de acesso: dia 16 de abril de 2010 às 23 horas e 45 minutos.

Na introdução de *Os papéis do Inglês*, o narrador-personagem já define o que pensa em relação à história angolana. Ela seria fruto, conforme o seu testemunho de um imaginário viciado que privilegia muito mais a visão europeia dos acontecimentos, do que a africana. Fica evidente que para o narrador há um tipo de colonialismo onde estão presentes aspectos políticos e ideológicos<sup>2</sup>.

De modo parecido ao que ocorre com o romance *O caçador de Pipas*, na obra de Ruy Duarte de Carvalho, aspectos da vida do escritor do romance e momentos históricos vividos por ele, estão presentes. Ruy Duarte de Carvalho é antropólogo, mesma profissão de Archibald Perkins e do narrador de sua obra. Tanto o narrador do romance, como Ruy Duarte de Carvalho saíram de Portugal, sua pátria de origem, e se deslocaram para Angola com o objetivo de conhecer a realidade do território angolano.

A atuação intelectual de Ruy Duarte de Carvalho se dá no campo da literatura, antropologia e do cinema e em todas estas atividades, esse intelectual tenta dar voz ao povo de Angola.

Entende-se que os dois exemplos citados comprovam que, em ambos os romances, os narradores-personagens partilham opiniões e atuações no campo profissional semelhante aos autores das obras.

Evidentemente há a presença do leitor que desconhece a vida de ambos os escritores e lê estas obras simplesmente como um tipo de romance. Acredita-se que esse tipo de leitor terá sempre uma interpretação superficial desse tipo de obra, pois ele não conseguirá identificar como as experiências pessoais podem estar presentes num romance ao ponto dela se parecerem bastante com a situação vivida pelo escritor na vida real.

Nos dois romances, a história é problematizada e há a presença de elementos autobiográficos, pois a vida de Khaled Hosseini e de Ruy Duarte de Carvalho estão presentes no enredo de seus romances. Mas também junto com o caráter autobiográfico, o conceito de metaficção historiográfica pode ser aplicado a essas obras, pelo fato delas estabelecerem um olhar crítico em relação à história política tanto do Afeganistão

---

<sup>2</sup> A questão ideológica segundo o intelectual Edward Said (1999) é a ferramenta de vários conflitos que não se manifestam somente na questão da guerra, mas também em questões de ordem cultural e social.

quanto de Angola nas últimas décadas e o papel desempenhado pelas grandes potências econômicas nestes países.

Percebe-se por meio do conceito de autoficção, tanto a forma como os conteúdos do romance assumem uma densidade inegável, forçando o pesquisador a analisar não só os aspectos estéticos do romance, mas também as condicionantes históricas de ambos, verificando a posição ideológica assumida por seus escritores, frente ao processo histórico.

Isso leva em primeiro lugar, a dar destaque ao papel desempenhado pelos narradores-personagens de tais obras, figuras indispensáveis para a criação do pacto autobiográfico e para o ponto de vista que essas duas narrativas assumem.

Carlos Reis inspirado nas idéias de Gerard Genette afirma no dicionário da teoria da narrativa que “ a definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca do conceito de autor, entidade não raro de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e ficcional. (Carlos Reis, 2000, p.61).

A relação entre o estudo de Genette e a discussão acerca da fronteira entre o romance autobiográfico e a autobiografia, se dá pelo fato desse pensador ter estabelecido as premissas que a crítica literária tradicional trabalha o conceito de narrador. Para esta corrente o narrador é simplesmente um ser textual e não pode ser confundido com a figura real do escritor. Ao se analisar os dois romances estudados nessa dissertação e verificar a emergência do conceito de autoficção cunhado por Doubrovsky, entende-se que é em oposição a esse tipo de classificação tradicional que vários romances, semelhantes ao *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* são criados.

Antoine Compagnon, em sua obra *O demônio da teoria* (2003) expõe que houve durante muito tempo no campo da literatura a idéia de que a realidade poderia ser reproduzida literalmente por meio do discurso literário.

O romance autoficcional tem uma preocupação de confundir e de testar os limites da teoria vigente no campo da literatura, demonstrando que o escritor, o autor e o personagem, representam figuras diferentes, mas que podem sim ter uma relação de interdependência e até mesmo de confusão quanto ao tipo de proposta e de estrutura do romance em questão.

Após a exposição dessas idéias, cabe agora apontar quais são as características autoficcionais presentes nas obras *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*.

## **1.2-As características autobiográficas e autoficcionais das obras *Os papéis do Inglês* e *O Caçador de Pipas*: dois exemplos literários**

Ao se estudar os livros *Os Papéis do Inglês* e *O caçador de Pipas*, pode-se perceber aspectos autobiográficos e autoficcionais.

Isso será demonstrado mediante a aproximação da biografia dos escritores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho, com episódios presentes em seus livros,

que comprovam como tais autores se utilizaram de suas experiências pessoais como material narrativo para o enredo de seus romances.

Em relação à obra *O caçador de Pipas*, o narrador apega-se à memória da infância para referir-se a sua trajetória de vida no Afeganistão na década de 70 desenrolando-se com sua ida para os Estados Unidos no início da década de 80 como professor e escritor. Semelhante ao narrador, o escritor Khaled Hosseini também nasceu no Afeganistão e emigrou para os Estados Unidos exercendo a função de professor de biologia e nas horas vagas, o papel de escritor de romances.

Outra característica autobiográfica é a posição social conquistada, tanto pelo escritor na vida, quanto pelo narrador, na obra ficcional, fazendo deles exemplos de indivíduos que prosperaram econômica e socialmente no território estadunidense.

No verão de 1988, cerca de seis meses antes de os soviéticos se retirarem do Afeganistão, terminei o meu primeiro romance, uma história entre pai e filho, passada em Cabul, quase toda ela escrita na máquina de escrever que o general tinha me dado. Mande cartas para uma dezena de agências e fiquei espantadíssimo quando, em um dia de agosto, abri a nossa caixa de correio e encontrei uma resposta da agência de Nova York solicitando o manuscrito integral. Pus tudo no correio logo no dia seguinte. Soraya beijou o texto cuidadosamente embalado e khala Jamila insistiu para que o puséssemos debaixo do Corão. Disse que ia fazer nazr para mim: ia prometer matar um carneiro e dar a carne para os pobres se o meu livro fosse aceito. [...] Um mês mais tarde, Martin ligou para me informar que eu ia ser um romancista publicado. Quando falei para Soraya, ela começou a gritar. (Khaled Hosseini, 2005, p.184-185).

Nesta passagem, o narrador-personagem Amir revela o início da sua carreira de escritor e a relação de sua vida literária com as lembranças da sua vida no Afeganistão. Isso permite compreender que Khaled representou através de seu narrador a sua própria trajetória como escritor e a importância da memória do período da infância como fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional do indivíduo.

Na capa do livro *O caçador de Pipas* (2005), afirma-se que Khaled Hosseini nasceu na capital do Afeganistão, Cabul, no ano de 1965. Aos 11 anos de idade, Hosseini se mudou com a família para Paris, devido ao fato de seu pai ter assumido um posto diplomático na embaixada do Afeganistão. Ao término do mandato do pai do escritor na França, Hosseini voltou para o Afeganistão, só que acabou fugindo desse país junto com a sua família, porque seus familiares foram perseguidos pelo regime que tinha tomado o poder, ou seja, o regime soviético.

A família de Khaled Hosseini exilou-se nos Estados Unidos no início da década de 80. Khaled foi admitido na Universidade de San José no estado da Califórnia

e nesta instituição adquiriu a experiência intelectual e a estabilidade material para tornar-se escritor.

O narrador-personagem da obra de Hosseini também foi morar nos Estados Unidos no mesmo período que o escritor afegão e de modo semelhante utilizou-se das memórias do passado afegão para criar seu universo literário.

Tais aspectos são autoficcionalis, pois a vida do escritor serviu como ferramenta para os eu romance e de certa forma a presença da autobiografia também está incluída, devido ao fato de haver a narração de uma história de vida real, só que ela não seguiu obrigatoriamente o chamado pacto autobiográfico defendido por Lejeune, mas sim mesclou elementos reais e fictícios, conforme fez Doubrovsky.

Jean Pouillon discutiu como elementos autobiográficos poderiam estar presente dentro do gênero romanesco. Em seu livro *O tempo no Romance*, Pouillon expôs que a autobiografia pode ser uma justificativa para a escritura de um romance, desde que haja a vontade do escritor em dividir suas vivências e angústias com o leitor.

Pouillon estabelece que:

A autobiografia representa a um só tempo o gênero mas favorável e o mais desfavorável para se estabelecer uma relação entre o romance e a psicologia. O mais favorável, por se apresentar como uma compreensão do eu da forma romanesca; o mais desfavorável, pois a imaginação não para intervir nessa compreensão do eu, e como ela categoriza o romance, a autobiografia não seria um romance. Vamos nos empenhar em dissipar essa aparência desfavorável. Além disso, será inteiramente normal delinear a propósito da autobiografia os problemas que encontraremos a seguir quando analisamos os romances em geral; se, com efeito, imaginando os outros, nós nos imaginamos também a nós mesmos, encontraremos na compreensão de nosso eu as diferentes direções por onde pode enveredar sua compreensão dos outros. (Jean Pouillon, 1974, p.38).

A originalidade de Pouillon foi ter estudado a proximidade do romance com a autobiografia nos anos setenta de modo menos esquemático que Lejeune. Em sua obra Pouillon dedica a análise sobre o que ele considera ser o gênero autobiográfico e as suas especificidades. Esse intelectual admitiu que não necessariamente um livro que contenha recordações, seja uma autobiografia, porém esta pode se manifestar dentro do romance, seja um livro memorialístico como *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust ou de um livro assumidamente autobiográfico como as obras produzidas por Saint-Simon. De acordo com Pouillon:

Até o momento portanto, foi possível distinguir duas formas de autobiografia: as recordações, nas quais o autor esforça-se por estar “com” aquele que foi um dia, nas memórias, nas quais o autor procura rever-se a fim

de se julgar, justificar-se, polemizar-se, o que supõe que ele separa-se de si mesmo e se vê por “de trás”. Todavia, em lugar de contar o passado de uma maneira ou de outra, uma vez que esteja realmente passado, pode-se tentar registrá-lo enquanto ele ainda é presente, ao tempo em que vai se desenrolando. É o que fazemos, quando mantemos um diário, como também fez Stendhal, por exemplo. (Poullion, 1974, p. 45).

Jean Poullion entende que o livro de recordações é aquele no qual o autor estabelece um reencontro consigo mesmo com o objetivo de se auto-avaliar. Já o livro de memórias, tem a intenção de narrar uma história de modo cronológico e estabelecer um julgamento sobre as atitudes praticadas por uma determinada pessoa. No que se refere ao *Caçador de Pipas*, o narrador-protagonista recorda sua vida, porém é a memória sobre a sua infância no Afeganistão e a sua ida para os Estados Unidos, que é o enredo principal que perpassa toda obra.

No que se refere ao livro *Os papéis do Inglês*, verifica-se também a presença de evidências autoficcionais. Elas manifestam-se especialmente na maneira pela qual o narrador concebe a história africana e o papel desempenhado pelos europeus nesse continente, destacando-se o exemplo de Angola, espaço geográfico onde se desenrola a trama do romance.

Resistirias tu e não liquidaria eu qualquer eventual interesse que tivesse sido já capaz de despertar-te para esta estória, se a decisão de ta contar ou não me levasse a deter-me primeiro, e para não perder a embalagem, no que andarás a passar-se por aqui, onde não venho há um ano? A minha versão dela, e porque envolve outras estórias, não viria aliás a assumir nunca a forma de um romance ou de uma peça de ficção comum, mas antes de uma narrativa com princípio e fim neste luar perdido numa das regiões menos povoadas de Angola, da África e do Mundo. Ia ter que situá-lo, de qualquer forma... (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p.19-20).

Essa citação expõe a desconfiança do narrador-personagem em relação à versão produzida por Henrique Galvão no que se refere ao suicídio de Archibald Perkins.

O narrador entende que Galvão não conseguiu abordar de modo convincente os motivos que levaram Perkins a se matar, além de discordar do fato da versão de Galvão nunca ter sido questionada, mesmo sendo feita já há algum tempo.

Compreende-se que esta é a primeira evidência autoficcional, pois o narrador-personagem de *Os papéis do Inglês*, é da mesma forma que Ruy Duarte de Carvalho um crítico das heranças colonialistas presentes em Angola. Ruy Duarte busca por meio de sua atuação acadêmica como antropólogo denunciar tais heranças e verificou-se que o narrador de seu romance desempenhou um papel idêntico, tendo inclusive valorizado o

modo de vida da população rural de Angola, grupo social ao qual Duarte de Carvalho é entusiasta.

Nas suas pesquisas etnográficas que variam entre a análise do linguajar das populações rurais, até a observação minuciosa das suas crenças e dos sistemas simbólicos e rituais, Ruy Duarte buscou entender como pensa o angolano rural, qual sua maneira de perceber a vida, a natureza e os cosmos.

Mesmo com elementos ficcionais como o suposto suicídio do inglês e a existência de um tesouro buscado e deixado por Archibald Perkins, a descrição dada pelo narrador-personagem é reflexo da experiência antropológica de Duarte de Carvalho e o discurso enunciado por seu narrador expressa muito da sua prática intelectual como um cientista atuante no mundo contemporâneo.

Exemplos como os de Khaled Hosseini e de Ruy Duarte de Carvalho que se utilizaram deliberadamente de suas experiências empíricas para a criação de seus romances, comprovam que a vida de qualquer pessoa é passível de ser ficcionalizada. Philippe Lejeune argumenta que “muitas autoficções são lidas como autobiografia”. (2008, p. 81). Para Lejeune, a única forma de diferenciar a autobiografia da autoficção é o estabelecimento do chamado pacto autobiográfico.

A noção de pacto autobiográfico valorizada por Lejeune se dá na mesma maneira pela qual o narrador se apresenta ao leitor e se há por parte do escritor algum tipo de indicação de que a obra pertence a tal gênero ou não. Alguns escritores, aliados as suas editoras, decidem não colocar na capa de seus livros, a que tipo de gênero a história pertence, causando uma confusão ainda maior no leitor atento a detalhes da vida do autor, pois este se pergunta até que ponto aquela obra pode ser uma representação fidedigna da realidade ou se ela não é simplesmente uma ficcionalização livre inspirada naquilo que se viveu ou ainda se vive.

O chamado pacto autobiográfico apresenta-se diferentemente nos romances de Khaled Hosseini e de Duarte de Carvalho. No livro *O caçador de Pipas*, verificou-se que houve por parte do autor Khaled Hosseini e da editora Nova Fronteira, que traduziu para a língua portuguesa e vendeu no Brasil os exemplares da obra, a preocupação de defini-lo como um romance. Inicialmente o leitor que se debruçar sobre o enredo de *O caçador de Pipas*, o entenderá como uma história ficcional que não necessita representar nenhum aspecto do mundo real. Só que a partir de uma análise mais criteriosa, levando-se em conta a vida do escritor e o contexto histórico em que a obra foi gerada, essa visão torna-se simplista, o que permite considerar o livro de Khaled

Hosseini como um romance autobiográfico, mesmo que isso não tenha sido explicitado na capa e dentro do próprio livro.

Quem tornou essa versão compreensível foi o próprio Hosseini que afirmou numa entrevista ao site Cal que o *Caçador de Pipas* é uma narrativa de caráter biográfico, especialmente em sua primeira parte.

A maioria da parte do enredo é ficção. Mas, como em geral ocorre com a ficção, os autores escondem fragmentos das suas próprias vidas, nas narrativas. As descrições de Cabul durante os anos 70, as discussões políticas, a organização social, tudo é baseado nas minhas lembranças da época. As disputas de pipas e os demais jogos que aparecem no livro espelham como eu e meu irmão; costumávamos brincar; assim como o amor de Amir e Hassan por filmes americanos, especialmente os westerns. Possivelmente, as passagens que mais lembram a minha própria vida se passam nos Estados Unidos, com Amir e Baba tentando reconstruir uma nova vida. Eu também cheguei aos Estados Unidos como imigrante e lembro claramente dos meus primeiros anos que vivi na Califórnia, um dos poucos momentos felizes e da dificuldade de assimilar uma nova cultura. Mas eu e meu pai trabalhamos num mercado de pulas, onde havia inúmeros afegãos trabalhando; com alguns deles eu ainda tenho algum tipo de ligação hoje em dia. Mas a última parte, com Cabul dominada pelo Talibã, é completamente ficcional. (Khaled Hosseini. Site:WWW.cal.org.br. Data de acesso: 27 de abril de 2010 às 11 h e 30 min).

A entrevista concedida por Khaled Hosseini ao site Cal revela como este autor se utilizou do narrador-personagem Amir para representar aspectos relativos à sua vida pessoal. Certamente o tom de emoção presente no depoimento de Hosseini explique o sentimentalismo que permeia o seu romance, comprovando que a tese levantada por Lejeune após a publicação da obra *Le Fils*, de Serge Doubrovsky, de que toda vida humana é uma narrativa em potencial, é válida. Fora isso, a reconsideração feita por Lejeune sobre a não obrigatoriedade do autor em estabelecer um pacto autobiográfico explícito para exemplificar que a obra possui caráter biográfico, também encontra correspondência com este exemplo.

Já na obra *Os papéis do Inglês ou O Gangueiro do Coice*, narrativa breve e feita agora 1999/2000) da invenção completa de uma estória de um Inglês que em 1923 se suicidou em Kwando depois de ter morto tudo a sua volta segundo uma crônica de Henrique Galvão. Com este enunciado, há algum tipo de referência que permita ao leitor afirmar com convicção de que se trata de um romance autoficcional ou um romance autobiográfico? Entende-se que não, pois há na própria linguagem escolhida, de tom formal e técnico, uma ambigüidade, principalmente na expressão “estória inventada”, que remete a algo que foi criado e que não existia ou de algo que existiu, mas que foi criado dentro do universo textual. Observa-se que neste aspecto, reside uma



das comprovações mais claras da confusão estabelecida por um romance autoficcional, onde a noção explícita de pacto autobiográfico estabelecido com o leitor e defendido inicialmente por Lejeune na década de 70, é desrespeitado.

Uma das autoras que estuda esse tema é Cristine Momberger. Ela afirma que:

Á Sociedade complexa e profusa corresponde a uma *oferta biográfica* infinitamente mais aberta e diversificada, mas também menos hierarquizada e c coerente que aquela que propunham as formas de sociedade mais estáveis e mais centralizadas. A pluralidade dos mundos sociais, confronta os indivíduos com uma multiplicidade de *curricula*. Percursos instituídos ou modelos básicos biográficos presentes na consciência individual nas tantas trajetórias possíveis. Na medida em que esses espaços sociais perdem a sua centralidade e não se organizam mais em um conjunto ordenado e hierarquizado, os modelos biográficos de referência entram em concorrência e não aparece mais, de forma distinta, um esquema biográfico dominante. (Cristine Momberger, 2009, p. 105).

Momberger, uma estudiosa das formas de autobiografia e de autoficção existentes argumenta que o fenômeno autobiográfico está presente no universo literário há muitas décadas. O que difere esse estilo de escrita produzida até a metade da década de setenta do século vinte da produzida atualmente, de acordo com Momberger é que a narrativa moderna perdeu uma noção fixa, daquilo que se entende ser a prática de uma pessoa que deseja contar a sua própria vida.

Cristine Momberger vê que o padrão conhecido de autobiografia é fruto da chamada narrativa de formação, o popular *Bildung*, movimento pertencente à época do iluminismo e que se desenvolveu na Alemanha. (2009,p.100).

Esse tipo de teoria e de procedimento metodológico é bastante conhecido em diversos países, mas a sua origem é germânica.

A chamada narrativa de formação se caracteriza por entender que a compreensão da vida do sujeito deve estar alicerçada na sua origem, e a partir daí, se traçar a sua trajetória de vida. Esta noção está sendo questionada e modificada pelas narrativas autobiográficas e autoficcionais atualmente.

Ao se pensar nas obras analisadas, percebe-se que os narradores das mesmas são indivíduos que não se identificam única e exclusivamente com um tipo de grupo, eles são plurais, pois nasceram em uma nação, foram morar em outra, adquiriram outros hábitos culturais, ao mesmo tempo em que preservam outros aspectos da sua cultura de origem, como o modo de ver o mundo e algumas expressões lingüísticas, algo idêntico a prática social de Khaled Hosseini e de Ruy Duarte de Carvalho.

O narrador-personagem de *Os papéis do Inglês* é antropólogo e decide sair de Portugal no final do ano de 1999, para compreender as possíveis motivações que

levaram um cientista inglês que se estabeleceu em Angola no ano de 1923, a se suicidar. Ao fazer isso, o narrador ingressa no modo de vida da população rural de Angola. Seus hábitos, seu estilo de vestir e a influência do clima sobre o cotidiano dessa comunidade são descritos com um tipo de linguagem comum numa pesquisa antropológica.

Levei no carro uma das mulheres do Batupo e a filha do Tyinkipa. Fiz a viagem toda com o retrovisor assestado no peito da menina. E tenho-me detido algumas vezes, desde então, no impacto que poderá ter, para uma menina assim, nessa idade de bolha túrgida que liga a puberdade à capacidade de procriar, uma simples viagem destas. Deu suspiros de espanto quando nas estepes do Pico as gazelas lhe saltaram à frente e apareceu-me, para o regresso, de olhos baixos e encabulada, com uma mão a pressionar, de leve, o pano que lhe tinham preso à volta do peito para circular na cidade. E veio também um hercúleo, galante e alegre companheiro do B. Como a altivez destes jovens num desconcerto que cedo se mascara dessa insolência que é, afinal e como quase todas as insolências, a expressão apenas de uma caricatural e até às vezes enternecedora insegurança ... (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 94).

Este trecho do romance de Ruy Duarte de Carvalho expõe o espanto dos companheiros de viagem do narrador-personagem em terras africanas. Um aspecto que merece ser destacado é o fato do narrador se identificar com o estilo das populações rurais de Angola, ficando evidente que ele lamenta o fato dos seus companheiros serem inaptos ao modo de vida angolano.

Sabe-se que a antropologia nos últimos anos notabilizou-se por um ter uma visão compreensiva em relação às comunidades que servem como seu objeto de estudo, portanto, o ponto de vista do narrador assemelha-se ao do escritor Ruy Duarte de Carvalho.

Ao se analisar os aspectos apontados nesse subtítulo, fica claro que os dois romances estudados possuem características autoficcionais e autobiográficas.

Depois disso, é importante apontar as semelhanças e diferenças de cada uma dessas obras, percebendo até que ponto o contexto histórico-social, da qual eles emergem as moldaram e de que maneira o conceito de memória foi apropriado pelos autores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho para a construção de seus romances.

## **2-A autoficção nos romances *O Caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*: estratégias e posturas.**

## 2.1- A autoficção nos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês: semelhanças e diferenças*.

A autoficção conforme já citado encontra-se presente tanto na obra *O caçador de Pipas* e *Os papéis do inglês*. Inicialmente deve-se expor os aspectos de semelhança autoficcional em ambas as narrativas. Em ambos os romances, os narradores-personagens contam a sua história na primeira pessoa do singular. Outro aspecto de destaque é que os narradores-personagens estabelecem questionamentos em relação ao seu modo de vida e tentam por meio da rememoração expor seu ponto de vista em relação a sua trajetória pessoal.

Em uma das passagens da obra *O Caçador de Pipas*, o narrador Amir expõe que:

Normalmente, cada bairro tem a sua própria competição. Mas, naquele ano, o campeonato ia ser realizado no meu, *Wazir Akbar Khan*, e vários outros *Kather-Char*, *Karther- Parwan*, *Mekro-Rayan* e *Koteh-Sangi* tinham do torneio que se aproximava. Dizia-se que aquele ia ser maior competição dos últimos vinte e cinco anos.

Certa noite, naquele inverno, a apenas quatro dias do campeonato, meu pai e eu estávamos sentados no escritório, nas cadeias estofadas de couro á luz da lareira. Conversávamos, tomando chá. Ali tinha servido o jantar mais cedo-batatas e couve-flor ao curry ao arroz e tinha sido se deitar com Hassan, Baba estava engordando o cachimbo, como dizia e eu lhe pedi que me contasse aquela história sobre o inverno em que um bando de lobos desceu das montanhas de *Herat*, obrigando as pessoas e ficaram trancadas em casa por uma semana. Ele riscou o fósforo e disse:

-Talvez você ganhe o campeonato este ano. O que acha? (Hosseini, 2005, p. 67).

A citação acima descreve o momento no romance *O caçador de Pipas*, em que o narrador-personagem se prepara para disputar uma competição de pipas, algo tradicional no Afeganistão. Ao término desse evento, Amir tornou-se campeão e antes de ele se despedir de seu amigo e empregado Hassan, que poucos meses depois abandonaria sua casa. Amir descreve as suas últimas impressões de um Afeganistão ainda pacífico, sendo a competição de pipas o momento de maior exaltação dessa comunidade. Numa entrevista concedida para o site [WWW.cal.org.br](http://WWW.cal.org.br), Khaled Hosseini expôs que:

Para mim, é uma vergonha escutar uma coisa dessas. Embora eu compreenda que esse tipo de pensamento é fruto de tudo e que tem acontecido recentemente no Afeganistão, sobretudo, depois do 11/9, a verdade é que o Afeganistão, na maior parte do século 20, foi uma nação pacífica. O fundamentalismo não começou a se infiltrar no governo até o fim da guerra soviética. E esse foi o meu ponto de partida para escrever o livro, para lembrar as pessoas que existiu um Afeganistão antes do 11/9, antes do

Taliban e de Bin Laden. Eu recebo muito e-mails de meus leitores surpresos em terem descoberto, que, nos anos 60 e 70, foi uma cidade cosmopolita e com uma enorme avant-garde. Mesmo sendo capital de um país religioso, foi uma cidade bem liberal. (acesso: dia 27 de março de 2010).

A entrevista concedida por Khaled Hosseini ao site Cal revela de que maneira este autor utilizou o narrador-personagem de seu romance para representar aspectos relativos à sua vida pessoal e de seu país. Khaled Hosseini conseguiu esclarecer por meio de sua ficção, a vida no Afeganistão antes do regime talibã e a sua experiência de vida, faz parte de um contexto social liberal e propício a cultura e entretenimento, algo representado pelo escritor através da simpatia que o narrador-personagem tinha pela literatura e pelos filmes americanos de faroeste.

Em relação ao romance *Os papéis do Inglês*, também existem referências de experiências de vida do escritor Ruy Duarte de Carvalho que se relacionam com as ações desempenhadas pelo narrador-personagem desse livro, principalmente na maneira pela qual o narrador expressa a dramaticidade existente na vida dos indivíduos, que como o próprio Duarte de Carvalho, abandonaram a Europa para morar no continente africano.

Um dos topos da barraca dá para o terreiro da música, o outro para a mata que encosta ao riacho. Em frente a cada um deles, a uns dois metros, arde durante toda a noite um fogo que o Ganguela vem sempre reactivar ao fim da tarde, e depois ao despontar da madrugada, que é a hora que o inglês sai da barraca para vir tomar café, no da frente. O inglês deita-se cedo e adormece, ou vigia fixando nos reflexos com que os dois fogos animam o interior da barraca. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 80).

A citação acima corresponde à parte da obra em que o narrador-personagem do romance sai de Portugal e vai morar no território angolano. Desconfiado e cada vez mais ciente da incoerência da versão produzida por Henrique Galvão em relação à motivação do suicídio de Archibald Perkins, o narrador começa a estabelecer a sua própria versão do suicídio, utilizando-se, para isso, de exemplos da literatura mundial, como os livros de Conrad e Hemingway. A descrição do local onde o inglês morava representa o do ponto de vista do escritor em relação a como os europeus que se propunham fixar no continente africano, passavam por transformações que às vezes modificavam a sua própria essência pessoal.

Numa entrevista no dia 25 de setembro de 2007, ao site do jornal *Diário de Notícias*, Ruy Duarte de Carvalho disse que:

Andamos durante anos a produzir textos científicos, e tentar negar a subjetividade, finalmente aparecem sábios a dizer que ela é inerente, mas isso já todos sabíamos. Eu prefiro deixar que a emoção actue como um instrumento de percepção.

Aproveito-a. Isto está ligado á minha subjetividade. Se não tenho maneira de as evitar o melhor é assumi-las. (Site: [WWW.diariodenoticiasonline.br](http://WWW.diariodenoticiasonline.br), acesso: dia 26 de abril de 2010 ás 12h e 45 minutos).

Compreende-se ao interpretar as palavras de Ruy Duarte de Carvalho que para ele a subjetividade é algo importante dentro do processo de produção da sua escrita. Ruy Duarte diferentemente de muitos escritores, não estabelece um julgamento normativo no que se refere ao seu universo textual e a criação de suas narrativas literárias, mas sim dá destaque ao papel do sujeito, ao pensamento de cada pessoa algo que se relaciona ao papel do antropólogo, especialmente após a revolução causada pelo culturalismo e pelo estruturalismo no campo da antropologia na segunda metade do século XX.

Pode-se afirmar que o narrador-personagem do livro *Os papéis do Inglês*, representa a ideologia pessoal de Ruy Duarte de Carvalho, demonstrando que a discussão entre a fronteira entre a realidade e o mito, a veracidade e a ficção, reside em seu aspecto mais considerável na existência de um indivíduo que pensa e que cria significação para aquilo que reflete.

Diante disso, entende-se que as semelhanças autoficcional entre os dois romances analisados nesta dissertação é o fato dos narradores personificarem opiniões e vivências dos autores. Inicialmente pode-se argumentar que toda ficção representa o ponto de vista do seu criador, porém acredita-se que algumas obras evidenciam isso de modo mais explícito e tanto *O caçador de Pipas*, quanto *Os papéis do Inglês*, exemplificam tal afirmativa. Posteriormente verificou-se que as duas obras apresentam narradores em primeira pessoa e que os mesmos narram aquilo que protagonizaram, o que reforça ainda mais a semelhança entre a trajetória pessoal dos personagens de ambos os romances e a história pessoal dos autores que os criaram. A última semelhança é que os dois livros referem-se a nações subdesenvolvidas e que tiveram em comum um passado colonial, pois, o Afeganistão foi colônia da Inglaterra e depois da União Soviética, enquanto Angola, pertenceu na maior parte da sua história dependente de Portugal.

Obviamente algumas diferenças de tratamento entre o modelo de colonização de Portugal e o modelo colonizatório soviético, porém percebeu-se que ambos deixaram

marcas profundas de violência e de imposição de discursos, sendo o testemunho dos dois narradores a prova cabal dessa constatação.

Sobre as diferenças destaca-se que *O caçador de Pipas*, apresenta um pacto com o leitor mais explícito e direto. Tal questão comprova-se pelo fato da capa designar a palavra romance, logo o leitor que o lê, tem em mente que teoricamente a história narrada pertence ao campo da ficção e não tem compromisso com a veracidade. Diferentemente, *Os papéis do Inglês* não efetua o mesmo tipo de pacto do romance de Khaled Hosseini, sendo pelo contrário, apontado como a narrativa de um história de invenção da história de um inglês que se suicidou em Kwando, no ano de 1923.

Resistirias tu e não liquidaria eu qualquer eventual interesse que tivesse sido capaz de despertar-te para esta estória, se a decisão de ta contar ou não me levasse a deter-me primeiro, e para não perder a embalagem, no que andará a passar-se por aqui, onde não venho há um ano? A minha versão dela, e porque envolve outras estórias, não viria aliás a assumir nunca a forma de um romance ou de uma peça de ficção comum, mas antes a de uma narrativa com princípio e fim neste lugar perdido numa das regiões menos povoadas de Angola, da África e do Mundo. Ia ter que situá-lo de qualquer forma. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 19-20).

Nesta passagem da obra *Os papéis do Inglês*, o narrador-personagem, a partir de certo momento, adquire a necessidade de manifestar o seu ponto de vista no que tange ao suposto suicídio de Archibald Perkins. De modo semelhante, ao escritor Ruy Duarte de Carvalho, o narrador de seu romance também concebe que a noção de verdade e de mentira no campo científico, é resultado da possibilidade de se criarem discursos.

A reflexão sobre o ato de escrita e as possibilidades de se criarem discursos passíveis de verossimilhança são intensos em *Os papéis do Inglês* e não aparecem demasiadamente no livro *O caçador de Pipas*.

A ação de pensar a própria técnica de se criar ficções, chama-se metaficção. A pesquisadora canadense Linda Hutcheon (1991) argumenta que a metaficção problematiza versões produzidas pela história e diferentemente do romance histórico produzido ao longo do século XIX, onde os personagens históricos geralmente eram um pano de fundo, no chamado ‘novo romance histórico’, o narrador-personagem desempenha dois papéis, o de contar a narrativa e de questionar as possibilidades dele ser narrada de uma determinada maneira. Percebe-se que o narrador-personagem da obra de Ruy Duarte de Carvalho analisa como se poderia criar uma narrativa sobre a causa do suicídio de Perkins. O próprio narrador afirma que, diante do contexto histórico e geográfico onde ele está inserido, seria impossível a criação de um romance

só que, na verdade, entende-se *Os papéis do Inglês* como um romance autobiográfico ou uma autoficção só que o discurso do narrador ao negar essa pretensão pode ser evidenciada como uma ironia de Duarte de Carvalho sobre aquilo que se concebe como um romance.

Compreende-se que os dois romances apresentam características da metaficção historiográfica. A diferença entre eles se dá pelo fato de que no livro de Ruy Duarte, o narrador-personagem assumiu uma missão histórico-antropológica, envolvendo-se com seu objeto de estudo e buscando por meio desse envolvimento comprovar que a idéia que se tinha acerca do suposto suicídio de Archibald Perkins era reducionista demais para explicar o porquê de sua morte; Já no livro de Khaled Hosseini, o narrador-personagem rememora sua infância no Afeganistão e, por meio dessa rememoração, ele retoma momentos da história do seu país fornecendo ao leitor seu ponto de vista em relação ao golpe comunista em terras afegãs.

Verifica-se que essa diferença entre os dois romances é significativa e deve ser levada em consideração. Linda Hutcheon, principal estudiosa da metaficção historiográfica, acredita que esse tipo de atividade não se distancia da chamada metatextualidade. De acordo com Hutcheon (1991, p.147) a ficção pós-moderna adquire o papel de reescrever e representar o passado histórico, e diante dessa atividade, há uma reflexão sobre como um texto pode ser escrito e as condicionantes do discurso que ele emite. É importante ressaltar que um segmento da teoria pós-moderna, especialmente daqueles ligados ao campo da lingüística e das ciências humanas, dá importância ao estudo da produção de discursos por meio de textos. Essa corrente de pensamento acredita que ao estudar o passado, compreende-se que não pode-se reproduzi-lo tal como ele realmente o foi, mas sim pelos vestígios que ele deixou. Tais vestígios se encontram em documentos e, acima de tudo, no discurso produzido pelos sujeitos que protagonizaram algum acontecimento histórico. Em *Os papéis do Inglês* o narrador começa o seu processo de investigação por meio da busca de documentos que tiveram sob a posse do seu pai que relatavam o cotidiano de vida de Perkins e de seus companheiros de pesquisa. Após a dificuldade de encontrar tais documentos, o narrador entende que há a possibilidade de se criar uma versão sobre a vida de Perkins e o seu suicídio não havendo necessidade de seguir o modelo convencional, ou seja, o modelo executado pelos historiadores que só escrevem algum relato a partir da existência de fontes documentais que comprovem uma determinada situação.

Esta questão liga-se á discussão já mencionada anteriormente nessa dissertação, sobre a veracidade e a falsidade no texto literário. Admite-se que esse é o dilema que o narrador-personagem de *Os papéis do Inglês*, vive, o de produzir uma história real ou ficcional, que personifica metaforicamente o debate sobre autoficção e autobiografia e o papel da metaficção historiográfica. Linda Hutcheon argumenta que:

A metaficção historiográfica sugere que a verdade e a falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção, mas não pelas razões que acabaram de ser apresentadas. Romances pós-modernos como *O papagaio de Flaubert*, *Famous Last Words* e *A Magoot* afirmam abertamente que só existem verdades no plural, e jamais uma só Verdade; e raramente existe falsidade per se, apenas as verdades alheias [...] (Hutcheon, 1991, p. 146).

A tese de Linda Hutcheon acerca da falta de propriedade de se aplicar os vocábulos veracidade e falsidade para se analisar a ficção, encontra proximidade com a atitude do narrador do romance de Duarte de Carvalho. Num certo momento, dessa narrativa, o narrador-personagem se dá conta de que a versão produzida por Galvão para comprovar o suicídio de Archibald Perkins é inválida, pois ela foi produzida e produziu documentos que não podem afirmar fidedignamente que o caçador inglês se matou de acordo com os motivos informados pelos documentos existentes, portanto se Henrique Galvão criou a sua versão, o narrador-personagem também pode produzir a sua, criando um contra-discurso, ou seja um discurso com a intenção de se opor as idéias defendidas por Henrique Galvão.

Esse aspecto permite entender também que o conceito de autoficção está relacionado ao livro *Os papéis do Inglês*. Sabe-se que a atuação profissional de Ruy Duarte de Carvalho é justamente despertar no campo científico uma nova forma de se entender o continente angolano, valorizando os saberes locais.

Na entrevista ao jornal *Diário de Notícias*, Ruy Duarte de Carvalho admite que em sua literatura:

[...] ponho autor para trabalhar o autor de manhã para o narrador vigiá-lo á tarde. E agora no seguinte vai ser mais explícito. É o próprio narrador que diz que foi convocado para actuar das cinco horas da manhã até ás três da tarde e aí trabalha forçado. O resto é para andar a ver paisagens. (Ruy Duarte de Carvalho, 25 de setembro de 2007).

Na entrevista acima o escritor fala do processo de criação de sua outra obra *Vou lá Visitar Pastores*. Após tal publicação, Duarte de Carvalho escreveu *Os papéis do Inglês*, e ao se interpretar as palavras desse escritor na entrevista concedida, entende-se que, para ele, o autor e o narrador são entidades textuais próximas. Evidentemente Ruy



Duarte, deixa claro sua predileção por criar narradores que possuam semelhança com a sua ideologia pessoal.

Apesar desse aspecto, Philippe Lejeune acredita que:

Em relação ao autor, pode haver defasagem entre sua intenção que lhe será atribuída pelo leitor, seja porque o autor desconhece os efeitos induzidos pelo modo de representação que escolheu, seja porque entre ele e o leitor existam outras instâncias: muitos elementos que condicionam a leitura (subtítulo, classificação genérica, publicidade, adendo, podem ter sido escolhidos pelo editor e já interpretados pelos meios de comunicação.

Enfim, é preciso admitir que podem coexistir leituras diferentes do mesmo “contrato” proposto. O público não é homogêneo. Os diferentes editores, as diversas coleções se dirigem a públicos que não são sensíveis aos mesmos signos, nem julgam segundo os mesmos critérios. No “pacto”, minha tendência foi considerar-me como representante do “leitor médio” e, conseqüentemente, transformei minhas relações de leitura em norma. O que significou resolver, sem muito esforço, a questão que levanto agora: como observar leituras reais? (Lejeune, 2008, p. 57-58).

Entende-se que Lejeune busca verificar como se pode apreender a realidade no texto literário. Esse tipo de idéia torna-se ainda mais interessante de ser analisada, quando se pensa no papel que a literatura metaficcional desempenha atualmente. Diante das verdades plurais, afirmadas por Linda Hutcheon e que segundo a autora são a principal característica da metaficção historiográfica, torna-se difícil definir o que é verdadeiro ou falso numa obra ficcional. Apesar disso, há cada vez mais a utilização das experiências de vida dos escritores como material narrativo para o surgimento de romances e parte do público leitor e da crítica especializada se interessa pelos aspectos biográficos do texto literário.

Numa passagem de *O caçador de Pipas*, o narrador descreve a sua situação social após ter emigrado para os Estados Unidos:

Naquele verão de 1983, terminei o segundo grau, aos vinte anos de idade e com isso, era de longe o mais velho entre os estudantes que ficam agitando os cabelos naquele dia, ali no campo do futebol americano. Lembro que perdi meu pai em vista em meio àquele monte de famílias, flashes de máquinas fotográficas e becas azuis. Fui localizá-lo perto da linha das vinte jardas, com as mãos enfiadas nos bolsos e pendurada no pescoço. Desaparecia e voltava aparecer por detrás das pessoas que se moviam entre nós; meninas vestidas de azul, gritando e chorando entre abraços, garotos comemorando ruidosamente com seus pais. A barba de baba estava ficando grisalha, os seus cabelos começavam a rarear nas têmporas, e será que lá em Cabul, ele não era mais alto? Estava usando um terno marrom seu único terno, aquele mesmo que usava para ir a casamentos, enterros no Afeganistão e a gravata vermelha que eu tinha comprado para lhe dar presentes esse ano, quando fez cinquenta anos. Então ele me viu e acenou para mim. Fez sinal para que eu pusesse o capelo e tirou uma foto, com a torre do relógio da escola como pano de fundo. (Khaled Hosseini, 2005, p. 135).

Nesta passagem, o narrador-personagem descreve o momento em que ele se formou na faculdade de Letras nos Estados Unidos. Nota-se que, não há, por parte do narrador, a preocupação de desconstruir algum argumento teórico ou combater alguma versão acerca de algum acontecimento histórico, como no caso do romance *Os papéis do Inglês*. Há sim, uma necessidade de relatar experiências de vida e percebe-se ao compará-las com a trajetória pessoal de Khaled Hosseini, que momentos da vida do escritor, estão presentes em seu romance.

Metade do *Caçador de Pipas* foi inspirada em experiências pessoais que vivi como imigrante aqui nos Estados Unidos. E devido á situação de exílio, vivida por minha família, eu acho que consigo escrever com algum nível de segurança e autoridade em relação a minha terra natal, apesar de Salman Rushdie dizer que o espelho do exilado está sempre partido. (Khaled Hosseini, entrevista concedida ao site [WWW.cal.com](http://WWW.cal.com). Acesso: dia 1 de maio de 2010 às 24 h e 15 minutos).

A declaração de Khaled Hosseini permite o entendimento de como o narrador-personagem de seu romance representa a experiência vivida por esse escritor.

Ao final desse subtítulo, evidencia-se que, nos dois romances estudados nesta dissertação, há a presença de experiência de vida do escritores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho. Surge em vista dessa comprovação, um questionamento pertinente: De que maneira os romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* representam e rememoram episódios da história contemporânea do Afeganistão e de Angola? Entende-se que em tal questionamento pode-se observar como esses romances são fruto de nações de passado colonial e pertencentes a países chamados de subdesenvolvidos.

## **2.2- O contexto Histórico Afegão e Angolano: representações existentes nos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*.**

Os romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* podem ser apontados como exemplos de obras literárias que representam o passado colonial e o presente pós-colonial do Afeganistão e de Angola.

O espaço geográfico dos romances situa-se no território afegão e angolano. Outro aspecto a ser mencionado é o fato dos dois narradores-personagens viverem suas ações nesses países e durante o desenrolar do enredo, a vida dos narradores possuir uma ligação intensa com os fatos históricos contemporâneos.

Em relação ao romance de Khaled Hosseini, o narrador-personagem, desde o início estabelece a sua ligação com o Afeganistão. Mesmo após a experiência de imigração, forçada, causada pelo golpe soviético, a lembrança do narrador de sua infância e a sua juventude no Afeganistão, ainda é algo presente em seu pensamento.

Baba se ajoelhou ao seu lado e passou-lhe o braço nos ombros. Mas o pai de Kamal o afastou e investiu contra Karim, que estava parado ali, com o primo. Depois, tudo aconteceu tão depressa, foi tão rápido que tenha sido uma briga. Tomado de surpresa, Karim deu um grito e recuou. Vi um braço girando, uma perna, chutando. Um minuto mais tarde, o pai de Kamal estava de pé, segurando a mão do revólver de Karim. Mas, antes que alguém pudesse dizer ou fazer alguma coisa, o pai de Kamal, enfiou cano da arma na própria boca. Nunca vou me esquecer daquele disparo. Nem do chão e do sangue espirrando. Me curvei novamente e tentei vomitar na beira da estrada, mas não tinha nada no estômago. (Khaled Hosseini, 2005, p. 128).

Essa cena corresponde ao momento em que o narrador-personagem Amir abandona o Afeganistão. O motivo da fuga de sua prática de origem, é o golpe soviético que é deflagrado no Afeganistão no final da década de 70. Foi nesse período que Amir abandonou seu país de origem e foi buscar exílio nos Estados Unidos, semelhante à ação praticada por Khaled Hosseini e sua família.

Já abordou-se nessa dissertação, como se estabelecem as relações entre a história e a literatura, porém é importante agora explicitar como o contexto histórico no qual certa obra literária é produzida repercute sobre a existência da própria obra.

Ao se pensar na história do Afeganistão, nos últimos trinta anos, deve-se levar em consideração que tal país passou por diversos modelos de governo.

Entre as décadas de 50 e 60 do século XX, o Afeganistão era uma monarquia de caráter mais ou menos liberal, aceitando a presença do capital estrangeiro e de algumas inovações do capitalismo ocidental. No ano de 1973, ocorre a queda da monarquia afegã, regime político pelo qual o pai do narrador-personagem de *O caçador de Pipas*, possuía grande simpatia. Alguns anos depois da instalação da república no Afeganistão no dia 27 de abril de 1978, houve o golpe soviético, de inspiração marxista, em que os privilégios da antiga classe dominante foram perdidos. Por último, houve a ascensão do partido talibã no início da década de 80, contando com o apoio dos Estados Unidos que buscou unir a população do Afeganistão frente aos desmandos e ao desrespeito aos direitos humanos. A proposta democrática do talibã revelou-se falha no momento que esse regime assumiu o poder. O mesmo tipo de perseguição à liberdade de expressão,

outrora condenada por este partido, tornou-se uma prática constante do seu modo de governar.

Para entender como ocorreu a alternância das diferentes formas de governo, monarquia, república e ditadura soviética no Afeganistão, deve-se ter em mente qual era a situação mundial após a Segunda Guerra Mundial, período chamado de Guerra Fria, onde as principais nações do mundo se dividiam entre a influência ideológica do capitalismo, representado pelos Estados Unidos e a influência ideológica do socialismo, representado pela antiga União Soviética.

Um dos maiores estudiosos desse período da história da humanidade, é o historiador inglês, mas de origem egípcia, Eric Hobsbawn. Hobsbawn em seu livro *A era dos Extremos* expõe que:

A peculiaridade da Guerra Fria era de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças na Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência- a zona ocupada pelo Exército vermelho e/ ou outras forças comunistas no término da Guerra e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava a velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinham na zona aceita da hegemonia soviética. (1995, p. 224).

Hobsbawn faz uma análise criteriosa em relação ao que foi de fato a guerra fria e a diferença entre aquilo que se propagandeava que esse conceito representava e aquilo que ocorria na prática.

A maior parte das nações do Terceiro Mundo, dentre elas, o Afeganistão e Angola, decidiram se aliar com os Estados Unidos ou com a União Soviética, a fim de garantir influência política e melhorias no campo econômico e social. A originalidade da proposta defendida por Hobsbawn é demonstrar que até o final da década de 60, o risco de guerras entre as nações do lado americano e soviético, era pequeno e ficava restrito a chantagem de ambos os lados. A partir da década de 70, no continente africano e asiático, houve uma radicalização política interna, que aliado ao contexto histórico externo do período, reacendeu conflitos mais graves envolvendo a política externa americana, versus a política externa soviética.

O Vietnã e Oriente Médio enfraqueceram os EUA, embora fixos não alterasse o equilíbrio global das superpotências ou a natureza do confronto nos vários teares da Guerra Fria. Contudo, em 1974, e 1979, uma nova onde

de revoluções surgiu numa grande parte do mundo (ver capítulo 15). Esta, a terceira onda da revolução mundial com o fracasso público e a derrota dos americanos que produziu a Segunda Guerra Fria. Mas foi também a coincidência desses dois fatos com o otimismo auto-satisfação da URSS de Brejnev na década de 1970 que tornou certa. Essa fase do conflito se deu por combinação entre guerras locais no Terceiro Mundo travadas indiretamente com os EUA, que agora evitavam o erro de empenhar suas próprias forças cometidas no Vietnã, e uma extraordinária aceleração da corrida armamentista nuclear, as primeiras menos evidentemente irracionais que as segundas. (Hobsbawn, 2008, p.242).

O continente africano e asiático foram os territórios que a partir da década de 70, tiveram grandes conflitos políticos. Paralelo a esses conflitos, ocorreram algumas guerras internas tanto em nações africanas, quanto em nações asiáticas, o que serviu para influenciar os Estados Unidos e a União Soviética a influenciar líderes políticos dessas nações.

Neste aspecto, nos dois romances, encontram-se situações em que a tensão política no Afeganistão e de Angola estão presentes e o mais importante é que tais conflitos interferem na trajetória dos narradores-personagens e se relacionam às experiências dos escritores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho.

Na segunda parte do romance *O caçador de Pipas*, o narrador-personagem Amir, já estabelecido nos Estados Unidos, recebe telefonema do amigo do seu pai, Rahim Khan, dizendo que Amir deve voltar para o Afeganistão, a fim de reparar as injustiças cometidas pelo mesmo em sua infância no Afeganistão.

Quando Rahim Khan induz Amir a voltar para o Afeganistão, o motivo alegado por este personagem é de que o filho do melhor amigo de Amir, Hassan, que se encontra morto. Está sob o domínio do regime talibã.

Antes da apresentação desse aspecto do romance de Khaled Hosseini, deve-se explicar o que é o talibã e de que modo esse regime político e militar e qual é o papel que movimentos de caráter religioso como este desempenham na região do Oriente Médio.

Um dos profissionais que mais se destaca na análise desse movimento, é o historiador Peter Demant. Demant adquiriu destaque ao publicar uma obra chamada *O Mundo Muçulmano*. O autor entende a situação vivida pelas nações árabes no período da guerra fria e tenta entender o motivo pelo qual a partir da segunda metade da década de 70, houve um aumento significativo de movimentos nacionalistas e religiosos dentro da região do Oriente Médio.

De acordo com Peter Demant:

certos casos, a grupos marginais e tribais, que o usam em prol de seus interesses sectários.

A sociedade da península árabe, que constitui o berço do islã, era tribal. Uma estrutura que organiza grupos humanos com base na consanguinidade é apropriada para sociedades nômades pré-estatais. A transição para o Estado pressupõe a neutralização de tais laços primordiais a favor de uma organização territorial. No caso do islã, o fato dessa religião universalista ter surgido numa sociedade pré-estatal- ao contrário do budismo e do cristianismo- teria graves conseqüências políticas em sua expansão fora da península Árabe. O islã tentou superar as lealdades anteriores que dividiam as tribos beduínas num compromisso universal e religioso que não reconhecia divisões tribais, locais, étnicas e outros particularismos, não conseguindo, contudo, completar essa tarefa. Isto se vê nos conflitos e guerras civis relativas á sucessão do Profeta: eles tinham como conteúdo a legitimidade religiosa da liderança política, mas lealdades familiares e tribais influenciaram amplamente o curso dos eventos. (Peter Demant, 2004, p.306).

A citação de Demant representa sua posição em relação aos países árabes de religião muçulmana. Demant consegue chamar a atenção para o fato das nações islâmicas serem entremeadas por problemas de ordem interna, ou seja, elas não conseguiam estabelecer a transição completa de uma sociedade com moldes tribais, para uma sociedade mais complexa, onde a presença do estado e da iniciativa privada encontrem-se presentes e atuantes. Em *O Caçador de Pipas*, o narrador-personagem descreve o Afeganistão como uma nação onde a modernidade e o atraso, convivem lado a lado.

As descrições se dão no momento em que Amir volta ao Afeganistão e se depara com uma nação bem diferente daquela que o mesmo conheceu em sua infância:

As pessoas de *Bamiyan* tinham me dito que seria fácil encontrá-lo, pois ele morava na única casa da aldeia que possuía um jardim cercado. O muro de barro, baixo e repleto de furos, contornava a casa minúscula que, na verdade, não passava de um casebre bem apresentado. Crianças descalças brincavam na rua, rebatendo uma velha bola de tênis com um pedaço de pau, e ficaram olhando quando encostei o carro e desliguei o motor. Bati no portão de madeira e entrei num quintal que não tinha quase nada, a não ser um canteirinho de morangos ressecado e limoeiro sem folhas. No canto, havia um *tandoor*, á sombra de uma acácia e vi um homem agachado junto dele.

Estava pondo massa em grande espátula e me viu, deixou cair á mesa. Tive de contê-lo para que parasse de beijar as minhas mãos.

“Deixe-me olhar para você”, disse eu. Ele deu um passo atrás.

Tinha ficado tão alto que, mesmo na ponta dos pés, eu só batia na altura do seu queixo. O sol de *Bamiyan* tinha enrijecido a sua pele e, pelo o que eu me lembrava, ele não era tão moreno assim antes. Além do mais, tinha perdido alguns dentes da frente e havia alguns pêlos esparsos em seu queixo. Afora isso, eram os mesmos olhos verdes puxados, aquela cicatriz acima do lábio superior, o rosto redondo, o sorriso afável. Você o teria reconhecido, Amir *Jan*. Tenho certeza que sim. (Khaled Hosseini, 2005, p. 207).

O narrador-personagem volta ao Afeganistão no ano de 1986 e reencontra seu amigo de infância Hassan. Esta foi a última vez que Amir e Hassan se viram. Percebe-se

pelas palavras do narrador acima que ele via o Afeganistão como uma nação decadente já na década de 80. Para exemplificar isso, basta analisar a maneira pela qual o narrador descreve o local onde seu amigo Hassan morava. Verifica-se que o narrador utiliza-se de adjetivos onde o caráter primitivo e obsoleto da residência de Hassan, muro cercado, casa minúscula, o deslumbramento das crianças que jogavam uma velha bola de tênis ao ver Amir estacionar próximo de sua casa com um carro, deixam evidente os conflitos que envolviam a situação local de Amir e de Hassan. Há em tal passagem uma concepção ideológica, pois fica evidente que o autor Khaled Hosseini utiliza-se do narrador para denunciar a situação de atraso do Afeganistão frente às outras nações mundiais e de que proposta de modernização e de justiça defendida pelo governo soviético que invadiu o Afeganistão havia fracassado.

Esse descontentamento com a União Soviética, somado á dificuldade da sociedade afegã em superar barreiras sociais, econômicas e étnicas, que abriu espaço para que partido talibã nascesse. Por meio de um discurso nacionalista, religioso e moralista, onde a figura do Ocidente era evocada como um demônio causador de todos os males do Afeganistão, o Talibã consegue assumir o poder em terras afegãs.

Num primeiro momento, parte da antiga elite alijada do poder, elite essa ao qual a família de Amir e de Khaled Hosseini, pertencia, viu com bons olhos a ascensão política dos talibãs, porém após a ascensão desse segmento político, a elite afegã que outrora era simpática a esse movimento, tornou-se sua principal opositora.

Em um outro trecho do romance de Hosseini, Amir em uma conversa com o amigo de seu pai, Rahim Khan, debate a situação do Afeganistão após a instalação do regime talibã. Nesse momento, Amir estava no Afeganistão com a missão de resgatar o filho de Hassan que encontrava-se num orfanato dominado pelos talibãs.

Rahim Khan expôs a Amir a real dimensão do fundamentalismo muçulmano, representado pelo orfanato onde o menino estava internado, e revelou a ele que Hassan era seu meio irmão, fruto de um caso extraconjugal de seu falecido pai, Baba com a sua ex-empregada, Sanaubar.

Fiquei pensando naquele dia de 1974, no quarto do hospital, pouco depois da cirurgia do lábio leporino de Hassan. *Baba, Rahim Khan, Ali* e eu nos amontoamos em volta da cama, loucos para vê-lo examinar o lábio novo no espelho de cabo. Agora, todos estavam morrendo. Exceto eu. Então vi mais alguma coisa: um homem usando uma túnica de tecido espinha-de-peixe pressionando seu cano de *Kalashnikov* contra a nuca desaba no asfalto, com a vida de lealdade não-correspondido se esviando de seu corpo como se as pipas levantadas pelo vento que perseguíamos.

- O Talibã se instalou em nossa casa- prosseguiu Rahim Khan- A pretexto de terem expulsado um invasor. Os assassinos de Hassan e Farzana foram relegados á condição de legítima defesa.

Ninguém disse uma única palavra a respeito deles. A maioria por medo do Talibã, acho eu. Mas quem é que ia querer se arriscar por um casal de criados hazaras?

- E o que fizeram com Sohrab?- perguntei. Estava me sentindo cansado, exaurido Rahim Khan teve um acesso de tosse que durou um bom tempo.

Quando finalmente ergueu a cabeça, tinha o rosto afogueado e os olhos injetados. (Khaled Hosseini, 2005, p. 220).

A apreensão de Amir em relação ao estado de filho de Hassan, Sohrab e a confirmação por parte de Rahim Khan de que a casa que pertenceu a Amir, tinha sido tomada pelo talibã, confirmam a idéia defendida por Demant de que o fundamentalismo nos países árabes islâmicos é gerado por sociedades que não conseguiram um processo de modernização pleno e efetivo. Diante dos desrespeitos aos direitos humanos, cada vez mais presentes no Afeganistão, coube ao narrador-personagem, lamentar a perda de seus antigos amigos.

Ao retratar tal situação, Khaled Hosseini, de modo semelhante ao narrador-personagem de seu romance, também saiu do Afeganistão por causa da perseguição política e foi morar nos Estados Unidos, e vê após um certo tempo, que a sua nação tinha conseguido se modernizar, apesar das propostas de modificação da situação política empreendidas pelo golpe soviético no Afeganistão e posteriormente pelos talibãs.

Compreende-se que, apesar de Khaled Hosseini ter vivido sua fase adulta fora do Afeganistão, suas experiências foram determinantes para que ele escrevesse o romance *O caçador de Pipas*.

Bakthin, um dos mais destacados estudiosos da literatura e da lingüística tentou compreender de que forma o romance literário poderia servir como um mecanismo de representação de situações históricas e sociais situadas num determinado espaço geográfico e num determinado tempo.

Bakthin introduziu um conceito relevante para tal reflexão que foi o de cronotopos.

O intelectual russo entendia o tempo e o espaço como duas categorias inseparáveis e acreditava que o pesquisador literário não poderia deixar de analisar esses dois aspectos.

O cronotopo como materialização privilegiada do tempo e do espaço é o centro da concretização figurativa da encarnação do romance inteiro. Todos os elementos abstratos do romance, as generalizações filosóficas e sociais, as



idéias as análises das causas e dos efeitos, gravitam ao redor do cronotopo, graças ao qual se enchem de carne e de sangue e se iniciam no caráter imagístico da arte-literária. (Bakthin, 1993, p. 536).

Por meio do estudo das categorias de tempo e de espaço presentes no romance literário, Bakthin criou o conceito de cronotopo. Esta palavra une dois radicais de origem grega, *chronos* significa tempo e *topos*, espaço.

Diante disso, para se compreender o sentido produzido pelo discurso romanesco deve-se recorrer aos cronotopos e dessa forma verificar como o sujeito representa o mundo onde ele vive, observando como este mundo molda e caracteriza este sujeito.

Bakthin afirma que:

O Cronotopo é uma categoria conteudístico-formal, que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários. Cabe acrescentar que o princípio condutor do cronotopo é o tempo. (2006, p. 13).

A originalidade de Bakthin foi ter entendido que, de modo parecido ao que ocorre na vida real, o tempo também provoca modificações na vida dos personagens literários, fazendo com que eles sejam seres em permanente transformação e esse processo só pode ser analisado se levando em conta as condições do local em que tais seres estão situados e as condições oferecidas a eles.

Tal reflexão é apropriada para se pensar a trajetória de Amir, um indivíduo imigrante que escolheu morar em um país mais rico e desenvolvido do que a sua nação de origem, mas que é marcado pelas experiências e lembranças de seu passado pessoal.

Outro aspecto que o conceito de Bakthin proporciona é o de que a literatura é uma forma de discurso, onde ideologias, pensamentos e posicionamentos estão presentes.

Influenciado pelo legado teórico de Bakthin, o pesquisador francês Jean Maurice Lefebvre, buscou estudar a literatura como uma forma de discurso e afirmou que:

Como todo discurso, a narração é produtora de denotações e conotações. As denotações enunciam elementos da diegese, mas podem igualmente instruir-nos sobre o que o autor pensa desses elementos ou da sua própria narrativa. O romance balzaquiano está cheio dessas intervenções de um autor omnisciente que interrompe a todo o momento o desenrolar da história para emitir um juízo sobre as suas criaturas, as suas ações, os grupos sociais, a que eles pertencem. Trata-se de uma *valorização directa* de que o leitor se faz, em geral cúmplice, mesmo que as suas idéias, na vida corrente, sejam muito diferente daquelas que se lhe expõem na narrativa. De resto, no caso de ele insurgir categoricamente, o encanto seria rompido e ele sairia do plano estético. (Maurice Jean Lefebvre, 1975, p. 176).

A idéia defendida por Lefebve é importante, por valorizar a estética literária, com suas conotações, revelando o modo pelo qual o autor pensa a própria sociedade e a representa ideologicamente no romance.

Participando desse tipo de discussão teórica, Genette (1979) estudou com a literatura poderia expressar o posicionamento dos escritores e o papel dos narradores como porta-vozes do pensamento do autor literário. A função do narrador na narrativa de caráter biográfica levou Genette a entender que a vida humana só adquire sentido num texto a partir que uma entidade narradora dessa história assume identificação com aquilo que ela narra. Lefebve, atualizado com a proposta teórica levantada por Genette, decide evidenciar o papel das figuras de linguagem como ferramentas da enunciação do discurso do narrador e de criação de um texto onde a realidade biográfica e fantasia literária estejam correlacionadas.

Compreende-se que romances de teor autobiográfico como *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*, são fontes privilegiadas em relação ao tema discutido por Genette, Bakthin e Lefebve, já que eles tem como enredo, experiências de vida real dos autores destas obras. Tanto Khaled Hosseini, quanto Ruy Duarte de carvalho, destacaram-se por conseguir em seus romances representar situações da história do Afeganistão e de Angola, que dificilmente seriam conhecidas na obra de um historiador, seja pela escassez de fontes sobre essas sociedades, devido ao fato delas não terem despertado a atenção da maior parte dos historiadores atuantes no século XX, como também pela maior facilidade do texto literário ser interpretado pelos leitores destas nações e de outros países.

Acredita-se que tal conclusão, pode ser explicada pela complexidade tanto da história afegã, quanto da história angolana, mas também pela dificuldade que tais sociedades possuem em fazer com que as suas obras circulem fora do seu próprio território.

Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho publicaram suas obras, não só pelo talento de ambos, mas também pelo papel social que tais indivíduos exercem em suas comunidades.

Khaled talvez nesse aspecto seja o exemplo mais original, pois ele é um imigrante que ao deixar seu país, levou consigo experiências de sua vida pessoal que lhe serviram posteriormente como material para a construção de um romance. Já Ruy Duarte de Carvalho é um estrangeiro que possui um olhar sobre Angola que se assemelha em muito a visão de um nativo. No romance *Os papéis do Inglês*, expõe uma

crítica elaborada sobre a presença portuguesa em Angola e de como tal ocupação foi desigual e cheia de explorações, que privaram os habitantes nativos desse local de participarem das decisões políticas de seu país de origem.

Em um trecho do romance de Ruy Duarte de Carvalho, o narrador-personagem decide dar prosseguimento às buscas de um suposto papel, que poderia definir qual era a riqueza que se dizia em Angola ser de propriedade do antropólogo Archibald Perkins.

Nesta busca o narrador-personagem analisa a posição social de seu primo Kaluter, que descendia de portugueses, mas que tinha alcançado reconhecimento social em terras angolanas;

O meu primo Kaluter fazia parte daquela avalanche dos que, tendo deixado Angola com a independência, para habitar sobretudo Portugal e a Namíbia, vinham agora depois das eleições, e mesmo com a guerra de novo a ferver, avaliar como é que as coisas estavam a correr cá pela terra. O fantasma do comunismo estava ultrapassado, havia lugar para a iniciativa privada, as alianças com a burguesia nacional, que emergia desde que tinham partido ocupava agora um lugar incontornável nos corredores do mercado, constava como coisa fácil e propícia. A corrupção imperava e isso a própria guerra, mais o desconcerto institucional, favoreciam muito negócio, muito expediente. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 103).

O narrador descreve e ao mesmo tempo caracteriza a posição assumida por seu primo em Angola, Kaluter só adquiriu interesse em retornar para seu país de origem, no momento em que não houve mais obstáculos à atuação da burguesia comercial e da iniciativa privada, segmentos políticos aos quais esse personagem pertencia. Neste trecho do romance de Duarte de Carvalho, há uma justificativa em relação a qual era a intenção dos grupos sociais beneficiados pela independência de Angola.

Vários estudos vêm sendo feitos para analisar a situação do continente africano, apontando por um lado suas carências históricas e demonstrando a ineficácia de visões simplistas em relação ao próprio significado da palavra África que não corresponde a um país, mas sim a um continente cheio de nações diferentes e com suas devidas peculiaridades. O historiador brasileiro Luiz Dario Teixeira Ribeiro entende que:

O domínio colonial na África durou aproximadamente 75 anos, tempo suficiente para a incorporação na economia mundial, das economias capitalistas monopolistas e para a emergência de um movimento emancipacionista bastante problemático. Nesse período, os impérios coloniais submeteram ou cooptaram tanto as resistências tradicionais como as “modernizantes”, ordenaram o continente e mudaram o seu perfil. O auge da descolonização e a reordenação deu-se no período entre - guerras com marcada participação da crise econômica de 1929 e posterior recessão. (2007, p. 85).

O contexto histórico é determinante para as literaturas de carácter autobiográfico e autoficcional. Nesse tipo de literatura, o local de nascimento do escritor e suas experiências e memórias em relação ao lugar, assume grande importância simbólica.

Quando se pensa nisso, deve-se levar em conta de que a maneira a história de sociedades de passado colonial, como a angolana e a afegã estão intimamente ligadas ao espaço geográfico ocupado pelas mesmas. Ao se apontar a expressão espaço geográfico, pensa-se no local, onde a narrativa desses romances é retratada e como isso interfere no modo de ação dos personagens e acima de tudo, na maneira pela qual o narrador desenvolve o enredo da narrativa.

O professor de literatura Cleudemar Fernandes estudou a presença da dimensão espacial na literatura. Cleudemar concebe que:

A heterotropia por sua vez implica efeitos de sentido decorrentes do posicionamento do sujeito discursivo nos espaços em que se situa, ou aos quais se refere. Os espaços, exteriores, socioculturais historicamente constituídos, são constitutivos de subjetividade do sujeito enunciativo. (2008, p. 42).

O conceito de heterotropia citado por Cleudemar e criado por Bakhtin se refere à posição assumida pelo escritor, e o narrador é a figura pela qual o autor se utiliza para expor sua ideologia pessoal.

Pode-se entender que quando os narradores se referem ao território de Angola e do Afeganistão, eles estão trabalhando com aspectos ligados a sua identidade pessoal e com a sua trajetória de vida, demonstrando que ao mesmo tempo em que há elementos da vida de cada um desses intelectuais, há a possibilidade destes escreverem obras onde a sua própria vivência serve como material narrativo.

No subtítulo seguinte, a abordagem girará em torno de como o conceito de memória expressa nos dois romances estudados, possui relação com o que se entende ser autoficção e romance autobiográfico.

### **2.3- O conceito de memória nos romances *O Caçador de Pipas e Os papéis do Inglês*: a fronteira limítrofe entre a história individual e a memória coletiva**

Nos romances *O Caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* a memória é algo que se encontra presente do início ao fim. Um dado interessante é que os narradores-personagens se utilizam da lembrança como material narrativo, sendo esta aliás uma característica peculiar do gênero romanesco.

No romance de Khaled Hosseini, o narrador Amir rememora sua vida no Afeganistão e estabelece paralelo com sua vida nos Estados Unidos. Na primeira parte da obra, Amir assume um tom predominantemente memorialístico.

Para se estudar o fenômeno da memória recorreu-se ao sociólogo Maurice Halbwachs que pesquisou esse assunto no livro *A Memória Coletiva*.

Em relação ao *Caçador de Pipas*, o narrador se utiliza da memória nos seus mais diferentes aspectos ao longo do romance. Primeiramente o narrador relembra sua infância no Afeganistão e a presença do amigo Hassan, se sobressai no pensamento de Amir.

Meu quarto ficava no andar de cima junto com meu pai e o escritório, também conhecido como “sala de fumar” eternamente cheirando a tabaco e canela. Era lá que baba e seus amigos se reclinavam nas poltronas de couro preto depois que Ali tinha acabado de servir o jantar.

Todos enchiam os cachimbos só que meu pai sempre dizia “engordar o cachimbo” e conversavam sobre os seus três assuntos favoritos: política, negócios, futebol. Às vezes eu perguntava se podia ir sentar lá, junto com eles mas baba ficava parado na porta. (Khaled Hosseini, 2005,p.12-13).

Nesta parte da obra, Amir descreve seu quarto e percebe-se que tal tipo de lembrança está ligada ao seu mundo de criança rica em um país subdesenvolvido. Se por um lado, o narrador-personagem possui orgulho em lembrar a sua posição social em terras afegãs, ele faz uma comparação em termos de desigualdade com seu amigo Hassan, que cria filho do empregado do pai de Amir.

Na parte sul do jardim á sobra de um pé de nêspera, ficava a casa dos empregados, uma casinha modesta onde Hassan morava com o pai.

Foi ali, naquele pequeno casebre, que Hassan nasceu no inverno de 1964, um ano depois que minha mãe morreu durante o pano. (Khaled Hosseini, 2005, p. 13-14).

Mesmo sendo amigos, Amir e Hassan pertenciam a classes sociais diferentes. O narrador-personagem vangloriava-se do fato de ser um representante da burguesia afegã e de assumir a posição de domínio econômico em um país subdesenvolvido.

Entende-se que a descrição da casa representa o destaque social que Amir possuía em terras afegãs e relacionam-se as lembranças de seu passado.

Maurice Halbwachs (2004) estabelece dois tipos de padrão de memória, a memória individual e a memória coletiva. Dentro deles se situariam outras categorias que se adequam a tal conceito. Halbwachs fez um estudo aprofundado sobre o papel de indivíduo no ato de relembrar e definiu a memória da infância como um dos momentos mais importantes na vida de qualquer pessoa. Esse teórico cita a memória infantil como uma ferramenta importante de análise do papel do indivíduo dentro da sociedade em que está inserido. Ele cita os exemplos de Stendhal e de Blondel.

Stendhal se lembra de na sua infância ter mordido a bochecha e a testa de Madame Pison Dugalland, enquanto Blondel possui lembranças esparsas e confusas sobre sua vida infantil, citando a presença de um escorpião na casa de seu avô como o aspecto mais relevante de sua memória quando criança. Pode-se afirmar que Amir era uma criança consciente e plenamente inserida nas atividades de sua família e o amigo Hassan ao longo do tempo tornou-se a única lembrança que o narrador guardava do Afeganistão.

Após a consideração dada à memória infantil, Halbwachs define a memória da idade adulta. Tal estágio de raciocínio está ligado às percepções do sujeito como um ser histórico e a ação desempenhada por ele. Esse tipo de conclusão fez com que Halbwachs admitisse que a memória individual possui relação com a memória coletiva pelo fato de várias influências sociais se manifestarem nas atitudes de cada pessoa. Uma criança que diante das dificuldades da vida assume a preocupação comum aos adultos, uma mudança de lugar, família e da profissão são exemplos citados pelo autor como situações individuais onde o pensamento coletivo se manifesta. (Halbwachs, 2004, p. 52).

[...] a memória coletiva tira a sua força e a sua duração do fato de ter suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam umas sobre as outras, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada uma delas. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os mesmos meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (Halbwachs, 2004, p. 55).

Halbwachs entende que toda manifestação ligada à memória individual possui parcelas da coletividade. Toda lembrança pessoal está calcada em discursos que foram proferidos por pessoas diferentes. No romance *O caçador de Pipas*, o narrador-

protagonista Amir representa tal consciência da lembrança individual e também coletiva, sendo ele uma representação de toda uma memória coletiva sobre o Afeganistão antes do golpe soviético e do regime talibã. A memória relativa ao Afeganistão ganha outros contornos no romance e numa certa passagem o narrador relembra em que situação política no Afeganistão começa a ficar instável:

Houve um estrondo que mais parecia um trovão. A terra estremeceu um pouco e ouvimos o Ra-ta-ta-tá da arma de fogo.

-Pai!- gritou Hassan. Levantamos de um salto e saímos correndo da sala de visitas. Fomos encontrar Ali atarantado, mancando freneticamente de um lado para outro do saguão.

-Pai! Que barulho foi esse?- Gritou Hassan correndo para ele com os braços estendidos. Ali abraçou. Um clarão esbranquiçado iluminou o céu em tons de prateado. Depois, um outro clarão, rápido stacatto da artilharia.

-Estão caçando patos – respondeu Ali com voz rouca. Você sabe que é a noite que se caçam patos. Não tenha medo. (Khaled Hosseini, 2005, p. 43).

O narrador estabelece a diferença entre a sua forma de percepção em relação aos acontecimentos e o de seu amigo Hassan. Enquanto o narrador percebeu o que estava ocorrendo e posteriormente adquiriu uma compreensão mais elaborada do que aconteceu, seu amigo de infância se satisfez com a explicação dada por seu pai Ali, de que o barulho provocado pelos disparos de armas era decorrente de uma caçada de patos que acontecia próximo a casa de Amir.

A comparação entre o narrador-personagem Amir e Hassan é constante em *O caçador de Pipas*. A identificação entre ambos os sujeitos explica o motivo pelo qual 26 anos de sua saída do Afeganistão, Amir decide retornar para sua terra natal atrás de seu amigo.

O fato do narrador citar tais acontecimentos da história do Afeganistão antes da ascensão do regime talibã expõe que a memória do escritor Khaled Hosseini, testemunha desses acontecimentos, pôde ser utilizada como uma ferramenta de preservação da memória de tal sujeito e ao mesmo tempo como enredo de uma obra ficcional. Esta conclusão permite que se entenda a dificuldade de separar os conceitos de autobiografia e autoficção, percebendo que ambos podem se encontrar próximos num romance literário, sendo o conceito de memória o eixo de encontro de tais conceitos. Halbwachs entende que:

[...] a medida em que a criança cresce, e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta e mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente, sem disso aperceber-se. Como a idéia que faz do seu passado, por esse motivo não seria modificada? Como as informações novas que ela adquire, informações de fatos, reflexões e idéias que reagiram sobre suas lembranças? Temos freqüentemente ajuda

de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que se através da memória éramos colocados em contato com nossas antigas impressões as lembranças se distinguiria, por definição, dessas idéias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma Idea do que foi o nosso passado. (Halbwachs, 2004, p. 76).

Halbwachs deixa claro que a noção que se tem do passado está relacionada à posição que o indivíduo assume no presente. Tal idéia é válida para o caso do narrador Amir.

O narrador-personagem do romance *O Caçador de Pipas* adquire consciência de seu passado no Afeganistão na idade adulta, período no qual ele se encontra distante de sua terra natal. Na medida em que Amir relembra os fatos mais importantes de sua infância de certa forma ele reconstrói suas experiências para dar a elas uma noção de continuidade.

Halbwachs (2004) chama a atenção para o fato da tradição e os fatos repetidos cotidianamente fazerem parte da ferramenta que estrutura tanto a memória individual quanto a coletiva. No momento em que esse hábito cotidiano deixa de ser praticado, o indivíduo percebe que a sua realidade é outra e toda uma comunidade que tinha um determinado hábito ou comportamento social, deixa de existir.

Em relação à vida de Amir ele se dá conta na sua maturidade de que a competição de pipas que ocorria durante todo o inverno no Afeganistão era um dos momentos em que um hábito coletivo tornava-se um momento de integração entre as pessoas e reforçava a identidades das mesmas.

O campeonato de pipas era uma velha tradição do Afeganistão. O torneio começava de manhã bem cedo e só acabava quando a pipa vencedora fosse a única ainda voando no céu- lembro de uma vez que a competição terminou quando já em noite fechada.

As pessoas se amontoavam pelas calçadas e pelos telhados, torcendo pelos filhos. As ruas ficavam repletas de competidores dando sacudidas e puxões nas linhas, com os olhos fixos no céu, tentando se pôr em condições de cortar a pipa do adversário. Todo pipeiro tinha um assistente- no meu caso, Hassan que ficava segundo o carretel e cantarolando a linha. (Khaled Hosseini, 2005, p. 57).

O campeonato de pipas do ano de 1975 foi o mais importante da vida de Amir e de Hassan. Ele simbolizou o momento em que o narrador-personagem adquiriu destaque entre os cidadãos afegãos e, após sua vitória nessa competição, ocorreu o afastamento dele e de Amir tendo o seu clímax no momento em que Amir imigra do Afeganistão para os Estados Unidos.



Após Halbwachs, um destacado estudioso do fenômeno da memória trabalhar com esse conceito, o historiador francês Pierre Nora decidiu entender a relação da história e da memória. Para Nora, o conceito de memória assume importância quando se contrapõe ao conceito de história. O interessante segundo Nora é o fato de se questionar a postura de muitos estudiosos e de parte da sociedade em geral que considera essas duas palavras como sinônimas.

Para Nora a memória é:

[...] “vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ele está em permanente evolução. Aberta e a dialética das lembranças e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas realizações. (1993, p. 9).

Se a memória possui relação com os grupos humanos tradicionais, existem momentos em que ela sofre abalos significativos. Isso pode ser explicado pelo fato de muitos grupos humanos serem dizimados ou sofrerem divisões ao longo do tempo. O meio social a qual Amir pertencia sofreu esse processo e ele de modo semelhante ao autor Khaled Hosseini vivia no Afeganistão uma infância tranquila e sem muitas dificuldades, porém após o campeonato de pipas no ano de 1975 e a separação do amigo Hassan, sua realidade social começou a ser transformada e em tal momento sai de cena com a memória para entrar em cena o conceito de história,

[...] Vi o carro de meu pai se afastar, levando consigo aquela pessoa para quem a primeira palavra pronunciada, ao aprender a falar, foi o meu nome. Ainda vi de relance, pela última vez, o vulto de Hassan afundando no banco de trás, antes que o carro dobrasse à esquerda naquela esquina onde tantas vezes tínhamos jogado bolas de gude. Me afastei da janela e tudo o que vi foi a chuva caindo pelas vidraças, que mais pareciam prata derretida. (Khaled Hosseini, 2005, p. 115).

O momento em que Amir se afasta definitivamente de Hassan representa grande dramaticidade no romance *O caçador de Pipas*. Amir vai embora do Afeganistão e tempos depois de sua vivência nesse país só poderá ser conhecida por meio de seu processo de rememoração. Partindo dessa suposta contradição entre aquilo que se viveu e faz parte do passado e aquilo que se viveu e se decide lembra Pierre Nora argumentou que:

“ A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação no passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes. Particulares

ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.

A história, porque operação intelectual e laicante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais; às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”. (Pierre Nora, 1993, p. 102).

Nora se dedica em especificar as diferenças entre a história e a memória, deixando claro que a história é desdobramento de uma compreensão de passado. Esse tipo de situação ocorre sempre que um indivíduo percebe que um fato ou um acontecimento que teve significação na sua vida, ocorreu há bastante tempo e que esse acontecimento se encontra distante dele mesmo.

Uma das cenas emblemáticas de como a memória é fragmentada e que ela só pode ser reconstituída por vestígios históricos aconteceu quando Amir em sua volta para o Afeganistão no ano de 2001, vê a foto de seu amigo Hassan e adquire a compreensão de que toda a realidade social e o meio ambiente em que ele cresceu e viveu, não existe mais, o que permite que o mesmo possa ser historicizado e narrado, porém não mais reconfigurado.

Olhai de novo para aquele rosto redondo na foto Polaroid, com o sol batendo ao lado. O rosto do meu irmão Hassan tinha me amado antigamente, e de um jeito que ninguém jamais me amou ou viria me amar. Agora estava morto, mas uma pequena parte dele ainda vivia. E estava em Cabul. Esperando. (Khaled Hosseini, 2005, p. 227).

A compreensão adquirida por Amir foi a de que o presente não pode ser igual ao passado e que os acontecimentos em sua infância deixaram vestígios como a fotografia do seu amigo e meio-irmão, Hassan. Essa situação relaciona-se ao que Halbwachs entende como sendo a característica principal da memória que não estabelece uma ruptura com o passado e o presente porque ela retém

Do passado somente aquilo que está vivo, ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte do seu passado; há, na realidade, dois grupos que se sucedem. A história divide a seqüência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. Porém, enquanto numa peça, de um ato para outro, a mesma ação prossegue com os mesmos personagens que permanecem até o seu desenlace de acordo com seus papéis, e cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que, um período a outro, tudo

é renovado, interesses em jogo, orientações dos espíritos, maneiras de ver os homens e acontecimentos, tradições e perspectivas para o futuro, e que se, aparentemente reaparecem os mesmos grupos, é porque as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes e também da natureza subsistem.

Mas os conjuntos de homens que constituem um grupo em dois períodos sucessivos são como duas barras em contato por suas extremidades opostas, mas que não se juntam de outro modo, e não formam realmente um mesmo corpo. (Halbwachs, 1990, p. 81-82).

Como a memória não realiza rupturas, possibilita que o passado se transforme em lembranças. Acredita-se que isso corre com Amir na medida em que ele se conscientiza de que, mesmo sendo um morador dos Estados Unidos e de ter alcançado sucesso e reconhecimento nessa nação, sua identidade cultural não pode ser negada.

Essa situação de um imigrante que retorna anos depois ao seu país de origem e faz uma reflexão de como este era no passado e como se encontra no presente, comprova quanto o romance de Khaled Hosseini se relaciona com a vida desse escritor.

Se na obra *O caçador de Pipas*, o conceito de memória é importante para se analisar a proposta literária defendida por Hosseini, no livro *Os papéis do Inglês*, a situação não é diferente. Ruy Duarte de Carvalho, semelhantemente, ao narrador também buscou ao longo de sua carreira acadêmica desmitificar certas noções arraigadas no pensamento científico em relação à África. O narrador-personagem de *Os papéis do Inglês* questiona a versão produzida pelo jornalista Henrique Galvão em relação a causa do suicídio de Archibald Perkins.

Deveria dizer agora ao Paulino se o seu avô e o meu pai se tivesse reencontrado poderíamos um dia, pelo menos uma breve vez na vida ter ficado rico os dois? Era esta a desprezível moral possível, a extrair desta estória, num mundo tão desprezível como este em que eu e Paulino andávamos a viver? Clamar horror, horror, como faz Kurt no *The Heart of Darkness*? (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 178).

O avô do narrador-personagem no passado tinha ido para Angola assessorar Archibald Perkins, pois falava-se no início do século XX, que na região africana de Kwando havia um tesouro em ouro e marfim. É interessante observar que o pai de Duarte de Carvalho também era caçador de elefantes e imigrou para Angola em busca de enriquecimento, fato semelhante ao personagem principal do romance.

Certamente o fato do autor do romance ter ainda criança saído de Portugal e ido morar no território angolano, explica o motivo pelo qual Duarte de Carvalho escolheu um narrador imigrante, um ser viajante. Sobre esse tema, do narrador viajante, Walter Benjamin desenvolveu uma reflexão que afirma que:

“ Quem viaja tem muito o que contar” diz o povo e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas honestamente sua vida sem país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através de representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (Benjamin, 1994, p. 198-199).

O narrador do romance *Os papéis do Inglês* serve de exemplo de um homem sábio que conta uma história. Benjamin dava destaque para quem por meio de sua experiência de vida conseguia transmitir relatos e ensinamentos. Apesar disso, esse teórico criticava a perda da noção ligada a arte da narrativa, porque entendia que a literatura moderna privilegiava cada vez mais textos onde a narração se voltava muito mais para a informação que o romance continham do pela história do mesmo.

Benjamin postula que os seres humanos estão perdendo a capacidade de “intercambiar experiências” e essa capacidade que se encontra num nível baixo, tende a continuar caindo, até desaparecer totalmente.

Mesmo concordando-se com a análise feita por Benjamin no que se refere ao fato do narrador viajante ser uma instância narrativa de destaque, acredita-se que no caso dos dois romances dessa dissertação, especialmente no de Ruy Duarte de Carvalho, tal afirmativa merece ser questionada e problematizada.

Quando o narrador decide produzir sua versão sobre a causa do suicídio de Archibald Perkins e busca reunir provas de que o conhecimento acerca da estadia desse indivíduo em Angola era errônea, há sim um forte teor narrativo, pois adquiri-se a noção o que move o narrador a praticar essa busca pelo passado é a própria arte da narração.

Só contando, comparando dados, cruzando fontes que são textuais, como a procura incessante de papéis ligados ao inglês, nome que inclusive serve de título para o romance, quanto com o testemunho de figuras que conheceram fatos sobre a vida de Perkins, como Paulino e o filho do finado Luhuna, o narrador-personagem explora o caráter narrativo que a história que ele conta possui.

No espólio, no entanto, eu não tinha encontrado aqueles outros papéis que segundo o ahumbeto do reideiro Kankalona, quando o tyimbanda meu irmão de Muhunda me chamou para levar-me até ele, provinham de um branco que se perdera pela Namíbia e o mais velho Luhuna também recolhera, para guardar na mala. E a má impressão que eu já tinha do guarda-costas das luvas brancas fazia-me instintivamente associá-lo a isso porque a maneira como tinha me olhado na reunião era de que esperava alguma reacção minha. Estava a fitar-me de um a forma quando depois de ter remexido tudo não

encontrei quaisquer indícios dos papéis. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 167).

O momento em que o narrador se dá conta de que os papéis do inglês não correspondiam exatamente aquilo que o narrador-personagem imaginava que eles seriam. Nota-se que a definição dada por Benjamim de que a narrativa estaria em processo de declínio no romance não pode ser tomada como uma verdade inquestionável.

Já discutiu-se anteriormente, nesta dissertação, que o conceito de autoficção se utiliza bastante da capacidade de criar narrativas, porque entende-se que as experiências de vida de pessoas só resistem ao tempo se puderem ser gravadas ou reproduzidas e a literatura como um meio de expressão artístico antigo, se propõe a desempenhar esse papel.

Márcio Seligman Silva dedicou-se em como se produzem narrativas e a tradução destas no mercado editorial brasileiro. Parte de sua análise encontra-se no livro chamado *O Local de Diferença*. Nesta obra, Márcio Silva dedica um capítulo específico para apontar quais são as características mais peculiares da literatura de testemunho, literatura em que a experiência de vida do indivíduo serve como tema para a elaboração de romances.

Na literatura de testemunho de um modo geral é freqüente essa concepção do campo como constituído a “única realidade” e a afirmação da impossibilidade da saída dele, da impossibilidade de libertação dele” não existe mundo de fora da cerca”. Na obra de Wilkomirski essa concepção aparece de modo potencializado uma vez que expõe os seus “fragmentos” do ponto de vista de uma criança. A imaginação e a linguagem são ainda mais embotadas. As suas defesas e simbolização têm um funcionamento diverso do que num adulto. Nesse sentido essa obra é exemplar. As imagens das cenas em que Benjamin Wilkomirski presenciou impregnar-se de tal modo que na sua mente que como que arruinaram a sua cartografia mnemônica. Diante dessas imagens tudo o mais empalidece. Trata-se de imagens de extrema violência escritas a ácido na tela de sua memória. (Márcio Seligman Silva, 2005, p. 110).

Marcio Silva conseguiu através da análise da obra de Wilkomirski explicitar como se dá a representação do passado na chamada literatura de testemunho. É importante ressaltar que esta é fruto de uma opção consciente da parte do escritor em tornar público suas vivências, só que ao mesmo tempo que isso ocorre, há uma também uma relativização de que se entende ser a verdade histórica.

Márcio Silva (2005) entende que a obra de Wilkomirski expõe que a literatura baseada no testemunho é uma das conseqüências do desenvolvimento da história como

ciência e do próprio século XX. Este intelectual entende que o século passado foi marcado por muitas guerras e de imigrações de vários povos e esse fator explicaria que um tempo depois desses acontecimentos, houvesse a necessidade por parte das testemunhas oculares desses fatos em estabelecerem seu ponto de vista e tornar o mesmo público.

Certamente o princípio da manipulação e da tentativa de influência do leitor se manifesta como uma das principais características desse tipo de literatura. No romance de Ruy Duarte de Carvalho o narrador-personagem busca definir sua opinião acerca da vida de Archibald Perkins, só que ele mergulha no universo desse indivíduo, ciente de que, certo modo, tal universo é o seu também. O narrador chega a tal compreensão porque percebe que seu pai viveu com o caçador de elefantes e teve alguns sentimentos e ações em comum com Perkins.

[...] É quanto extraí do caderno de Archibald. Mas não posso ser tão preciso assim quanto ao que lhe terá virado a cabeça a ponto de decidir dar cabo á vida, como a carta dobrada vinha a seguir dar-me notícia e a vivacidade das notas do caderno deixavam já suspeitar. É certo que Galvão o brindou com a distinção de considerá-lo a par de Teodósio Cabral, mais tarde dado a conhecer como co-autor de *Da vida e da Morte dos Bichos*, com esse Abel Pratas, que foi durante muitos anos director dos serviços da veterinária de Angola um impecável gentleman que surpreendia ver os ali perdido a caçar elefantes, actividade que a África toda estava mais habituada e ver praticada por marginais do tipo do Grego ou daquele embrutecido administrador conhecido que por piedade tinha deitado fogo a um velho estabelecia um confronto entre colonos portugueses, ingleses e alemães e denunciava o abismo entre as cidades coloniais portuguesas e sul-africanas ao mesmo tempo que se empolgava no elogio de Angola se poupar o alto comissariado e o funcionalismo em geral. Mas nada disto poderia impressionar e virar a cabeça de Archibald Perkins. Nas notas que registra ao longo de sua viagem de regresso ao acampamento não esconde a piedade e a repugnância que inspira ver aquele distrito, e sem dúvida inteligente, e revolucionário, capitão português, referi a África de Cecil Rhodes como meta de um ideal de civilização que não pode contemporizar nem com a infantilidade e a irracionalidade dos “pretos” nem com a degenerescência abjecta de certos brancos cafrelizados e coniventes com os selvagens. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 174).

O narrador foi buscar os vestígios deixados por Archibald Perkins. Ele conseguiu encontrar um caderno onde estavam documentos que haviam pertencido ao caçador de elefantes inglês. O narrador-personagem percebe que Perkins tinha uma visão contrária ao evolucionismo europeu. Para este indivíduo, a visão de que os africanos eram um povo infantil e que necessitava do domínio da Europa, era um pensamento equivocado. Torna-se importante mencionar que o narrador se vê diante de provas frágeis para referendar a opinião estabelecida em Portugal acerca do suicídio de Archibald Perkins. Essa versão que foi defendida pelo jornalista Henrique Galvão, foi

refutada pelo narrador-protagonista do romance *Os papéis do Inglês*. Criou-se então uma versão diferenciada para a morte do antropólogo inglês e o desfecho dessa história não guardou nenhum tipo de heroísmo civilizatório, mas sim o impasse de um sujeito que vivia num território diferente da sua nação de origem e que movido pelo desejo sexual, adquire uma noção de culpa.

A mulata muda

A primeira impressão é essa: é como se Archibald quisesse agora apetrechar-se de referências factuais sobre o que estava a passar-se eventualmente se servir delas no caso de um dia vir a ser acusado de andar á solta depois de ter cometido um crime de morte. O que está registrado sobre a primeira viagem ao posto pode corresponder a isso. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 170).

O narrador encontra nos documentos de Perkins a menção de uma mulata muda. Num primeiro momento, o narrador se espanta, pois não consegue compreender o motivo pelo qual uma figura que não representava nenhum fator de importância na missão do caçador de elefantes em Angola estava presente em seu diário. Um dado irrelevante e ligado ao foro íntimo do personagem principal do romance adquire significação expressiva.

Entende-se que esse exemplo referenda que a memória, diferente da história como ciência pode se manifestar por meio de fragmentos, não necessitando obedecer a uma ordem lógica e esquemática.

Halbawachs (2004) reconhece que a memória é instrumento de humanização, porque a vida das pessoas mais comuns e que geralmente são excluídas da história oficial, tornam-se relevantes. Além disso, ao rememorar um determinado acontecimento, há por parte só sujeito que lembra uma postura ativa, de reivindicação dos seus direitos e as pessoas que tomam contato com esses relatos, são de alguma forma conduzidas a rever suas posições ou a acreditar naquilo que está sendo narrado.

Ruy Duarte de Carvalho é uma figura de destaque no campo literário e ciente da exaustiva produção de romances que se mobilizam por trabalhar com testemunhos ligados a vida real, descreve em seu livro como isso pode ser feito na prática e seu narrador-personagem personifica a visão do autor em relação a esse processo.

Ora quando Archibald chega ao acampamento o que lhe acontece não é agarrar, para fazer vida com ela, a menina mulata muda que lhe trazia o chá de cabelos ainda molhados pelo banho recente e vestida de lavado para assistir agachada á sua gente, a saía inocentemente entalada entre as coxas descobertas até meio, aos seus concertos na vastidão do leste, e se inflama quando chora quando o vê partir para entregar-se ás autoridades no posto. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 176).

Neste momento o narrador consegue compreender que tão mencionada riqueza que Archibald Perkins buscava no território angolano a revelação do que os seus papéis continham não eram nada baseado na existência de algum tesouro material, mas sim simbólico, o caçador de elefantes inglês refez sua vida em Angola após o sofrimento vivido na Europa. Com essa revelação o narrador-personagem deu subsídio para sua versão sobre o suposto suicídio de Archibald entendendo que a justificativa dada de que ele teria se matado por não ter conseguido se adaptar ao estilo de vida angolano, era falho.

Seriam necessários novos argumentos mais plausíveis e lógicos para explicar o suicídio. A vida desse indivíduo teria de ser compreendida levando-se em conta não só o contexto histórico no qual ele estava inserido, mas também o drama pessoal vivido por ele. A citação mencionada acima deixa claro que Perkins não tinha a intenção de se envolver sexualmente com a mulata muda, mas a sensualidade de seu corpo e a sua inocência, cativaram o antropólogo de tal maneira que ele não resistiu e decidiu se entregar a uma relação sexual movida por desejo e paixão. Quando Henrique Galvão tornou conhecida em Portugal a figura de Archibald Perkins, ele não levou em conta os aspectos relativos á vida deste, ele sim quis reforçar uma visão preconceituosa e eurocêntrica em relação a pessoas que decidiam ter uma postura alternativa as idéias vigentes no campo científico no início do século XX.

Márcio Silva (2005, p.111) acredita que a literatura de testemunho trabalha com a dor, com todos os pesares e silêncios aos quais as pessoas num determinado local e num determinado tempo, tiveram de conviver. Não há uma intenção de esquecer o passado, para poder se apagar as mágoas e problemas deixados por ele, mas o contrário, de revisitá-lo, questioná-lo a exaustão para que dessa forma, ele se torne plausível de ser reconhecido e não mais repetido no presente. São por estes fatores apontados nesse subtítulo que os dois romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* têm na memória e no testemunho do passado, seja ele mesclado por elementos reais e ficcionais, a sua pretensão e os autores dos mesmos desempenham o papel de representantes e guardiões de tal memória, utilizando-se da literatura como meio de expressão de suas idéias.



### **3- A diáspora nas obras *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*: relações com a idéia de autoficção.**

#### **3.1- A diáspora nos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*: semelhanças com a história de vida de Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho.**

A diáspora é algo fundamental para a compreensão da vida dos narradores-personagens e dos escritores dos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*.

Em relação ao conceito de diáspora, escolheu-se como referencial teórico um dos estudiosos de maior destaque desse tema, o intelectual jamaicano, Stuart Hall. O interessante é o fato de Hall também ter passado por uma experiência diaspórica. Hall nasceu na Jamaica no ano de 1932, e sempre foi marcado por questões relativas à identidade jamaicana.

Na década de 50, Hall foi morar na Inglaterra, nação que tinha colonizado a Jamaica.

Stuart Hall participou de todo o contexto de efervescência cultural existente em seu país de origem, que culminou na independência da Jamaica no ano de 1962. O interessante é o fato da obra de Hall dar destaque aos conceitos de identidade étnica e nacional, discutindo problemas, conflitos e relações entre diferentes identidades étnicas e nacionais. A respeito do que significa o conceito de diáspora Stuart Hall entende que:

Essencialmente presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte- podem forçar as pessoas a migrar, o que causa espalhamento- a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.(2003,p. 28).

Hall concebe a diáspora como o retorno à terra natal, ou seja, uma utopia de muitos indivíduos que abandonaram seu território de origem em busca de melhores condições de vida em outro lugar. No que se refere à experiência dos narradores-personagens dos romances escolhidos a volta ao território de origem se dá na intenção

de refletir de que maneira a sua vivência numa outra nação, alterou o modo de comportamento cultural desses indivíduos.

Amir narrador do romance *O caçador de Pipas*, diante da necessidade de reavaliar o seu passado e reconsiderar sua amizade com o amigo Hassan, volta para o Afeganistão. A idéia redentora de volta á terra natal, presente no pensamento de Stuart Hall, não se contempla, já que por mais que Amir tenha saudade e relembre do Afeganistão de sua infância, ele não consegue ver a possibilidade de reconstruir o passado liberal e democrático do seu país de origem.

Entende-se que o próprio fato de o narrador-personagem levar o seu sobrinho Sohrab, filho de Hassan, que era na verdade sobrinho de Amir, serve como exemplo de que não há mais possibilidade de se reconstruir nenhum tipo de mudança em terras afegãs. É justamente nesse ponto que a experiência de vida do escritor, também abandonou o Afeganistão ainda criança e de modo semelhante ao narrador do seu romance teve de se adaptar a um novo modo de vida nos Estados Unidos. A fixação de Hosseini em terras americanas e sua ascensão profissional nesse país, são significativas em sua literatura, evidenciando que mesmo tendo afeto pelo Afeganistão, ele se vê como um árabe-americano e não está mais preso a uma noção fixa de local onde ele nasceu encaixando-se perfeitamente na proposta teórica estabelecida por Stuart Hall em relação ao conceito de diáspora.

Numa entrevista concedida ao site Cal, Khaled Hosseini afirma que:

Metade do *Caçador de Pipas* foi inspirado em experiências pessoais que vivi como imigrante aqui nos Estados Unidos. E, devido a essa situação por família, eu acho que eu consigo escrever com algum nível de segurança e autoridade em relação a minha terra natal, apesar de Salman Rushidie dizer que o espelho do exilado está sempre partido. ([www.cal.com](http://www.cal.com). Acesso: 19 de junho de 2010 às 12h e 29 minutos).

Ao se analisar o discurso de Hosseini na entrevista ao site Cal, vê-se que a experiência de tal escritor como imigrante árabe nos Estados Unidos foi determinante para a construção do enredo do romance *O caçador de Pipas*. Neste livro várias passagens problematizam o papel do imigrante que vai morar em um outro país. Nos Estados Unidos, o escritor deixa claro que por meio de seu narrador-personagem há possibilidades de vencer os desafios entre uma cultura de fora, representada pelo imigrante e a cultura interna, ou seja, a nação que o imigrante escolheu viver.

Num determinado trecho de *O caçador de Pipas* ocorre um típico confronto identitário entre o imigrante e a nação na qual ele escolheu viver.

No mesmo dia em que foi contratado, fomos procurar a funcionária encarregada do nosso dossiê na seguridade social [...]

Baba pôs a pilha de tíquetes-alimentação em cima da escrivaninha á sua frente.

- Obrigado, mas não quero isso- disse ele- Trabalho sempre. Trabalhei no Afeganistão, trabalho nos Estados Unidos. Muito obrigado. Sra. Dobbins, mas não gosto de dinheiro dado de graça. (Khaled Hosseini, 2005,p. 134).

O pai do narrador-personagem não entende a importância do tíquete-alimentação. Na opinião de Baba, o pai de Amir, o governo conceder uma ajuda aos trabalhadores seria algo ultrajante.

A sra. Dobbins piscou, incrédula. Pegou os tíquetes-alimentação, olhou meu pai e para mim como se estivéssemos brincando, ou “de gozação com ela”, como dizia Hassan.

- Há quinze anos trabalho com isso- disse ela- e nunca tinha visto alguém fazer uma coisa como essa.

E foi assim que baba pôs fim àqueles momentos de humilhação, quando tínhamos que apresentar os tíquetes na caixa registradora, e com isso, abrandou um dos seus maiores medos: que algum afegão o visse comprando comida com dinheiro dado de esmola. Ele saiu do escritório da previdência como um homem curado de um tumor. (Khaled Hosseini, 2005,p. 134-135).

Nessa citação Amir e o seu pai Baba já se encontravam estabelecidos no território americano. Tal trecho evidencia a dificuldade de adaptação do imigrante em um outro país. Nota-se que o pai do narrador-personagem não entende a utilidade do tíquete-alimentação e concebe o mesmo como uma esmola fornecida pelo governo para o cidadão. Se o conceito de diáspora para Stuart Hall representa o deslocamento de um povo ou de um indivíduo para outro local, sem que exista a noção de um pertencimento cultural e inflexível, o personagem, Baba representa o oposto do que é defendido pelo pensador jamaicano. É interessante observar que Khaled Hosseini expôs duas visões em relação á diáspora, a visão de baba, tradicional e que idealizava o passado afegão e a visão de Amir que nutria lembranças positivas de sua infância no Afeganistão, mas que via nos Estados Unidos, a possibilidade de um recomeço de vida, onde ele pudesse apagar suas mágoas e os erros do passado, principalmente a distância do amigo e meio-irmão, Hassan.

Stuart Hall esclarece que: “o conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença, Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. (2003, p. 33).

O pai de Amir, Baba, personifica o conceito fechado de diáspora. Amir diferentemente está identificado com a identidade híbrida, característica do mundo

moderno, onde um indivíduo assimila diversos tipos de comportamento ao longo da vida, ao ir residir em países diferentes. Hall argumenta que:

A nova fase pós-1970 da globalização está ainda profundamente enraizada nas disparidades estruturais de riqueza e poder. Mas as suas formas de operação, embora irregulares, são de empresas transnacionais, a desregulamentação dos mercados mundiais e do fluxo de capital, as tecnologias e sistemas de comunicação que transcendem e tiram do jogo a antiga estrutura do Estado-Nação. Essa nova fase "transnacional" do sistema tem seu "centro" cultural em todo o lugar e em lugar nenhum. Está se tornando "descentrada". Isso não significa que falta a ela poder ou que os Estados-nação não tem função nela. Mas essa função tem estado, em muitos aspectos subordinada as operações sistêmicas globais mais amplas. O surgimento das formações supra-nacionais, tais como a União Européia, é testemunha de uma erosão progressiva da soberania nacional. A posição indubitavelmente hegemônica dos Estados unidos nesse sistema está relacionado não ao seu status de Estado-nação, mas a seu papel e ambições globais e neo-imperiais. (2003, p. 36).

Stuart Hal entende que, no mundo moderno, está em curso uma nova forma de relacionamento entre as nações. Não existe mais a antiga noção de que se um indivíduo nasce em um determinado país ele deve se identificar somente com ele. As identificações são variáveis e múltiplas e há hoje questões de ordem internacional. No que se refere á diáspora, pode-se entender que seus efeitos por mais que se estabeleçam num certo território geográfico, são globais. Amir é a representação clara do ser do mundo moderno, nasceu no Afeganistão, emigrou para os Estados Unidos e utiliza-se das benesses trazidas por essa mudança de país, para afirmar o seu papel social.

Novamente a vida do escritor Khaled Hosseini e do seu narrador-personagem Amir, se cruzam, pois a profissão de ambos é a mesma e os dois um na vida real e outro na ficcional, explicitam que as identidades não são puras, são justaposições de diferentes culturas e posições sociais assumidas ao longo da experiência pessoal de cada ser humano.

Naquele verão de 1983, terminei o segundo grau, aos vinte e um anos de idade, e com isso, era de longe o mais velhos entre os estudantes que ficaram agitando os cabelos naquele dia, ali no campo de futebol americano. Lembro que perdi meu pai de vista em meio aquele monte de famílias, flashes de máquinas fotográficas e becas azuis. Fui localizá-lo perto da linha de vinte jardas, com as mãos enfiadas nos bolsos e câmeras penduradas no pescoço. Desaparecia e voltava a aparecer por detrás das pessoas que se moviam entre nós: meninas vestidas de azul, chorando entre abraços, garotos comemorando ruidosamente com seus pais. (Khaled Hosseini, 2005, p. 135).

Pode-se observar pela citação que o narrador-personagem Amir segue uma trajetória semelhante ao escritor dessa obra. Amir representa o imigrante árabe bem

sucedido e tendo chegado ao território dos Estados Unidos consegue se instalar com relativa facilidade nesse local. Não se percebe em nenhum momento que esse personagem tenha algum saudosismo patriótico, afirmando que sua vida no Afeganistão era melhor do que nos Estados Unidos. Nos momentos no Afeganistão, Amir lembra-se de Hassan e será a figura do amigo e meio-irmão que forçará Amir retornar á sua pátria-mãe.

Em relação ao romance *Os papéis do Inglês*, a diáspora assume uma posição que também remete á vida do escritor. Ruy Duarte de Carvalho. O tipo de imigração que ocorre é diferente da do livro *O Caçador de Pipas*. No livro de Khaled Hosseini, a imigração é aquela onde o indivíduo que sai de uma nação pobre e vai residir numa rica, porém na obra de Duarte de Carvalho, o processo de imigração é inverso.

O narrador-personagem do romance *Os papéis do Inglês* mora em Portugal e é formado em antropologia, sendo um indivíduo interessado na realidade cultural africana, especialmente angolana, assemelhando-se á postura intelectual de Ruy Duarte de Carvalho. Esta evidência permite entender que o conceito de diáspora também possui relação com o conceito de autoficção, devido ao fato da imigração fazer parte da vida do escritor e dele retratá-la em suas obras. Numa certa passagem, o narrador-personagem expõe que:

E, regresssei talvez em boa hora, ou no preciso tempo, pelo menos, para que o acaso viesse intervir de novo, determinar o imprevisto custo imediato dos casos e conduzir-nos ao ponto que agora, precisamente o resto da minha vida, quem sabe, a perturbar-se a partir dali. Três dias só ausente a cidade inteira estava á minha espera. Cumprido o programa como tinha previsto, com mais tempo estacionado lá para cima, haveria então de ter chegado tarde, e foi nisso que pensei, penosamente a lamentar não ter, ao fim que me deram foi o que meu primo Kaluter tinha chegado de Portugal, onde tinha se instalado após ter fugido para a África do Sul e aí ter vivido já algum tempo. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 101).

O narrador-personagem adquire a consciência de que ele é um estrangeiro em Angola e que, ao contrário do seu primo Kaluter, que é um nativo dessa região, necessita aprender características do local que pretende estudar.

Certamente uma das características que se destacam em obras que tem aspectos autoficcionais e autobiográficos seja a capacidade que os personagens têm de demonstrarem por meio do seu discurso, seus pensamentos e reflexões, sendo estas idéias ligadas pelas quais muitos escritores de tais livros pensem.

Lejeune (2008) diz que a discussão sobre se o relato das obras autobiográficas faz parte da realidade da vida dos autores desses textos ou são simplesmente fruto de

sua fantasia é vasto e instigante. A partir do momento em que surgiram relatos como o de Benjamin Wilkomirski onde toda uma história de vida foi inventada, não correspondendo á realidade desse sujeito, vários críticos literários pensaram sobre esse tema. Philippe Lejeune se interessou por essa questão e estabeleceu que:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de "identidade narrativa", como dizia Paul Ricoeur, em que consiste a vida. É claro que ao tentar, e ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estabilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou a fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (2008, p. 104).

Lejeune reconhece a complexidade da situação. Nota-se que ele em sua citação não define de modo sistemático qual a diferença que separa um relato verídico de um relato inventado. Posteriormente o intelectual francês admite que em seu grupo de estudos chamado Associação pela Autobiografia são feitos anualmente concursos para se escolher quais são as melhores autobiografias e nesse critério de análise todas as formas de relato são aceitas, não se verificando sua autenticidade. Certamente é difícil comprovar se o tema de uma obra é autobiográfica, porém certos escritores expõem sua vivência de modo tão intenso que torna-se impossível negar que suas obras são autobiográficas.

Ora o conceito de autoficção e autobiografia parecem diametralmente opostos e ora parecem idênticos. Eles possuem suas especificidades, porém diante da dificuldade mencionada acima de distinguir atualmente o que é verdade e mentira no campo da literatura, esses dois conceitos se interrelacionam bastante, pois toda vida humana, conforme o próprio Philippe Lejeune, pode ser objeto de narrativa. Deve-se mencionar também que atualmente há um consenso entre os teóricos da literatura de que literatura é ficção, enquanto a discussão sobre a veracidade de um texto relaciona-se ao campo da ética.

Um dado interessante é que muitas obras literárias citadas como autobiográficas e autoficcionais tem como tema de enredo a imigração. O processo de migrar de uma nação para outra na maior parte das vezes reflete a trajetória pessoal dos escritores que passaram por tal experiência e a partir dessa constatação compreende-se que esse

aspecto possui relação com a situação social e histórica do autor e com sua intenção de tornar público aos seus leitores acontecimentos de sua vida.

Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho foram dois indivíduos que ainda jovens passaram por uma vivência diaspórica e isso influenciou o modo de ambos perceberem o mundo. Esses dois escritores originam-se de nações com um passado histórico envolto de guerras. Khaled Hosseini nasceu no Afeganistão e esse país de cultura árabe ao longo do século XX foi disputado por vários países, dentre eles, os Estados Unidos e a União Soviética. Tais potências influenciaram a política internacional na primeira e na segunda metade do século passado e os países pertencentes a região do Oriente Médio como o Afeganistão não escaparam desse contexto.

Após a ascensão do regime soviético e de sua ida para os Estados Unidos, Hosseini necessitou refletir sobre a história de seu país. Antigos projetos como o de tornar o Afeganistão uma nação aberta a economia ocidental, a vida da elite desse país e os elementos culturais do mesmo como campeonato anual de pipas no inverno serviram de ferramenta para tal escritor criar a sua obra. Nesse processo por mais que a fantasia estivesse presente não se pode esquecer que os acontecimentos e experiências de Hosseini não auxiliassem na construção de seu romance.

Em relação a Ruy Duarte de Carvalho, a situação é semelhante á de Khaled Hosseini. Talvez pelo fato do escritor português ser um processo de ficcionalização da sua vida, tenha se tornado ainda mais fácil, pois os escritores têm o hábito de reproduzirem em suas obras aspectos de sua vida particular. Além disso, Ruy Duarte de Carvalho pertence a geração dos intelectuais que manifestaram o interesse no que se refere ao papel desempenhado por Portugal nas colônias africanas.

Diferentemente dos homens da época de Henrique Galvão, Duarte de Carvalho faz parte de um segmento que não possui uma visão ufanista sobre a atuação de Portugal como uma nação colonizadora. Os elementos africanos são valorizados por esse escritor e admite-se inclusive que os próprios portugueses que acreditavam desempenhar um papel civilizador em Angola e em outras nações do continente africano, foram modificadas pelo o que viram nesta região. No romance *Os papéis do Inglês*, Archibald Perkins e o próprio narrador foram figuras que não ficaram indiferentes ao meio ao qual estavam situados. Suspeita-se que não basta analisar um romance e simplesmente classificá-lo como autobiógrafo ou autoficção. Deve-se valorizar o contexto histórico e social do qual ele se originou. Diante disso, a

importância de estudos como o de Stuart Hall que valoriza a questão da cultura em suas mais variadas vertentes.

Hall dedicou suas reflexões em compreender como as nações colonizadas e colonizadoras foram afetadas após o processo de independência das segundas em relação às primeiras. A discussão agora se dá no âmbito da manifestação da identidade de um povo e tal marca ao mesmo tempo em que nega elementos em que lhe foram impostos está preenchida destes. Isso é que fez com que Hall criasse a expressão “identidades híbridas”.

[...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo”.

Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. (Hall, 2003, p. 44)

A identidade híbrida relaciona-se ao aspecto cultural, porém é diferente da noção tradicional de cultura, fechada na realidade de um país ou de uma determinada região.

A identidade híbrida geralmente está associada à característica de povos que sofreram processos de perseguição política e que buscaram asilo em outras nações. Hall cita o exemplo dos jamaicanos que emigraram para a Inglaterra e para os Estados Unidos e lá mesclaram aspectos de sua terra natal com o dos países que foram habitar.

O contexto afegão e angolano é repleto de exemplos de misturas entre diferentes culturas e pelo passado colonial destas sociedades, há a necessidade de os intelectuais artistas manifestarem pontos de vista e discursos que foram outrora silenciadas pelo regime político a qual estas sociedades estavam submetidas.

Sabe-se que a história nos últimos anos vem se destacando por reavaliar os acontecimentos do passado. Os países que se tornaram independentes politicamente a partir dos anos sessenta e setenta estão sofrendo um processo de redescoberta da sua identidade, haja vista a profusão de livros históricos e literários que rediscutem temas, fatos e personagens importantes para a história destas nações.

A literatura assume destaque nesse processo, principalmente pelo fato de ele abordar não só o ponto de vista de figuras históricas oficiais, como de indivíduos pobres e pertencentes à populações comum.

Mistérios, dramas, assassinos, decepções, sonhos e alterações de projetos de vida são reavaliados e discutidos. Há pesquisadores que classificam tal tipo de literatura



como a “arte do trauma”. O testemunho pessoal, as memórias individuais adquirem relevância, porque os colonizados compreendem que devem se manifestar e reconstruírem sua identidade após décadas de sofrimentos e subjugação.

O conceito de diáspora trouxe à tona um termo que não era criado anteriormente. A palavra pós-colonial começou a ser empregada para se analisar o período posterior à fase da colonização. A literatura e os escritores adeptos a esse tipo de reflexão se preocupam em denunciar, expor e representar o passado de suas nações. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, estas obras proporcionam a discussão no meio acadêmico, trazem novas formas de se pensar a realidade histórica e humanizar situações que não seriam conhecidas por muitas pessoas se não estivessem retratadas nos livros.

Stuart Hall se pergunta o que seria o termo pós-colonial a abrangência do mesmo para se entender a questão cultural no mundo moderno, reconhecendo as críticas que esse conceito recebe de intelectuais como Arif Dirik e Ella Shohat.

Hall admite que:

[...] o conceito pode nos ajudar a fazer e descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos Impérios para o momento pós-independência ou pós-descolonização.

Pode ser útil também (embora aqui seu valor seja mais simbólico) na identificação do que são novas relações e disposições do poder que emergem nesta nova conjuntura. (2003, p. 107).

Conforme afirma o próprio Hall (2003) a palavra pós-colonial não significa que as questões da época colonial acabaram, mas sim que as sociedades como a angolana e afegã vivem momento diferente e peculiar, pois ao mesmo tempo em que elas alcançaram a sua independência política, culturalmente e economicamente elas continuam sendo dependentes. Há outro fator que merece ser mencionado com o fim do período colonial, grupos que anteriormente não tinham direito de se manifestar, adquiriram a noção de que é necessário dar o seu ponto de vista no que se refere à história de seu país.

Acredita-se que tal processo remete-se à discussão sobre a importância da memória coletiva e individual. Geralmente nestes casos, a literatura assume o papel de tratar dessas questões e por muito tempo os críticos e profissionais do campo das ciências humanas negligenciaram isso.

Ciente de que todo texto possui uma historicidade e um contexto social que lhe dá alicerce, este intelectual, nos anos 60, dá início a um processo de reflexão teórica que foi determinante para que se desenvolvessem os chamados estudos culturais. Temas como cultura, identidade, memória, representação, adquiriram interesse e métodos de pesquisa próprios e os aspectos materiais, vistos anteriormente como fatores determinantes para explicar a realidade social, foram impactados por essa mudança epistemológica e teórica.

Numa entrevista concedida á socióloga brasileira Heloísa Buarque de Holanda, Stuart Hall disse que:

Tornei-me um estudante de Letras porque queria ser escritor. Em Oxford, me formei e odiava o clima de diletantismo que reinava por lá, me tornei um crítico ferocíssimo da linha canônica de F.R. Leavis. Foi aí que comecei a trabalhar a relação do texto literário e o contexto histórico e social.

Ao mesmo tempo., eu já era um modernista. O que me estimulava era ler T.S. Eliot e Ezra Pound, ouvir Stravinsky, ver Paul Lee, Picasso. O que me interessava era o modernismo. E em Oxford tinha que estudar a língua anglo-saxã da Idade Média na literatura com muita sorte chegava no século XIX.

Foi aí que lendo F.R. Leavis, o New Criticism americano a me colocar a questão “esse texto se relaciona com o quê? Comecei a perceber que estudar literatura requeria, sobretudo o entendimento de um contexto histórico e social mais amplo [...] ([www.heloisabuarquedeholanda.com.br](http://www.heloisabuarquedeholanda.com.br): Acesso dia 24 de setembro às 24 h e 55 minutos).

A partir desse momento pensar a literatura como uma ferramenta de expressão social e cultural passou a ser algo permanente entre os estudiosos das ciências humanas.

A articulação dos aspectos históricos, sociais e culturais e suas influências e representações dentro do universo literário, contemplando a fronteira tênue entre os conceitos de autoficção e de autobiografia surgem como aspectos que merecem ser analisados no próximo subtítulo da dissertação.

### **3.2- A trajetória de vida do Imigrante nos Romances *O caçador de Pipas* e *Os Papéis do Inglês*: proximidade com o passado histórico afegão e angolano.**

A análise literária acerca do gênero romanesco sofreu variações ao longo do tempo. Inicialmente no período do formalismo russo, a literatura em prosa era analisada unicamente se levando em conta o aspecto estilístico da mesma.

Posteriormente com a influência do marxismo e da nova crítica americana, o contexto social e histórico assumiu relevância ao se entender como um romance é estruturado.

Um dado que merece ser destacado é o fato de romances que abordam experiências diaspóricas como os livros de Khaled Hosseini e de Ruy Duarte de Carvalho serem interpretados geralmente pela corrente teórica que aborda os aspectos históricos e ideológicos do texto literário. Outro movimento teórico que auxiliou neste processo foi o estruturalismo francês que deu destaque as figuras do narrador, personagem e autor.

Neste momento os conceitos de autoficção, autobiografia, narrador e autor começara, a se tornar comuns entre os críticos literários e o público leitor. Paralelo a isso, ocorre vários movimentos de independência nas nações asiáticas e africanas e após esse processo, vários intelectuais desses países vêm a necessidade de testemunhar sua história ou de mesmo de criá-la, pois a partir do momento que se conquista uma independência política deve-se pensar em quais serão os símbolos que farão parte da identidade cultural dessa nação.

O historiador Eric Hobsbawn, admitiu em sua obra *A Era dos Extremos* que durante muitos anos os pesquisadores das áreas das ciências humanas, especialmente os historiadores não percebiam a relação que a obra artística tinha com o contexto social em que ela foi formada. Havia inclusive uma incompreensão de como acontecimentos históricos e transformações de ordem política e econômica interferiam na maneira pela qual a arte alcançava um certo grau de interação com o público a qual ela se destinava.

Uma retirada semelhante do gênero no século XIX é óbvia no romance. Naturalmente, continuou sendo comprado e lido em grande quantidade. Contudo, se olharmos os grandes romances e grandes romancistas da segunda metade do século, os que se tomaram como tema toda uma sociedade ou toda uma era histórica, vamos encontrá-los, fora das regiões centrais da cultura ocidental com exceção, mais uma vez, na Rússia, onde o romance ressurgiu, com o Soljenitsin inicial, como o maior modo de chegar a termos com a experiência do stalinismo. Podemos encontrar romances de grandes tradição na Sicília (*O leopardo*, de Lampedusa), na Iugoslávia (Ivo Andric, Miroslva Krleža) e na Turquia. Certamente, os encontraremos na América Latina, cuja ficção, até então desconhecida fora dos países interessados, tomou o mundo literário a partir da década de 1950. O romance sem hesitação e instantaneamente reconhecido como obra-prima e, todo o globo veio da Colômbia, um país que a maioria das pessoas educadas no mundo

desenvolvido tinha problemas até para identificar no mapa, antes de ele vir a ser identificado com a cocaína. *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Talvez o notável surgimento do romance judeu em vários países, sobretudo, EUA e Israel, reflita o trauma excepcional da experiência de seu povo sob Hitler, com o qual, direta ou indiretamente, os escritores judeus achavam que tinham de chegar a termos. (Hobsbawn, 2009, p. 494).

Hobsbawn dá destaque à metamorfose sofrida pelo romance durante o século XX.

Entende-se que o surgimento de várias obras literárias onde o tema imigração se encontra presente é ocasionado pelos deslocamentos territoriais que aconteceram no século passado. Como muitos escritores foram protagonistas desse processo de imigração, eles tiveram necessidade de abordar esse tema em seus livros.

Percebe-se nos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* uma representação dos conflitos do imigrante ao habitar sua nova pátria.

Em relação ao romance de Khaled Hosseini, o narrador reflete sobre o passado no Afeganistão e a sua vida nos Estados Unidos, todavia fica evidente por meio do discurso do narrador-personagem que ele concebe o modo de vida americano como superior ao afegão.

Nos Estados Unidos era diferente. Aqui era como um rio, correndo, sem pensar no passado. Eu podia entrar nesse rio, deixar os meus pecados mergulhados lá no fundo, permitir que a água me levasse para algum lugar o longe. Algum lugar onde não houvesse fantasmas, nem recordações, nem pecados.

E se não houvesse mais nenhuma outra razão, só essa já bastaria para adotar esse país. (Khaled Hosseini, 2005, p. 140).

Nessa passagem, o narrador faz uma comparação sobre a paisagem afegã e estadunidense. O narrador deixa explícito sua preferência pelo estilo de vida americano, e entende-se que isso reflete a maneira pela qual Hosseini pensa. Este indivíduo conseguiu em terras americanas o sucesso pessoal e o reconhecimento intelectual, seja como médico, seja como escritor, portanto é compreensível que numa obra de teor memorialístico como *O caçador de Pipas* o narrador expressasse o ponto de vista do escritor.

Já em outro momento do romance há uma cena que descreve a adaptação de Amir e de seu pai nos Estados Unidos. Tradicionalmente como a maior parte dos imigrantes árabes, o narrador-personagem e o seu pai se inseriram economicamente por meio do comércio em uma feira de antiguidades. Nesse local imigrantes árabes vindos

do Afeganistão ou de nações próximas a ele, vendiam produtos e relembavam suas experiências em sua terra natal.

Às vezes eu que ficava na barraca, enquanto meu pai saía perambulando por ali, com as mãos respeitosamente junto ao peito, cumprimentando gente que conhecia Cabul: mecânicos e alfaiates, que vendiam casacos de lã segunda mão ou capacetes de bicicleta arranhados, lado a lado com ex-empaizadores, cirurgiões desempregados e professores universitários. (Khaled Hosseini, 2005, p. 142).

Todo deslocamento populacional faz com que um grupo tenha de assumir um papel histórico numa dada sociedade. No caso de *O Caçador de Pipas*, o fato de dois imigrantes atuarem como comerciantes pode ser compreendido como a chamada etnização da força de trabalho, conceito desenvolvido pelo historiador e economista Immanuel Wallerstein.

Antes de apontar o que se entende por ser este conceito, verificou-se que no romance *Os papéis do Inglês*, esse tipo de situação também ocorre.

[...] Colocada a questão entre brancos, era isso que estava a acontecer agora entre mim e o meu primo de Kaluter, eu nem sequer cá tinha nascido e a minha “angolanidade” estava assim sujeita a ser posta também em causa até pelos que, nascido cá, de facto, tinham andado vinte anos por fora a cuspir-nos em cima, e em cima de Angola, para vir agora, atirar-nos á cara a responsabilidade do desastre, enquanto diante dos dirigentes só faltava rastejarem depois, virada as costas, se rirem entre si á sucapa como vi por mais de uma vez na Namíbia. É então que, sem nunca ter perdido desculpa a ninguém por ser branco, eu viro muito preto por dentro. E ainda por cima, rematou o meu primo Kaluter, “tudo preto que aprendeu a estar á mesa e branco que ficou, e que voltou, está tudo rico, enquanto tu ...” (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 107).

Percebe-se pelo discurso do narrador que Angola mesmo após o período de independência ainda sofria os efeitos da época colonial. Os brancos angolanos de origem portuguesa ainda discriminavam os negros. Kaluter critica seu primo pelo fato dele não ter enriquecido da mesma forma que outros portugueses e por ele se identificar com o sofrimento e com o modo de vida do povo africano.

Observa-se que quando Kaluter menciona que todo os outros portugueses enriqueceram a despeito de seu primo, está colocada uma vez a questão do papel do imigrante que tendo nascido fora, adquire hábitos semelhantes ao local que decide morar.

Talvez seja essa uma das diferenças do romance de Khaled Hosseini para o de Ruy Duarte de Carvalho, porque no primeiro o narrador-personagem identifica como uma melhoria o fato dele ter imigrado para os Estados Unidos, pelo fato da cultura

americana ser na visão deste indivíduo melhor que a afegã. Já para o narrador-personagem de *Os papéis do Inglês*, a situação é oposta, a cultura portuguesa é questionada e valoriza-se o estilo narrativo dos africanos. Mesmo com essa diferença, em ambas as obras há a presença da noção de que determinados grupos étnicos devem assumir uma posição trabalhista específica quando imigraram. Árabes só podem desempenhar o papel de comerciantes porque historicamente esta etnia é ligada ao ramo comercial.

Nota-se que só após a melhoria da situação financeira da família de Amir é que seu pai pode custear a faculdade de seu filho e teve uma ascensão social, deixando de ser um pequeno comerciante para se tornar professor de letras e escritor. Os africanos do romance de Ruy Duarte de Carvalho ainda estão ligados ao papel que ocupavam no período anterior a independência africana, trabalhando no meio rural ou em serviços que exigem habilidades manuais, enquanto a elite branca continua ligada às funções de cunho administrativo e burocrático.

Esse aspecto ligado à relação de grupos étnicos com profissões específicas foi estudado por Immanuel Wallerstein que criou o conceito da força de trabalho.

De acordo com Wallerstein (2001, p. 67) a etnicização da força de trabalho surgiu do desenvolvimento capitalista que se espalhou por diversos continentes e atingiu povos diferentes. Diante disso, não houve a necessidade de que houvesse a reprodução da força de trabalho com o intuito simplesmente de aumentar a renda, mas sim de garantir quantidades de trabalhadores em cada categoria específica de trabalho.

Esse argumento levou Wallerstein a concluir que:

[...] a etnicidade gerou mais mobilidade geográfica e ocupacional em grande escala, não menos. Sob a pressão de condições econômicas em constante modificação, para mudar a localização da força de trabalho bastava que alguns indivíduos empreendedores de um grupo étnico levassem adiante um reassentamento geográfico ou ocupacional e fossem recompensados por isso, por isso; exercia uma "influência" natural sobre os outros membros do grupo, no sentido de transferirem sua localização na economia- mundo. (2001, p. 67).

Essa mudança de local em busca de melhores oportunidades de vida esteve presente na experiência de ambos os narradores dos romances analisados neste trabalho.

Todavia ao mesmo tempo em que esse deslocamento, seja do grupo étnico português tenha ocorrido e represente o processo de globalização moderno, criando formas de identidades híbridas pelo fato de uma pessoa nascer em um país, mas ir morar em outro, adquirindo outras formas de representação e de comportamento social,

entende-se que p contexto histórico de Angola e do Afeganistão se encontram representados em cada um dos romances.

Talvez a característica mais importante de obras como teor autobiográfico e autoficcional seja esse, a representação do passado histórico, dando destaque para a ação do indivíduo no mesmo.

Diante disso, surge uma questão: Como essa realidade histórica é representada no universo literário? Devido á própria noção da palavra literatura que possui como radical a palavra romana, littera, que significa, letra, é por meio do discurso narrativo que se obtém informações sobre essas sociedades.

O papel do narrador assume uma relevância fundamental por ele contar uma história e por situar o leitor do que pensa cada personagem. Tal aspecto se evidencia ainda mais quando o narrador é em primeira pessoa e ao mesmo tempo em que narra uma determinada ação ele participa dela.

Esse tipo de função estudada durante grande parte da história da literatura teve um fecundo amadurecimento com a união do paradigma cultural por meio de estudos como de Stuart Hall e de teóricos do campo da história e da sociologia como Wallerstein e Sayd, aliados pelas análises do campo da teoria literária, onde as reflexões de Doubrovsky, Lejeune e Genette se destacam.

Novamente a tensão que envolve verdade e ficção na literatura se encontram, demonstrando que a impossibilidade de se demarcar as diferenças dessas duas idéias é cada vez maior, entretanto o discurso como uma ferramenta de transmissão perpassa tanto a produção histórica, quanto a ficcional.

No campo da ficção a chamada literatura confessional, literatura esse que liga-se a memória do sujeito e do testemunho desse sobre sua vida põe em cheque os próprios gêneros literários e as categorias de definição destes, como autobiografia, autoficção, dentre outros.

A professora da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, PUC, Maria Luíza Ritzel Remédios analisou o interesse despertado pela literatura confessional no público leitor. Maria Luíza concebe que:

Considerando a frágil delimitação entre romance autobiográfico e autobiografia e observando que essa última pode ser considerada como ato literário e, daí, ficcional, observa-se quão difícil se torna também delimitar, na literatura confessional, as fronteiras entre autobiografia e diário íntimo, ou entre autobiografia e auto-retrato, ou ainda entre autobiografia e memórias. George May mostra que na narrativa destaca-se o fundo histórico-cultural filmado pela memória e pela subjetividade de um eu social. Todos os acontecimentos são desvelados pela lembrança, que recorre, muitas vezes, a documentos como registros oficiais, cartas, diários, jornais para que o

memorialista possa, desse modo, persuadir o leitor sobre a verdade do que relata e prestar um serviço àqueles que o sucederão na sociedade. Já o diário íntimo diferencia-se da autobiografia quando se observa a perspectiva de retrospectiva, pois há menor distância temporal e espacial entre o *eu* e o *vivido* e o registro desse vivido pela escrita. (1997, p. 13-14)

Os Gêneros que abarcam a literatura confessional são múltiplos e diversos. Ele pode se manifestar por meio da autobiografia clássica, de um romance de viés biográfico ou até mesmo por um diário íntimo ou auto-retrato.

Os aspectos que diferenciam tais gêneros não são homogêneos, devendo se analisar cada obra no seu contexto específico, porém verifica-se uma tendência inegável, todos esses textos têm no discurso do um sujeito e na subjetividade desse relato, a razão de sua existência.

O discurso literário interliga-se a outras formas de manifestação cultural e política. Os dois narradores do livro *O caçador de Pipas* e *Os Papéis do Inglês* representam visões de sujeitos que representam funções dentro de sua comunidade. Pode-se afirmar convictamente que os narradores são expressões de memória coletiva angolana e afegã, principalmente dos sujeitos que transportam o espaço geográfico das suas nações de origem e foram habitar um outro local. Essa experiência de vida como qualquer outra comporta por parte do indivíduo uma reflexão apurada do que passou e anos mais tarde ele pode se utilizar disso para compor uma narrativa de caráter altamente subjetivo e memorialístico.

Verifica-se que o conceito de diáspora, entendida aqui como a dispersão o processo de imigração propriamente dita faz parte da ideia de autobiografia e autoficção, pois só se torna objeto narrativo aquilo que trata de ações e de pensamentos humanos, sejam eles reais ou fictícios ou uma mescla de mãos como no caso dos romances analisados neste trabalho.

Nas duas obras diversas passagens situam o leitor sobre a ideologia assumida pelos narradores no que tange a sua estadia em uma nação nova.

Num determinado momento do romance *O caçador de Pipas*, Amir faz uma comparação do padrão de vida americano. Ele destaca como importante o estilo dos carros estadunidenses e o desenvolvimento tecnológico dessa nação que diferentemente do Afeganistão tentou impedir que movimentos de ordem tradicional atrapalhassem seu progresso econômico e social.

Às vezes, ao anoitecer, parava o carro e subia em um viaduto de uma via expressa. Com o rosto colado na cerca, tentava contar as luzinhas vermelhas das lanternas traseiras que iam se afastando, se estendendo até onde a minha



vista alcançava. Eram *BMW s, Saabs. Porsches*. Carros que jamais tinha visto em Cabul, onde a maioria das pessoas dirigia Volgas russos, velhos Opels ou Pairkans iranianos.

Já tinham se passado quase dois anos desde que chegamos aos Estados Unidos e eu ainda ficava deslumbrado com o tamanho desse país, com a sua imensidão. Além de cada via expressa, tinha outra via expressa, além de cada cidade, outra cidade, colinas além de montanhas e montanhas além de colinas, e depois dela,s mais cidades e mais gente. (Khaled Hosseini, 2005, p. 140).

Este trecho expõe que o narrador pensa dos Estados Unidos. Nota-se que o lugar social assumido por Amir é de um cidadão convertido ao modo americano de vida. As experiências e lembranças que o mesmo tem do Afeganistão se restringem unicamente á figura de seu amigo Hassan.

Fica evidente a oposição que Amir estabelece sobre o modo de vida afegão e americano.

Evidencia-se que isso encontra ligação com o modo de vida do escritor Khaled Hosseini, já que este também passou por este processo de imigração e alcançou em terras americanas o reconhecimento necessário após a saída brusca do Afeganistão.

Posteriormente Amir diz que:

Muito antes do exército roussi invadiu o Afeganistão, muito antes de suas aldeias serem queimadas e destruídas, muito antes de se plantarem minas terrestres como sementes da morte e se enterrarem crianças debaixo de pilhas e pedras. Cabul já tinha se tornado uma cidade de fantasmas para mim. Uma cidade de fantasmas de lábio leporino. (Khaled Hosseini, 2005, p. 140).

O discurso do narrador é explícito. Os Estados Unidos representam um lugar melhor do que o Afeganistão, principalmente porque a condição que faziam com que Amir ainda pudesse se identificar com a sua nação de origem terminaram. No momento em que se perdem traços identitários, substituí-los torna-se algo fundamental para que se possa continuar vivendo.

Edward Sayd se notabilizou por analisar esse tipo de idéia e classificou como orientalismo.

O oriente que aparece no Orientalismo, portanto, é um sistema de representações estruturado por um conjunto de forças que introduziram o Oriente na erudição ocidental, na consciência ocidental, e mais tarde, no império ocidental. Se essa definição do Orientalismo parece mais política, é simplesmente porque acho que ele foi produto de certas forças e atividades simplesmente porque acho que ele foi produto de certas forças e atividades políticas. O orientalismo é uma escola de interpretações cujo material por acaso o Oriente, suas civilizações, seus povos e localidades. Suas descobertas objetiva o trabalho de inúmeros eruditos dedicados que editaram e traduziram textos, codificaram gramáticas, escreveram dicionários, reconstruíram épocas mortas, produziram erudição positivamente verificável são e sempre foram

condicionadas pelo fato de suas verdades transmitidas pela linguagem, estão incorporadas na linguagem. [...] (Edward Sayd, 2007, p. 276).

Sayd conseguiu definir o Orientalismo como sendo um tipo de pensamento característico do mundo ocidental. Segundo esse pesquisador, os orientais concebem o Oriente como um local místico e subdesenvolvido, dotado de uma realidade histórica e social atrasada em relação aos países europeus e Estados Unidos.

Percebe-se que esse ponto de vista é compartilhado por Khaled Hosseini. Além disso, a afirmação de Sayd de que o orientalismo é um produto da linguagem se manifesta por meio dela, é válida. O trecho do romance *O caçador de Pipas* apontado acima comprova tal argumento.

Possivelmente isso explica o tom saudosista que o narrador-personagem tem em relação ao Afeganistão antes da segunda metade da década de setenta, sendo o processo de imigração para os Estados Unidos, a única solução para a destruição do seu passado em sua nação de origem.

No que se refere ao romance *Os papéis do Inglês* em diversos momentos o narrador dá sinais de que ele é crítico do pensamento de matriz eurocêntrica. Para ele, os intelectuais europeus foram omissos e reducionistas ao interpretar o modo de vida africano e as crônicas produzidas por Henrique Galvão para descrever a vivência e a motivação do suicídio do caçador de elefantes, Archibald Perkins, definem isso:

[...] Galvão tinha introduzido na sua crônicas sobre o estranho caso do inglês ‘que não suportava as mulheres brancas’. Para mim o ponto de partida só podia ser esse, naturalmente, mas a exigüidade dos dados disponíveis, mesmo tendo em conta o que tal respeito dissera também o médico Luís Simões nos seus artigos de caça de forma alguma me parecia á altura do potencial dramático da estória. Cenas, situações, encadeamentos e desenlaces, que vinham sobretudo preencher os vazios das versões do que dispunha, passaram então a ocorrer-me com grande freqüência e nitidez. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 45-46).

Os vazios encontrados pelo narrador-personagem do romance de Duarte de Carvalho são indicativos da desconfiança dele no que se relaciona ás versões oficiais da vida de Archibald Perkins veiculadas em Portugal.

Para combater isso, o narrador decidiu refazer os passos do caçador de elefantes inglês e penetrar no solo africano, buscando vivenciar junto com a população nativa de Angola, suas vivências, crenças e dores pessoais.

Essa postura é semelhante á desenvolvida por Ruy Duarte de Carvalho como pesquisador. Novamente a relação autor e obra se encontra e a linguagem de modo

parecido ao exemplo de Khaled Hosseini, também serve para o escritor angolano expor seu ponto de vista.

Stuart Hall nos anos setenta começou a atuar na análise do discurso ideológico.

Inicialmente compreendia-se no meio acadêmico a ideologia como sendo um produto gerado pela sociedade capitalista que dividia-se fundamentalmente entre burguesia e classe operária. Opondo-se a essa noção, Stuart Hall propôs estudar os signos semióticos foram incorporadas no cenário da pesquisa sociológica.

Nos anos 70, no Centro de Estudos Culturais, houve grande empenho no sentido de repensar e re-trabalhar as categorias conceituais de ideologia, seus mecanismos e mapeamentos em várias áreas distintas. Esse trabalho foi conduzido dentro de um espaço conceitual específico, definido por diversos eixos teóricos; primeiro, pela ausência radical de uma teoria adequada ou de conceituação da linguagem e do ideológico nos escritos de Marx e, particularmente, pela necessidade de transcender a metáfora “base-superestrutura”; em segundo lugar, em relação às experiências com o que se pode definir amplamente como a “Escola Althusseriana”, suprir a estruturação teórica ausente; em terceiro lugar, pelas inadequações das teorizações disponíveis para se pensar em conjunto, de forma convincente ou concreta, as relações entre o “social” e o simbólico”. (Stuart Hall, 2003, p. 230).

A definição dada por Hall foi impactante. A partir desse momento os símbolos lingüísticos começaram a ser pensados e representados continuamente. A velha visão do marxismo vulgar na qual toda obra é fruto das condições econômicas e que ela determina o trabalho artístico e começou a ser reavaliada.

Os dois romances possuem significações ligadas á imigração, á moradia, ao deslocamento. O olhar do estrangeiro numa outra nação assume uma dimensão ideológica e vida dos autores desses livros e dos seus narradores-personagens se confundem a ponto de não conseguirem ser distinguidos.

Será que, ao tornarem o autor contemporâneo acessível a todos, o rádio, a televisão exercem uma função salutar, dissipando o efeito do mistério engendrado pela escrita? Só na aparência. Pois na realidade a mídia incentiva fatalmente a ilusão biográfica que leva a buscar o mistério no próprio autor. O sistema continua sendo o mesmo, simplesmente estamos num período de ilusão e inflação galopantes. (Lejeune, 2008, p. 195).

Lejeune entende que a vida do escritor não pode ser compreendida somente com a análise de seus romances. Há inclusive a compreensão por parte desse intelectual que a biografia do romancista não é o aspecto principal para se analisar uma obra. Inicialmente essa definição parece ser consensual, porém surge uma problemática que não pode ser desprezada: Existem romances onde a vida do autor explica muito daquilo que ele escreveu e principalmente como ele escreveu. Como negligenciar isso?

Atualmente a mídia vem dando destaque cada vez maior para as obras que retratam a experiências diaspóricas. Certamente vive-se um momento propício para isso devido á intensificação do processo de globalização e pela emergência de outros grupos sociais que tem assumido um papel identitário relevante.

Hobsbawn (2007, p. 95) admite que no século XXI acentuou-se a crise da identidade dos estados nacionais. Não basta unicamente nascer em um país para se sentir pertencente a ele, pois a possibilidade de vir buscar abrigo em outro lugar é grande.

Tanto o narrador-personagem do romance *O caçador de Pipas* quanto do livro *Os papéis do Inglês* deslocaram-se territorialmente. Escolheram uma vida de mudanças e não aceitaram simplesmente estarem ligados a seu estado-nação original. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, são marcados de modo intenso pela cultura a qual pertencem, chegando a reuni-las através de uma justaposição de idéias, de realidades geográficas e culturais.

“Não posso ir para Cabul” disse eu e Rahim Khan”. “Tenho uma esposa nos Estados Unidos, uma casa, uma carreira, uma família.  
Mas como é que poderia simplesmente fazer as malas e voltar para a casa sabendo que os meus próprios atos tinham custado a Hassan a oportunidade de ter essas coisas também? (Hosseini. 2005, p.

O assunto imigração foi estudado por Stuart Hall. Para ele, vários motivos levam as pessoas a saírem de seu país de origem e irem buscar moradia em outro lugar. Segundo Hall:

As pessoas têm se mudado por várias razões- desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão semi-escravidão, repressão política guerra civil e subdesenvolvimento econômico. Os impérios grego, romano, islâmico e otomano e europeu foram todos, de formas distintas, multiétnicos e multiculturais. (Stuart Hall, 2003, p. 35).

Hall conseguiu definir a razão pela qual a imigração ocorre. Os fatores são múltiplos e complexos para se explicar esse fenômeno, todavia a contribuição mais significativa dada por este intelectual é a de vincular a experiência da diáspora ao passado colonial. Esse tipo de argumento possui relevância quando se leva em consideração o exemplo das sociedades afegãs e angolanas. Ambas tornaram-se independentes, mas mantiveram ainda presentes os traços de exclusão e de desigualdade que as forjaram. Logo, o passado angolano e afegão ao mesmo tempo é refletido pelos

narradores-personagens dos romances estudados como refere-se a alguns dados da trajetória da vida dos autores Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho.

Acredita-se que isso reforça a ilusão de que a vida do autor pode servir de indício para a interpretação de sua obra e de que esta testemunha entende como sendo a sua identidade cultural.

Compreende-se que deve-se após isso como a enunciação dos narradores dos dois romances serve como um mecanismo de contestação do passado colonial de suas nações, verificando como isso também é reflexo da atuação pessoal de ambos intelectuais.

### **3.3- Os narradores-personagens dos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*: a autobiografia de sujeitos diaspóricos ou autoficção literária?**

A situação vivenciada pelos narradores-personagens dos dois romances trabalhados nesta dissertação é interessante.

Ambos relatam como se deu o processo de diáspora. Neste relato dois tipos de características se encontram presentes. Por um lado há uma vertente autobiográfica evidente, pois Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho passaram por essa experiência na vida real. Por outro lado, a vivência desses escritores foi apropriada por eles para construir seus narradores, só que a liberdade imaginativa que a literatura proporciona também se encontra presente, não havendo obrigatoriedade de reproduzir fielmente a trajetória dos autores de *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês*.

Antes de mencionar as passagens em que tais circunstâncias se encontram nos romances deve-se explicar o que ocorre com indivíduos que vivem o processo de diáspora, verificando como eles adquirem hábitos e posturas que mesclam elementos de sua cultura original e do local em que decidem viver.

Tal conceito denomina-se hibridismo e Homi Bhabha, teórico influenciado por Stuart Hall e pelos estudos culturais se encarregou de estudá-lo.

Momento ambíguo e ansioso de... transição que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a promessa de um fechamento celebrativo ou transcendências complexas e até conflituosas que acompanhavam o processo... [Ele] insiste em exhibir... as dissonâncias a serem

atravessadas apesar das relações de proximidade, as disjunções de poder ou posição a serem contestadas, os valores éticos e estéticos a serem “traduzidos”, mas que não transcenderão incólumes o processo de transferência. (Bhabha In Stuart Hall, 1997, p. 75).

O hibridismo se caracteriza por mesclar e unir elementos culturais diferentes. De um modo geral, o sujeito diásporico ao se fixar num outro país estabelece a negociação da sua identidade cultural com a da população do local onde foi morar. Essa negociação se dá dos comportamentos de sua cultura de origem e do atual local de moradia.

Nos dois romances tal situação está presente, pois os narradores-personagens de ambos são indivíduos com a percepção de que a identidade não está fixada não está fixada somente ao país de nascimento, mas pode ser constituída pelas vivências e locais habitados.

O sol já tinha quase desaparecido, deixando o céu envolto em mescla de roxo e de vermelho. Saí caminhado pela rua estreita e movimentada, me afastando do edifício de becos abarrotados de pedestres, bicicletas e riquixás.

Nas esquinas, cartazes faziam propaganda de Coca-Cola e cigarros. Pôsteres de Lollywood, a indústria do cinema paquistanês, exibiam atrizes que dançavam com belos homens morenos de corpos floridos.

Entrei em uma pequena casa de chá, muito enfumaçada e pedi uma xícara de chá. Sentei em uma cadeira dobrável, reclinando-a toda para trás, e esfreguei o rosto. Aquela sensação de estar deslizando para um abismo começava a desaparecer. Mas, em vez disso, estava me sentido como um homem que acorda na sua própria casa e vê que todos os móveis mudaram de lugar. Por causa de tal mudança, cada canto e cada fresta, antes tão familiares, lhe parecem agora estranhos. Desnortado, precisa reavaliar tudo o que o cerca, reorientar-se. (Khaled Hosseini, 2005, p. 224-225).

A sensação de desorientação vivida por Amir reflete a situação paradoxal que envolve o ser diaspórico ... Este se vê dividido entre duas culturas e muitas vezes ele precisa repensar qual identidade de fato este ser quer assumir.

Hall (2003) argumenta que os filhos dos imigrantes árabes que foram morar nos Estados Unidos e na Europa, tem a compreensão de que a identidade é uma categoria múltipla e hifenizada, podendo-se considerar um árabe-britânico ou um árabe-americano. Mesmo assim, Amir tentou durante grande parte do romance *O caçador de Pipas*, esquecer suas origens e sua vida no Afeganistão. Os indícios dados para que o leitor verifique isso são variados, vão desde a mágoa nutrida pelo narrador-personagem de não ter auxiliado seu amigo e meio-irmão, Hassan, como também o modo pelo qual sua família teve de sair do Afeganistão, sofrendo os maiores desrespeitos aos direitos humanos possíveis.

Antes da tentativa, Amir não conseguiu esquecer sua infância em terras afegãs e o motivo que acaba fazendo com que o narrador-personagem retorne á sua terra natal é

justamente aquele que o atormentou durante sua vida, a lembrança de Hassan, personificada na figura de seu filho Sohrab, que se tornara refém de fanáticos seguidores do regime talibã.

Encontramos o Orfanato no setor norte de Kartheh- Seh, perto das margens do rio Cabul, inteiramente seco. Era uma construção baixa, mais parecendo um acampamento militar, com as paredes lascadas e tábuas pregadas nas janelas. No caminho, Farid me disse que Kartheh- Sah tinha sido um dos bairros mais devastados de Cabul e quando descemos do furgão, a evidência era avassaladora. De ambos os lados, as ruas esburacadas, só havia algo que era pouco mas que ruínas de petróleo bombardeando e casas abandonadas. Passamos pelo esqueleto enferrujado de um carro capotado, por um aparelho de TV sem tela e precisamente queimado, por um muro com as palavras “*Zenda Bad Taliban*” (Vida longa ao Talibã) pichada com tinta preta. (Khaled Hosseini, 2005, p. 250).

Neste momento, Amir encontra o orfanato onde supostamente Sohrab estava internado.

Sua primeira reação é de espanto por perceber que o menino não se encontrava presente e de que esse local seguia os desígnios do talibã, regime que era intolerante com todos aqueles que discordassem de seus princípios.

Esta passagem novamente demonstra o conflito vivido pelo imigrante, á ânsia em encontrar resquícios do velho Afeganistão e o choque de vê-lo distante do ideal concebido.

Entende-se que mesmo com elementos ficcionais, porque Khaled Hosseini disse que a segunda parte do romance *O Caçador de Pipas* ,é fruto de sua imaginação pessoal, a experiência de ser diaspórico favoreceu Hosseini conceber o enredo de seu livro.

A ambientação das cenas, e o discurso do narrador-personagem evidenciam a fronteira tênue entre realidade e ficção, deixando o leitor intrigado com a possibilidade dessa situação ter ocorrido na vida real.

Lejeune refletiu sobre a verdade e a mentira de ficção, problematizando de que forma a autobiografia ou a autoficção a representam.

O que é impressionante é a dissociação esquizofrênica entre a autobiografia como valor (reivindicado) e como realidade (recusada). Por que seria, aliás, interessante ou necessário que uma ficção expressasse o eu profundo do autor? Essa afirmação não seria uma espécie de ilusão de recepção, cujo mecanismo é bem ilustrado pelo leitor com intensidade e utilizado por ele para a construção de sua identidade de narrativa parece-lhe não pode vir senão do eu profundo do autor. O intenso parece ser “verdadeiro” e o verdadeiro só pode ser autobiográfico. (Lejeune, 2008, p. 106).

Lejeune retoma a discussão empreendida por ele ao longo de seu trabalho. Obras onde a subjetividade dos personagens ou do narrador são evidenciadas de modo explícito tendem a causar no leitor a confusão se de fato àquilo que é narrado corresponde à realidade do mundo concreto.

A diferença entre autoficção e a autobiografia está justamente nisso, pois até que ponto o escritor tem liberdade de poder fantasiar, distorcer ou modificar dados da realidade, principalmente quando se trata de algum assunto da sua vida pessoal?

Seria o caso de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a um interior da outra exterior, ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história social de nossa nova vida faz parte do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história social da nossa vida faz parte do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. (Halbwachs, 2004, p. 55).

A memória histórica e autobiográfica de acordo com Halbwachs não podem ser vistas como antagônicas, mas sim complementares, porque tudo o que pertence ao ramo histórico encontra correlação no plano pessoal.

Não existe nenhum indivíduo que não seja fruto do seu tempo, do seu meio social e das experiências vividas.

A memória autobiográfica surge com a necessidade que o ser humano possui de testemunhar aquilo que vive. Halbwachs questionou a razão pela qual o indivíduo necessita tornar público nos seus semelhantes aquilo que viveu e seu ponto de vista.

Conceder-nos ao, talvez que um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não são materialmente presentes, se possa falar da memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo. É por isso que, quando um homem entra em casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo ‘‘esteve só’’, segundo linguagem comum. (Halbwachs, 2004, p. 41).

As lembranças fazem parte da vida do ser humano. Elas são as marcas e evidências de que houve um passado e de que ele produziu efeitos duradouros e marcantes na vida dos sujeitos, portanto tornar os fatos ocorridos anteriormente, algo de alcance público, torna-se a necessidade e um forma do indivíduo fixar e reafirmar a sua identidade no mundo.



Halbwachs (2004) expõe que desde criança, as lembranças começam a fazer parte da vida do ser humano. Os primeiros exemplos surgem na família e nos hábitos que esta adquire.

Posteriormente, os acontecimentos históricos de grande comoção, como guerras, revelações íntimas de celebridades, mortes de pessoas famosas e modificações de regime político alteram a percepção individual e se tornam parte de sua forma de expressar o mundo.

Nos dois romances a afirmativa de Halbwachs está contemplada, porque fenômenos históricos como queda de um governo, substituição do regime monárquico pelo regime comunista, como ocorre em *O Caçador de Pipas* e os desdobramentos do período colonial na África e o legado deixado por este, presente em *Os papéis do Inglês*, problematizando ainda mais o que separa a autobiografia da autoficção literária.

Se a autobiografia é a escrita da vida do autor, e a autoficção é a mescla de elementos de vida desse sujeito com dados imaginários, pode-se afirmar que os dois livros confundem e alteram estes dois conceitos ao ponto deles não conseguirem ser diferenciados de modo pleno e objetivo.

No *Caçador de Pipas*, as evidências autobiográficas são bastante significativas, principalmente no primeiro capítulo, onde o narrador-personagem descreve e conta a sua infância no Afeganistão, seus hábitos e como ele enxergava o mundo e as pessoas que o rodeavam.

Num primeiro momento, Amir justifica sua vida por meio de uma reavaliação constante daquilo que ele viveu em terras afegãs e de sua estadia nos Estados Unidos, onde ele se tornou um professor universitário de renome e prestígio.

A conexão intrínseca entre identidade e autonomia também é muito importante em contextos terapêuticos. O autonarrar, o refletir e o trabalhar sobre isso em um ambiente terapêutico está basicamente vinculado à idéia normativa de autonomia.

Em geral, o objetivo da terapia, é por meio de cooperação, criar novas possibilidades de autodeterminação e recuperar e expandir as antigas.

Narrar focalizando a questão da identidade pode e deveria, portanto, ser útil para estabilizar e expandir o potencial subjetivo para ação particularmente, mas não exclusivamente, em contextos psicoterápicos. (Jurgen Straub, 2009, p. 83-84).

Straub conseguiu explicitar o potencial narrativo que cada indivíduo possui. Narrar faz parte da natureza humana e a autobiografia consegue se diferenciar das outras formas de narrativa, simplesmente por dar grande destaque a memória individual de cada pessoa.

A autobiografia tem como instrumento principal as memórias pessoais, porém elas não estão ligadas unicamente à trajetória de vida de um sujeito, possuindo relação também com o contexto histórico da qual ele pertence e dos eventos e acontecimentos que causaram modificações em sua existência.

Straub analisou os estudos de Philippe Lejeune e concebeu que história e todas as outras ciências humanas favoreceram a proliferação de biografias e autobiografias, devido ao fato delas enfatizarem de se conhecer e preservar memórias.

Tramas culturais canalizam o nosso entendimento o nosso eu e sobre o nosso mundo, e portanto, também o nosso entendimento sobre as possibilidades que temos de certa forma de nós mesmos. Um expressivo número de tramas é, em grande parte obra das ciências da memória.

Certamente essas ciências tiveram um papel nesses esquemas e roteiros narrativos, bem como bem-sucedida política atual da memória. Uma história de vida como experiência de tempo pessoal é criada ex post facto.

É uma cadeia de eventos articulados por memórias e, retrospectivamente à luz do esquema cultural narrativo, pode ser articulada com a própria história de vida de uma pessoa. (Straub in Helmut Galle org e outros, 2009, p.91).

Straub conseguiu demonstrar que a memória individual não está desligada da história coletiva e algumas pessoas, tem uma vida bastante expressiva, conseguindo romper preconceitos e transpor fronteiras tendo sua vida associada à trajetória política de seus países.

Straub (2009) verificou que em narrativas autobiográficas de cunho diaspórico, infância assume relevância, pois o autor-narrador precisa traçar sua existência desde o início do seu processo de vida.

Isso ocorre em *O Caçador de Pipas*, pois na primeira parte do romance, o narrador descreve como foi infância e os acontecimentos mais marcantes dessa faixa etária.

Já em relação aos *Papéis do Inglês*, o teor autobiográfico é mais difícil de ser analisado, pelo fato de o narrador e o personagem principal da narrativa serem pessoas diferentes e cada um desses seres refletir o modo de vida do outro.

Pode-se argumentar que inicialmente o personagem principal do romance de Ruy Duarte de Carvalho é Archibald Perkins, um antropólogo britânico que foi para Angola em busca do suposto tesouro. Chegando no local, ele se depara com a realidade do mesmo e esboça uma compreensão diferenciada da vida.

Com uma vida cheia de emoção e aventura, Perkins acaba se suicidando, só que as razões disso só são conhecidas por meio de um narrador-personagem que não se denomina, mas que desconfia da versão produzida para este acontecimento.

O narrador-personagem argumenta que se os europeus analisaram durante grande tempo, o continente africano por meio de uma visão eurocêntrica e preconceituosa, razão apontada par o suicídio do caçador de elefantes inglês também pode ser contaminada por tal vício.

Identidade e dissociação são definições relacionadas e, ao mesmo tempo, contrárias. Não são *meros conceitos opostos* da teoria temporal e biográfica. Formam horizontes naturalmente contrastivos de comparação, e assim, iluminam sua semântica cultural. A aceção de um conceito pode ser determinado á luz do outro. Alguém que é uma personalidade múltipla não ‘tem’ uma identidade e alguém que luta por sua identidade e personalidade autônoma- todavia, não se torna- ou pelo menos, não até o momento um bola de cristal com qual se brinca no determinístico jogo. (Straub in Helmut Galle org e outros, 2009, p. 93).

Straub quis demonstrar que a discussão sobre a veracidade dos fatos vividos no texto literário é bastante reducionista. Não basta discutir qual texto é menos ou mais autêntico, mas sim perceber quais são as estratégias criadas para gerar uma noção de veracidade.

Diana Klinger, uma estudiosa da literatura nascida na Argentina vem se destacando nos últimos anos pela pesquisa do conceito de autoficção.

Para ela essa palavra comporta muito mais do que um conceito literário, ela é uma forma de atuação e de filosofia do conhecimento que põe em evidência as categorias tradicionais da crítica literária como autor, narrador e personagem.

Várias obras, especialmente na literatura latino-americana atual trabalham com a autoficção, tornando difícil para o crítico e para o leitor especializado poder definir se quem está narrando a história é o narrador, o autor ou personagem. Além disso, outro detalhe adquire significação, a preocupação em definir o que é verdade e o que é mentir torna-se algo praticamente irrelevante, dando o aspecto tênue dessa prática, onde o que se relata, mesmo que seja um pura fantasia representa um discurso que deva ser considerado como tal.

Na década de 60, o estruturalismo tornou-se uma corrente de pensamento de impacto das ciências humanas. Na literatura pode-se argumentar que legado deixado pelo estruturalismo foi á análise da obra como um sistema, que é composto de fatores de ordem estética e moral, mas principalmente discursiva e ideológica, determinam a razão de existência do texto literário.

Os estruturalistas criam nisso devido o enfraquecimento da matriz de pensamento que afirmava ser o sujeito á causa principal das transformações sociais.

Para estes pensadores, a sociedade suas estruturas de comportamento e suas instituições moldavam o indivíduo continuamente, impedindo em alguns casos e restringindo em outros, a sua capacidade de ação e de contestação.

Foucault se inspirando nas reflexões deixadas por Nietzsche foi o intelectual que mais destacou junto com Derrida em abordar a chamada “morte do sujeito”, classificada pelos literatos como “morte do autor”.

A maior contribuição de Foucault para essa discussão se deu quando ele publicou a obra chamada *As palavras e as coisas*. Nesta o pesquisador francês demonstrou que o conhecimento de uma determinada época é transitório e é fruto das ideologias, das necessidades e das conveniências do momento histórico em questão. Foucault argumenta que:

Os códigos fundamentais de uma cultura, aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos; suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais há de se encontrar. (1985, p. 10).

Ao se analisar o pensamento de Foucault compreende-se que o código ou a norma do mundo contemporâneo é aquela na qual o discurso assume relevância perante as idéias, já que estas só adquirem sentido por meio da palavra. Devido a essa constatação, Foucault pretendeu realizar um estudo de cunho filosófico tentando evidenciar como certos procedimentos metodológicos e comportamentais tornam-se usuais numa determinada época.

Acredita-se que isso pode servir para se entender a razão pela qual diferentes autores tem se utilizado da autoficção. Tornou-se uma norma nos dias atuais de que o testemunho humano é fundamental para se preservar os acontecimentos do passado.

É interessante observar que tempos depois da publicação da obra *As Palavras e As Coisas*, o próprio Foucault tenha revisto a idéia defendida pelo estruturalistas de que o autor como uma categoria literária tenha morrido.

Esse pensamento era fruto de um contexto histórico em que o sujeito humano como um agente social tinha perdido a primazia revolucionária de outros tempos.

A crise do socialismo soviético, o enfraquecimento da estrutura do antigo estado de bem estar social europeu e o avanço de ideologias conservadoras neste continente e em outros países influenciados pela cultura européia, causou repercussões no mundo acadêmico, portanto analisar as estruturas em detrimento ao estudo da ação humana, foi

durante um período uma prática, todavia nos últimos anos a situação vem se modificando.

Algo que merece ser mencionado é o fato de América Latina ter dado significativa contribuição ao debate e na produção de obras que exploram o conceito de autobiografia, mas principalmente o de autoficção.

Diana Klinger (2007) argumenta que a literatura contemporânea tem se caracterizado por trazer a tona novamente a figura do autor, só que diferentemente do que era feito no passado, em muitos casos, o autor, o escritor e o sujeito que narram são instâncias muito próximas, sendo o ato de escrita, o próprio sujeito em si, que não podendo ou não querendo se expressar de outra forma, escolhe a literatura como mecanismo de transmitir seu testemunho.

Atualmente vários programas televisivos, os chamados reality-show tem explorado a vivência humana e os testemunhos individuais para chamar a atenção do público e garantir audiência, o que permite compreender que uma das normas comportamentais do mundo moderno é a perda de intimidade, a proliferação de discursos e de testemunhos, a exposição de vivências de qualquer sujeito para outras pessoas diferentes do seu mundo particular.

Isso permitiu que o termo autoficção começasse a se tornar comum no meio acadêmico e literário, já que se todos os seres humanos podem contar histórias, nada mais apropriado que estas girem em torno de sua vida ou de suas crenças pessoais, podendo mesclar-se com elementos da fantasia de cada pessoa ou de códigos morais e ideológicos das sociedades de onde estes sujeitos provêm.

Num certo trecho do romance *O Caçador de Pipas*, o narrador-personagem faz uma reflexão sobre o passado. Ele relembra de seu amigo Hassan, por meio de uma foto tirada na infância. Interpretando-se a fala do narrador e verificando a história de vida do escritor desse romance, percebe-se não só evidências autobiográficas, como também autoficcionais, porque não teria Khaled Hosseini produzido a ficção a partir de suas memórias pessoais? Não seria a saudade nutrida por Amir, um sentimento característico de todos os imigrantes ou exilados que tendo que abandonar seus países por perseguição política, carregam dores e culpas pela ação executaram? Não seria escrita uma forma de atenuar e de trabalhar essas traumas? São perguntas instigantes que não podem ser respondidas com uma convicção dogmática, porém entende-se que elas apontam para a problemática da dissertação, autobiografia e autoficção são conceitos bastante próximos e torna-se difícil separá-los de modo fixo.

Lá pelas tantas, no meio da noite, levantei para ir até o quarto de Sohrab. Fiquei parado, junto da cama, olhando para ele, e vi alguma coisa aparecendo por debaixo do travesseiro. Peguei para ver. Era a foto Polaroid tirada por Rahim Khan, aquela que eu tinha lhe dado na noite em que estávamos sentados na mesquita Shah Faisal. Aquela em que Hassan e Sohrab estão parados, um ao lado do outro, apertando os olhos por causa do sol, e sorrindo como se mundo fosse um lugar bom e justo. Perguntei com meus botões quanto tempo. Sohrab teria ficado deitado na cama fitando aquele foto, virando-a e revirando-a nas mãos. (Khaled Hosseini, 2005, p. 353).

Amir relembra seu passado e vê no filho do seu meio-irmão Hassan, a materialização de um passado que não pode ser mais criado. A única forma de manter resquícios desse passado é narrá-lo e tornar um acontecimento de foro íntimo num assunto interessante para outras pessoas.

A cena narrada acima pelo narrador expõe evidências da atual literatura autoficcional.

Os elementos descritos pelo narrador estão presentes no cotidiano de muitas pessoas, como a foto Polaroid, a possibilidade da lembrança, a foto entre pai e filho e a saudade nutrida pelo filho em relação a um pai que faleceu cedo e que não pode amparar e educar o filho.

São situações de emoção exacerbada que tem sido segundo Diana Klinger (2007) a temática principal das literaturas autoficcionais. Elas tem como principal função confundir cabeça do leitor sobre a possibilidade de um sujeito na vida real. Isso ocorre porque a narração é tão subjetiva marcada por impressões de um determinado sujeito, no caso do romance de Khaled Hosseini, o narrador-personagem, Amir, que há um ‘sede de realidade’, uma necessidade de trabalhar os sentimentos humanos a exaustão.

Em *Os papéis do Inglês*, o narrador reflete continuamente sobre o ato de escrever e das possibilidades que o escritor tem de tornar algo fantasioso em verossímil e vice-versa, algo que vem sendo praticado pelos escritores que se utilizam da autoficção.

Ora então não era eu que vinha ali, era o sujeito da minha própria ficção. Pra quem, no meio de alguma paranóia e indifarável esquizofrenia (cada um de nós aqui no fim destes anos todos de perplexidade constante, transposta para onde vai as marcas do exercício pessoal de sobrevivência) entre a renúncia e a denúncia, só teria contrapor a expressão da sua própria experiência e ainda assim, enquanto não desistisse de uma qualquer hipótese de Angola, e expor evidências mais do que acusações. E para isso o meu primo Kaluter não era o destinatário ideal. (Ruy Duarte de Carvalho, 2007, p. 109).

O narrador questiona a sua identidade, ele seria o sujeito da ficção ou o produtor de um sujeito ficcional? O romance de Ruy Duarte de Carvalho explora bastante esse dilema, pois o narrador se apropria da vida de uma outra pessoa, o antropólogo inglês Archibald Perkins e pretende recontá-la, só que em vez de se ater às fontes e os discursos existentes sobre a vida desse indivíduo, o narrador se dá o direito de inventar a sua história de colocar nuances e detalhes que ele julga serem importantes.

Tal prática é uma das conseqüências geradas pelo conceito de autoficção. O escritor como um ser que faz parte do mundo textual pode construir e desconstruir discursos e ao mesmo tempo em que tem na imaginação sua ferramenta de trabalho, ele se utiliza da realidade social como uma forma de representação e no caso do romance de Duarte de Carvalho, de denúncia.

A ação do narrador é uma representação evidente da discordância do escritor em relação á sistemática da antropologia clássica européia em terras africanas. Em vez desses profissionais terem estudado estas sociedades e compreendido seus comportamentos sem emitir juízos de valor, o que houve, foi a configuração de uma noção classificatória e excludente, onde o outro é visto como inferior, porque não comunga das práticas e opiniões da cultura dos pesquisadores.

Diana Klinger argumenta que:

A autoficção participa da criação do mito do escritor, uma figura que se situa no interstício entre a "mentira" e a "confissão". A noção do relato como criação da subjetividade, a partir de um manifesta ambivalência a respeito de uma verdade prévia ao texto, permite pensar, como veremos a seguir, autoficção como uma performance do autor. (2007, p. 14).

A autoficção possibilitou que qualquer sujeito que queira e disponha de instrumentos para tal possa criar ficção da sua própria vida. Ao fazer isso, esse indivíduo desenvolve um processo de auto-análise, porque antes de expor suas vivências para as outras pessoas, ele escreve para si.

Dobrovsky foi talvez o primeiro intelectual a se desfiar no campo da autoficção.

Anteriormente esta palavra era mal compreendida e muitas vezes confundida com a autobiografia, termo que também não era entendido principalmente na França.

A polêmica entre Philippe Lejeune e Serge Doubrovsky expõe dificuldade que desde os anos setenta os críticos literários possuem classificar romances que tratam de aspectos da vida de seus escritores.

Inicialmente Philippe Lejeune conseguiu diferenciar a autobiografia do romance pela noção de que o gênero autobiográfico estabelecia um pacto de veracidade entre o escritor e o público leitor. Após Doubrovsky ter escrito o livro *Le Fils* e ter demonstrando que o pacto não precisa necessariamente existir para atestar verdade do texto literário, a autoficção tornou-se um conceito que não pôde mais ser excluído pela crítica literária.

Lejeune reconheceu que a classificação era falha e se pautou por vinte e cinco anos depois da formação da teoria do pacto autobiográfico, num relativismo de toda forma de classificar e julgar textos, entendendo que o ser humano existe, ele pode criar ficções.

Evidencia-se que Lejeune conseguiu ser influenciado pela proposta teórica de Doubrovsky que tenta responder de modo sistemático ao que é autobiografia e ao que é autoficção, pode levar a reducionismos e incoerências teóricas.

Conforme Doubrovsky: “ a autoficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando no sentido estrito do termo, a experiência da análise não somente no tema, mas também na produção do texto. (1988, p.77).

Reside nas palavras de Serge Doubrovsky a diferença fundamental entre a autobiografia e autoficção.

A autobiografia é a escrita de um ser pleno que o narrar sua vida necessita criar no leitor a noção de que aquilo que é relatado é verdadeiro. Já a autoficção não tem essa preocupação, nela há a dramatização do sujeito, entre aquilo que pode ser verdade ou mentira, para desembocar na seguinte afirmativa, se o sujeito relata essa é a sua verdade, não podendo ser apreendida de modo idêntico por nenhum outro indivíduo.

Fiquei seduzido pelo termo “pacto” autobiográfico que evoca imagens mitológicas como os pactos como os “pactos com o diabo” em que vende a alma, assinando com o próprio sangue ... Contrato é mais prosaico: tem-se a impressão de estar no cartório. [...] (Lejeune, 2008, p. 56).

Lejeune expõe que para classificar a operação que segundo ele caracterizava a autobiografia, ele teve de recorrer a palavra pacto, que significa algum tipo de contrato entre duas pessoas, daí o fato do autor citar que pacto remete a cartório.

Posteriormente Lejeune reflete como ele acreditava que era construído o pacto, que conforme ele era:



[...] um ato de comunicação; nos textos que privilegiei, o contrato, não é apenas uma das condições de leitura do texto, mas está explícito na parte inicial do texto lido. Em *L' autobiographie em France*, fiz uma analogia desse microgênero literário que é o preâmbulo de autobiografias. Ao fazer um acordo com o narratário cuja imagem constrói, o autobiógrafo incita o leitor real e entrar no jogo dando a impressão de um acordo assinado pelas duas partes. Mas sabe-se que o leitor real pode adotar modos de leitura diferentes do que é sugerido e que, sobretudo, muitos textos publicados não comportam nenhum contrato explícito. (2008, p. 57).

Lejeune dissecou o procedimento da autobiografia, criar um pacto de confiança entre quem escreve e quem lê. Mesmo assim, o intelectual francês reconheceu que o leitor não era obrigado a participar dessa convenção e esta possibilidade admitida por ele, redundou na admissão de que estabelece o chamado pacto autobiográfico, não dá ao texto um caráter eminentemente verídico.

Diana Klinger considerou como significativa revisão teórica e metodológica feita por Philippe Lejeune após o confronto teve com Serge Doubrovsky.

Além disso, para a autora conseguiu se caracterizar por meio da performance literária. Não basta a existência de um sujeito que narra a história em primeira pessoa e que conta suas vivências. É preciso que tal aspecto se relacione com elementos do mundo textual, com descrição de paisagens, de datas e acontecimentos históricos, com a crítica de noções e ideologias pré-estabelecidas, mas principalmente com a provável idéia de o que foi relatado pode representar o mundo real, sem ser uma reprodução fiel e original do mesmo.

Klinger aponta que a literatura de Silviano Santiago e João Gilberto Noll vem trabalhando com os conceitos e a noção de autoficção literária.

Os narradores desses escritores buscam instigar o leitor a respeito da possibilidade de se compreender a realidade, além de formarem discursos que não podem ser avaliadas unicamente pelo viés literário, mas também com suas conexões antropológicas, filosóficas, históricas e sociológicas.

A problemática apontada ao longo desse subtítulo sobre o fato dos romances *O caçador de Pipas* e *Os papéis do Inglês* serem autobiografias de sujeitos diaspóricos ou autoficções literárias não pode deixar de ser respondida.

Ambas as obras são ao mesmo tempo autobiografias e autoficções. Elas são autobiografias pelo fato de terem elementos da vida dos autores e esses elementos serem bastantes evidentes para serem negligenciados. A semelhança da trajetória de vida do narrador Amir e Khaled Hosseini, o motivo de exílio do personagem e do escritor e a admiração pela cultura americana e o sucesso obtido nessa sociedade, foram aspectos que tiveram presentes na vida do narrador e do escritor afegão.

A profissão do narrador do romance de Ruy Duarte de Carvalho, a preocupação deste e do criador da obra em desfazer a visão etnocêntrica nutrida pelos europeus em relação às sociedades africanas e a análise criteriosa de detalhes, de símbolos e de comportamentos da cultura angolana e sua identificação com Portugal, mesmo sendo essa identificação de modo negativo ou impositivo, devido aos resquícios do passado colonial, colocam o leitor que houve por parte dos dois escritores a representação de suas vidas nos romances de sua autoria, porém a escrita de si, a tensão entre aquilo que se revela e o que não se revela, a distância entre aquilo que pertence e o que não pertence ao mundo da ficção e da não ficção estão presentes nos dois romances, obrigando ao pesquisador admitir que por mais Khaled Hosseini e Ruy Duarte de Carvalho aleguem não conhecer estes conceitos ligados a teoria da narração literária, eles se utilizaram deles.

## **Conclusão:**

Considerando-se a discussão proposta ao longo dessa dissertação, necessita-se afirmar algumas idéias que acredita-se merecerem destaque.

A primeira refere-se a problemática do texto. Ela gira em torno da dificuldade em se estabelecer a diferença entre a autobiografia e a autoficção na produção da literatura romanesca atual.

Concorda-se com esta dificuldade, porém necessita-se mencionar e explicitar que o conceito de autoficção é uma derivação da discussão iniciada por Philippe Lejeune em meados da década de 70 entre a diferença do romance autobiográfico e da autobiografia.

Como os modelos normativos de Lejeune não conseguiram resistir a provocação executada por Doubrovsky na obra *Le Fils*, a possibilidade do sujeito criar a sua própria história não pode mais ser negada.

Outro detalhe é o fato dos dois escritores terem obras que refletem acontecimentos e aflições que perpassam suas vidas.

No caso de Khaled Hosseini e do narrador de seu romance, chamado Amir, as semelhanças são grandes. Ambos nasceram no Afeganistão, tiveram uma infância abastada e necessitaram abandonar suas nações de origem e buscar asilo político nos Estados Unidos. Quando se refere *Aos papéis do Inglês*, a prática autoficcional fica mais evidente.

O narrador decide recontar uma história, porém ao fazer isso, ele reconta sua vida, entra em experiências de análise etnográfica, vindo a penetrar em recantos do solo angolano.

A segunda idéia é a confirmação de que a diferença que separa o conceito de romance autobiográfico para o de autoficção ser bastante tênue e problemático. Se os próprios teóricos possuem dúvidas e incertezas sobre como classificar estes conceitos, compreende-se que este trabalho não visa responder essa problemática de modo normativo e sectário, mas perceber nuances tanto na autobiografia, quanto da autoficção nos dois romances.

A terceira questão é o componente teórico do trabalho. Philippe Lejeune e Serge Doubrovsky podem ser considerados as fontes principais dessa pesquisa, porque ambos polemizaram e atuaram intensamente nos pontos de vista elencados por eles como importantes.

A quarta questão é o fato dos dois narradores-personagens serem seres diaspóricos, eles abandonaram seus países de origem e foram morar em outros, que favoreceu a vivência com outras pessoas e reforçou nesses indivíduos a necessidade de dividir suas angústias e experiências com outras pessoas.

A quinta questão refere-se a elaboração dada à autobiografia e autoficção.

Esses dois conceitos só podem ser pensados levando-se em consideração os romances analisados.

Evitou-se trabalhar com a abordagem teórica de modo rígido e exigir dos romances que apontassem aspectos teóricos. O procedimento tomado foi o oposto, inicialmente leram-se os romances, foram feitas observações iniciais sobre eles e posteriormente, ingressou-se no aporte teórico e lá se percebeu que as obras escolhidas para esta dissertação estavam ligadas discussão do meio literário.

Tal aspecto facilitou a existência de romances oriundos de nações que foram colonizadas ou que colonizaram, tem maior acesso a informação e acontecimentos e isso reflete em sua literatura, principalmente na narração de aspectos geográficos do local onde essas histórias se desenrolam.

A última questão é o desdobramento e a busca incessante entre a verdade e a mentira no mundo literário.

Essa preocupação sempre esteve presente, porém pensa-se que após a emergência do conceito de autoficção e da publicação e circulação editorial de vários livros que se utilizam dessa prática, analisar o que é verídico ou inverídico num texto ficcional tornou-se algo interessante e ao mesmo tempo importante para a crítica literária.

Tanto *O caçador de Pipas*, quanto *Os papéis do Inglês*, oscilam entre o que se concebe como romance autobiográfico e literatura autoficcional.

São dois romances contemporâneos que refletem o debate literário já mencionado anteriormente sobre os dois conceitos, mas também são exercícios de escrita de vidas íntimas, as chamadas “escritas do eu”, onde aspectos subjetivos estão presentes forçando o analisador desses textos que leve isso em consideração, pois ele pode reproduzir unicamente o discurso do narrador sem conseguir criticá-lo ou verificar sua atuação de modo mais criterioso.

Chegou-se á conclusão que os dois romances trabalhados nessa dissertação representam textos híbridos, ou seja, que mesclam elementos do gênero autobiográfico, autoficcional e romanescos, mas que acima de tudo, possuem uma relação com a memória e com a expressão desta por meio do texto, o que reforça a noção pré-existente de que o papel da literatura, não é só entreter, mas informar e trabalhar com as palavras e discursos desdobrando-se muitas vezes sobre como se efetua essa prática, algo presente tanto na configuração do romance autobiográfico, quanto do romance autoficcional.

## **Referências:**

### **Teoria Literária e Cultural**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1985.

BARTHES, Roland. *O rumor e a língua/ Roland Barthes: prefácio Leyla Perrone-Moisés; tradução Mario Laranjeira: revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva*- 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. São Paulo: Ed. Vozes, 2000.

DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.

*Dicionário das Mobilidades Culturais: percursos americanos/ Zilá Bernd ... [et al]* Porto Alegre: Literalis, 2010.

*Dicionário dos Conceitos Históricos/ Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva*. 2 ed.- São Paulo: Contexto, 2006.

**Dicionário de Análise Do Discurso/** Patrick Chauredeau, Dominique Maingueneau; coordenação da tradução de Fabiana Komesu- 2 ed; 3 reimpressão- São Paulo: Contexto, 2008.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico; Escrever uma Vida/** François Dosse, trad Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

**Espaço (En) Cena /** Marisa Martins Gama- Khalil, Jucelén Moraes Cardoso e Rosana Gondim Rezende, organizadores. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem e as Coisas-** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GASPARINI, Philippe. **Est- il Je? Roman autobiographique et autoficcion.** Paris: Seuil, 2004.

GALLE, Helmut org e outros. **em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia.** (org) Helmut Galle; Ana Cecília Olmos, Adriana Kanzepolsky; Laura Zuntini Izarra. São Paulo: Anablume, FAPESP FFCLH, USP, 2009.

GENETTE. Gerard. **Discurso da Narrativa-** Lisboa: Arcádia, 1979.

KLINGER, Diana. **Escritas do Outro. O retorno do autor e a virada etnográfica.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

HALL, STUART. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Org. Liv Sovik; trad Adelaine La Guardia Resende ... [et al] Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo. Centauro, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria ficção.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HOBBSAWN, Eric. **Globalização Economia e Terrorismo:** Eric Hobsbawn. Trad José Viegas. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)* . Tradução Marcos Santarita: revisão técnica Maria Célia Paoli, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEJEUENE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rosseau á Internet*. Org. Maria Jovita Grenhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LEFEBVE, Jean Maurice. *Estrutura do Discurso da poesia e da narrativa*/Maurice Jean Lefebve. Coimbra: Livraria Almedina, 1975.

LODGE, D avid. *A Arte da Ficção*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: Editora L& PM, 2010.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In:Projeto História: São Paulo: PUC, n 10, p7. 28 de dezembro de 1993.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.

REMÉDIOS, Maria Luiza. *Literatura Confessional- autobiografia e ficcionalidade*/ Maria Luiza Ritzel Remédios. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

SILVA, Márcio Seligman. *O Local da Diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*/ Márcio Seligman Silva. – São Paulo: Ed 34, 2005.

REIS, Carlos. *Dicionário da teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SAYD. Edward. *O Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*/ tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SOUZA, Roberto Acízelo. *Iniciação aos Estudos Literários: objetos, disciplinas e instrumentos*/ Roberto Acízelo de Souza. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

*Teoria Literária em suas fontes, vol. 1/ seleção, introdução e revisão técnica*, Luiz Costa Lima- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *Breve História da África*/ Paulo Fagundes Vizentini; Luis Dario Ribeiro e Analucia Danillevicz Pereira.- Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.



WALLESTEIN, Immanuel. *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

### **Romances:**

CARVALHO, Ruy Duarte. *Os Papéis do Inglês ou O Gangueiro do Coice*/ Ruy Duarte de Carvalho. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DOUBROVSKY, Serge. *Le Fils*. Paris: Galilée, 1980.

HOSSEINI, Khaled. *O Caçador de Pipas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

### **Sites da Internet:**

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Entrevista dada ao Diário de Notícias*. Acesso dia 26 de abril de 2010.

GALVÃO, Henrique. [www.rtp-Grandesportugueses](http://www.rtp-Grandesportugueses). Acesso 16 de abril de 2010.

HALL, Stuart. *Entrevista dada a Heloísa Buarque de Holanda ao Jornal do Brasil*, acesso 15 de setembro de 2010.

HOSSEINI, Khaled. [www.cal.com.br](http://www.cal.com.br). Acesso dia 19 de julho de 2010.